

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

**Juliana Aparecida de Oliveira Camilo**

**Trabalhador, ídolo, sobrevivente, “casca-grossa” e humano: um  
estudo sobre versões de atletas de *Mixed Martial Arts***

**DOCTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

**SÃO PAULO  
2016**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

**Juliana Aparecida de Oliveira Camilo**

**Trabalhador, ídolo, sobrevivente, “casca-grossa” e humano: um  
estudo sobre versões de atletas de *Mixed Martial Arts***

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia Social, sob a orientação da Professora Doutora Mary Jane P. Spink.

**SÃO PAULO  
2016**

**Banca Examinadora**

---

---

---

---

---

Este trabalho contou com a “Bolsa Dissídio”, destinado aos trabalhadores da PUCSP, e com o auxílio parcial ao seu desenvolvimento via FUNDASP - Plano de Incentivo à Pesquisa – Capacitação Docente (PIPEq), processo 385/2015.

Dedico este trabalho aos homens mais importantes da minha vida.

Para aquele que era absurdamente forte e paradoxalmente frágil. Que me inspirou e me inspira tanto para estudar quanto para trabalhar. E que deixou uma saudade enorme... Meu pai, Marques de Oliveira (*in memoriam*).

Para aquele que tem o Karatê Budô dentro de si, a força de um campeão e a doçura de uma criança - meu marido e companheiro, Rafael Camilo.

E para quem, ao nascer, trouxe nova vida para nossas vidas, o amor puro e a bagunça gostosa de ser vivida. Meu filho querido, Mateus Camilo.

## Agradecimento

A tentativa de fazer palavras transportarem gratidão é um desafio tão grande quanto escrever uma tese. Ainda assim, mergulharei aqui nessa empreitada, tendo a convicção de que palavras terão suas limitações para expressar o agradecimento e a admiração que tenho pelas pessoas que ajudaram na construção desta pesquisa.

À Mary Jane, orientadora, professora, inspiradora, que com sua doçura, conhecimento e sabedoria acolheu a construção desta tese.

À professora Carla Cristina que chegou ao finalzinho da tese, mas que impactou as reflexões e abriu possibilidades futuras.

À professora Fúlvia Rosemberg (*in memoriam*) que deixou uma inspiração enorme e uma dor gigante com seu “até logo”.

Ao Cristiano Barreira, Kátia Rúbio, Mariana Prioli e Myrt Cruz, que muito me lisonjearam, ao ajudarem na construção desta tese e a honraram com suas avaliações.

Aos professores Carlos Bonillo e Karina Bonillo, fundamentais na amizade e na leitura dos textos densos em outro idioma.

Às trabalhadoras e aos trabalhadores da FEA – PUCSP, local em que tenho orgulho de trabalhar. Agradeço especialmente à Regina, ao Carlos e à Cris que sempre estão dispostos para ajudar e que tanto contribuíram!

À Marlene, trabalhadora do Programa de Psicologia Social, que sempre nos esclarece, apoia e tranquiliza.

À minha mãezinha... Felizes daqueles que podem ter uma mãe amada ao seu lado! E amá-la do jeito que ela é.

Agradeço à minha irmã Luciana que, igualmente, brincando, brigando, falando bobagens tanto ajudou na construção deste trabalho.

Aos amigos Dhyonatan Júnior, Luan de Campos e Thiago Menna Barreto. Amizade inesperada e profunda. Que venham muitos outros anos de troca, amizade e produção de conhecimento.

Aos companheiros do Núcleo de Pesquisa em Práticas Discursivas e Produção de Sentidos, em especial a George Moraes, Juliana Meirelles, Liz Miranda, Rafael Furtado e Rosa Azevedo. A vocês, agradeço as conversas filosóficas, os papos despreziosos dos cafés e as mensagens desesperadas pelas redes sociais.

Tenham certeza de que vocês fizeram a diferença! E o que dizer de Pedro que, mesmo sem me conhecer pessoalmente, ajudou-me grandemente!

Ao “Cristian”, que abriu as portas do MMA para que esta pesquisa fosse realizada.

À Bruna Balan, que conheci na fila da matrícula do doutorado e que hoje é fundamental na minha vida. Amiga de trocas, dilemas e de amor à psicologia.

Ao “anjo do joelho”, Dr. Daniel Esperante Gomes e toda a sua equipe, que foram sensacionais em minha reabilitação. Entre injeções, procedimentos cirúrgicos e avaliações clínicas, muitas trocas sobre MMA.

Aos queridos alunos de Psicologia Social, Paulo e Sidnei e, em especial, à Aline, que topou embarcar em uma Iniciação Científica sobre o tema.

À Priscila Moraes, por sua amizade, trocas e ajuda durante o doutorado, reabilitação e dúvidas existenciais.

Ao jornalista Fernando Cappelli que, sempre solícito e gentil, sanou dúvidas essenciais.

Aos participantes deste estudo, dos quais adoraria citar aqui os nomes verdadeiros.

Em especial, ao “Marcelo” e ao “Prof. Antonio” que foram sensacionais comigo.

Obrigada pela confiança, pelo carinho, pelo acolhimento e sinceridade.

Agradeço a Deus e aqueles que me assistem espiritualmente.

A todas e todos... “Oss”

## Sumário

<b>Apresentação</b> .....	<b>12</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>14</b>
<b>Capítulo 1 – Sobre a construção da pesquisa: dos objetivos e procedimentos</b> .....	<b>22</b>
1.1 Objetivo geral .....	22
1.2 Objetivos específicos .....	22
1.3 Uma Psicóloga Social no MMA .....	22
1.4 Sobre a pesquisa etnográfica .....	27
1.5 Os atores e suas ações.....	30
1.6 A rotina de treinamentos .....	31
1.7 O acompanhando do <i>camp</i> .....	32
1.8 A semana da luta.....	33
1.9 O dia do combate.....	35
1.10 O pós-luta .....	35
1.11 O diário .....	35
1.12 A descrição densa .....	36
1.13 Questões éticas .....	37
<b>Capítulo 2 – O <i>Mixed Martial Arts</i> (MMA) no Tempo Longo da História</b> .....	<b>39</b>
2.1 Um ponto possível de partida: as lutas nos registros rupestres .....	39
2.2 O <i>Pankration</i> .....	41
2.3 Os gladiadores do império romano.....	44
2.4 O MMA no Brasil.....	46
2.5 A criação do UFC, a principal liga de MMA do mundo .....	51
2.6 Outras ligas que desenvolveram o MMA: Pride e Strike Force .....	57
2.6.1 O <i>Shooto</i> .....	57
2.6.2 O <i>Pride Fighting Championships</i> .....	58
<b>Capítulo 3 – Esporte, Espetáculo, Economia: a multiplicidade do MMA</b> .....	<b>60</b>
3.1 O MMA como esporte.....	62
3.2 O MMA como Espetáculo: os rituais dos lutadores .....	75
3.3 O MMA no contexto da Economia: as ligas no Brasil .....	83
3.4 O MMA múltiplo: mais do que um e menos do que muitos .....	92
<b>Capítulo 4 - Sobre as Academias de MMA pesquisadas e as versões de lutadores</b> .....	<b>98</b>
4.1 Academia A .....	98
4.1.1 Os atores da Academia A .....	101
4.1.2 Um dia na Academia A .....	105
4.1.3 As práticas da Academia A e a versão de lutador ídolo .....	107
4.2 Academia B .....	114
4.2.1 Os atores da academia B.....	115
4.2.2 Um dia na Academia B.....	120
4.2.3 As práticas da Academia B e a versão do trabalhador que é atleta ....	122
4.3 O ídolo e o trabalhador .....	128
<b>Capítulo 5 – Os lutadores das fases de um <i>camp</i></b> .....	<b>130</b>
5.1 A preparação. Os <b>trabalhadores precarizados</b> .....	130

Ato 1 – a “mansão”: o alojamento do trabalhador .....	131
Ato 2 – a lógica do rendimento e a produtividade no treinamento.....	132
Ato 3 – O atleta-trabalhador envolvido por compromissos e reuniões .....	134
5.2 A semana da luta. Luz, câmera e ação, o <b>lutador-ídolo</b> vai atuar .....	135
Ato 1 – conexões com o ídolo .....	135
Ato 2 – a autoridade do ídolo .....	137
Ato 3 – o treinamento no hotel e o embate entre pesquisadora e promotora .....	138
Ato 4 – os compromissos com a organização do evento.....	140
5.3 Os <b>sobreviventes</b> da preparação. A pesagem .....	141
Ato 1 – os fãs .....	142
Ato 2 - o espetáculo da pesagem .....	143
Ato 3 – a reidratação.....	144
5.4 “Hoje é dia de guerra”. O <b>casca-grossa</b> e o combate.....	145
Ato 1 – o aquecimento.....	145
Ato 2 – e as luta começam.....	147
5.5 O pós-luta. O “ <b>humano</b> ” pede passagem .....	148
Ato 1 – a volta para casa.....	148
Ato 2 – o churrasco de confraternização .....	149
5.6 O lutador múltiplo .....	150
<b>Considerações finais .....</b>	<b>154</b>
<b>Referências .....</b>	<b>161</b>
<b>Apêndice .....</b>	<b>170</b>
<i>Termo de autorização para a realização da pesquisa .....</i>	<i>177</i>

## Lista de Figuras

Figura 1: Tumba 15. Cemitério de Beni Hasan, Egito. ....	40
Figura 2: Lutadores Uffizzi lutando Pankration. ....	41
Figura 3: Hércules estrangulando o leão de Neméia, detalhe de um mosaico romano da Llíria (Espanha). ....	42
Figura 4. Ilustração de gladiador em combate no Império Romano .....	45
Figura 5: Carlos Gracie ensinando os irmãos a praticarem o Jiu-Jitsu. ....	50
Figura 6: Hélio Gracie ensinando seus filhos a praticarem o Jiu-Jitsu. ....	50
Figura 7. Octógono do UFC 1. Luta entre Royce Gracie e Ken Shamrock - 12 de novembro de 1993 .....	52
Figura 8. Octógono do UFC 194: José Aldo e Conor McGregor em 12 de dezembro de 2015. ....	53
Figura 9: O primeiro logotipo do UFC. ....	54
Figura 10: Logotipo do Shooto. ....	57
Figura 11: Logotipo do Pride Fighting Championships. ....	58
Figura 12. Alistair Overeem, lutador de MMA e do UFC .....	62
Figura 13: Cinturão da liga nacional Coliseu Extreme Fight .....	71
Figura 14. Cinturão do UFC .....	71
Figura 15. Regras básicas no MMA e proibições. ....	73
Figura 16. Definição de Resultado de uma luta de MMA. ....	74
Figura 17. Sequência de eventos do MMA como espetáculo. ....	77
Figura 18. Cartaz de divulgação de um evento de MMA. ....	78
Figura 19. Rodrigo "Minotauro". Lutador de MMA .....	78
Figura 20. Encarada do lutador Anderson Silva e Vitor Belford .....	80
Figura 21. Distribuição dos eventos nacionais de MMA pelo Brasil em 2014 .....	89
Figura 22. Cinco eventos de MMA nacional com maior número de eventos cadastrados no Sherdog e emissoras de televisão que os transmitem .....	89
Figura 23. Academia B e sua luta contra a homofobia. ....	116
Figura 24. Desenho feito por Alan durante a conversa em grupo .....	124

CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira. Trabalhador, ídolo, sobrevivente, “casca-grossa” e humano: um estudo sobre versões de atletas de *Mixed Martial Arts*. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

### Resumo

O objetivo desta pesquisa foi identificar as versões de atletas de MMA que circularam em espaços onde esta modalidade é performada. Nosso fio condutor foram os atletas, considerados profissionais na modalidade, vinculados a eventos nacionais e internacionais. Para isso, elegemos duas academias de MMA localizadas na cidade de São Paulo, na qual convivi durante o ano de 2014. Para sustentar esta pesquisa, adotei uma aproximação teórico-metodológica com a teoria ator-rede, em diálogo com a Psicologia Social. A metodologia seguiu os pressupostos da etnografia, com interações nas diferentes práticas em que os atletas se envolviam: treinamentos, reuniões de grupo, procedimentos diversos para perder peso, atividades no dia da luta e conversas posteriores às lutas. As descrições das duas academias pesquisadas sugeriram que, em uma delas (Academia B), um atleta merecia proteção, apoio e cuidados, performado como trabalhador e, na segunda (Academia A), como ídolo, tendo importância enquanto oferecia a possibilidade de apresentar-se desse modo em diferentes situações. Já nas fases de um *camp*, acompanhei um lutador da Academia B, em que foi possível identificar as versões de lutador como: a) trabalhador que é precarizado (treinamentos); b) ídolo (semana da luta); c) sobrevivente (pesagem); d) “casca-grossa” (dia da luta); e e) “humano” (pós-luta). A tese é que não há um tipo específico de lutador, ou perspectivas diferentes sobre ele, mas sim, que ele é múltiplo. Esses atletas são feitos em diferentes práticas, ainda que de algum modo relacionados entre si. A complexidade aqui apresentada nos abre a possibilidade de outros modos de atuação, menos essencializadores, dos humanos que lutam MMA, pleiteando o enfraquecimento de versões totalizadoras, que exploram apenas um modo de ser desses atletas.

**Palavras-chave:** Psicologia Social; Psicologia Social do Esporte; Teoria Ator-Rede; *Mixed Martial Arts*; Práticas Discursivas.

CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira. Workers, idols, survivors, "thick shell" and humans: a study on versions Mixed Martial Arts athletes. Thesis (Doctorate in Social Psychology). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

### Abstract

The purpose of this research was to identify the versions of MMA athletes who circulated in spaces where this mode is performed. Our guiding athletes were considered professionals in the sport, linked to national and international events. In order to do so, we elected two MMA gyms located in the city of São Paulo where we lived during 2014. To support this research, we adopted a theoretical and methodological approach to the actor-network theory in dialogue with the Social Psychology. The methodology followed the assumptions of ethnography, with interactions in different practices in which athletes were involved: training, group meetings, various procedures for weight loss, activity on the day of the fight and subsequent conversations with the struggle. The descriptions of the two researched academies suggested that in one of them (gym B), an athlete deserve protection, support and care, and performing as an employee and in the second (gym A), as an idol, having importance while offering the opportunity to act in such way in different situations. Whereas at the camp, we accompanied a gym B fighter, it was possible to identify the fighter versions: a) worker who is precarious (training); b) idol (week of fighting); c) survivor (weighing); d) "tough guy" (day of the fight) and; e) "human" (post-fight). The thesis is that there is a specific type of fighter, or different perspectives on it, but it's multiple. These athletes are made in different practices, yet somehow related to each other. The complexity presented here opens up the possibility of other modes of operation, less essentialists human fighting MMA, claiming the weakening totalizing versions, exploring only one version of these fighters.

**Keywords:** Social Psychology; Social Psychology of Sport; Actor-Network Theory; Mixed Martial Arts; Discursive Practices.

## Apresentação

Foi um ano de intensa colaboração, envolvendo lutadores, treinadores, amigos, familiares atores que compunham o cotidiano dos lutadores de MMA profissional.

Fiz a opção de trabalhar com lutadores de MMA profissional, independente de disputarem ligas nacionais ou internacionais, em virtude de termos aqui um ambiente legalizado e com maior vinculação ao esporte, contando, inclusive, com o *ranking* do atleta. Durante esta pesquisa, pude conviver com lutadores que aceitavam combates em “baladas”, em casas de espetáculo, em igrejas ou em outros locais onde a estrutura era precária: sem ambulâncias, sem cuidados contra incêndios, sem profissionais de saúde em caso de necessidade, com premiações que quase não cobriam o deslocamento do atleta até o evento e sua alimentação. Por que se submetiam a isso? Muitos falavam que “para ter mais experiência”, “para ser visto por eventos mais estruturados”, “porque havia poucos eventos profissionais”, “porque eram mais emocionantes”, etc.

Anabolizantes diversos, apostas clandestinas, vidas em risco. Nesses cenários pude presenciar muitos sofrimentos que me pareceram obedecer a uma lógica bastante peculiar e distinta do mundo do MMA profissional. Assim, preferi afastar-me do MMA não-profissional<sup>1</sup>. É evidente que pesaram também questões éticas, já que, certamente, me colocaria de modo contrário a certas práticas e faria denúncias quando estas violassem cuidados essenciais com os humanos ali envolvidos.

Também optei por não trabalhar com o MMA Olímpico, pois esta prática ainda é recente<sup>2</sup> e se aproxima dos princípios do esporte olímpico (são usados equipamentos de proteção obrigatórios – como luvas, coquilhas e capacetes). Interessa destacar que, nas conversas que tive com os diferentes atores nas academias pesquisadas, o MMA Olímpico não parecia ser atrativo. Expressões

---

<sup>1</sup> Usei o termo não-profissional para distanciar-me do MMA amador ou do MMA Olímpico, que muitas vezes oferece estrutura adequada e cuidados com os atletas, mas que, por questões diversas não se vinculam ao que é chamado de MMA profissional.

<sup>2</sup> O primeiro campeonato Sul-americano de MMA Amador foi realizado nos dias 6 e 7 de dezembro de 2014, no Brasil.

como “ah, isso é muito chato”, “isso não dá dinheiro”, “nem sabia que existia isso”, sinalizaram certo desinteresse e desconhecimento da modalidade.

Esses motivos também me apoiaram na decisão de focalizar os atletas que atuam em ligas às quais se atribui o rótulo de MMA profissional. Nelas existe uma estrutura empresarial de gestão, contando com acionistas e patrocinadores, e há claro apelo ao espetáculo e à rentabilidade. Nessas ligas é que os atletas aqui estudados almejavam se inserir ou permanecer.

## Introdução

O *Mixed Martial Arts* (MMA) é um combate caracterizado pelo emprego de técnicas corporais oriundas de diversas artes marciais e/ou esportes de combate, tais como: Jiu-Jitsu, Boxe, Kickboxing, Muai Thay, Luta Greco-Romana, Kung Fu, Karatê, Capoeira, Judô, entre tantas outras. Amado e odiado por uns, indiferente para outros, o MMA, ao longo dos anos, no Brasil, vem se impondo no cenário esportivo, com um número crescente de interessados, fãs, praticantes, profissionais em geral, eventos, produtos esportivos, patrocinadores e espaço nas mídias. Nessa modalidade é desejável que os lutadores mostrem suas habilidades em diferentes artes marciais, não só para ganhar a luta, mas também para envolver o público e pleitear um lugar de destaque entre os demais lutadores (WELLS, 2012).

O caminho percorrido pelo MMA envolve uma complexa rede entre humanos (atletas, técnicos, profissionais de saúde, fãs) e não-humanos (Octógono, suplementos, anabolizantes, balança para pesagem, etc.) que ultrapassa o território nacional. Como será exposto neste trabalho, o MMA tem sido praticado em inúmeros países, embora existam discordantes ferrenhos acerca da modalidade, militando por sua proibição. A competição se dá em um ringue quase sempre rodeado por grades, que dá a sensação de jaula, e que posiciona seus lutadores como se fossem feras. A relação entre jaula e feras fica ainda mais evidente quando se assiste a programas especializados que tentam sensibilizar o público para um combate. Nestes, frequentemente, os lutadores se colocam diante das grades do ringue fazendo fisionomias agressivas e mostrando seus corpos marcados pela prática.

Posiciono-me nesta tese como uma pesquisadora construcionista em interlocução com a Teoria Ator-Rede (TAR). Nesse encontro ontológico e epistemológico temos: o entendimento de que as realidades são construídas em diferentes práticas, a importância dos humanos e dos não-humanos nessa construção, a ruptura com as dicotomias interior-exterior, sujeito-objeto, mente-corpo e o rompimento com as macroestruturas sociais ou econômicas (burguesia, capitalismo, modernidade). A TAR é uma corrente de pensamento que se originou na área de estudos de ciência, tecnologia e sociedade, na década de 1980, e é

associada a Michel Callon, John Law e Bruno Latour. Para Tirado, Serrado e Domènech i Argemí (2005), a TAR é uma etiqueta usada para se referir a um conjunto de princípios metodológicos, epistemológicos e de trabalhos de campo que contesta o pensamento social tradicional, sendo conhecida também como “Antropologia Simétrica”, “Sociologia das Associações” e “Sociologia da Tradução”. Nesse encontro ontológico e epistêmico, não faz sentido interpretar eventos, já que se entende que não há nada “escondido” para ser “descoberto” ou “desvelado” pela pesquisa. A proposta é que a descrição fale por si só e, tal como Latour (2012, p. 88), buscou-se aqui “registrar e não filtrar, descrever e não disciplinar”.

Assumi a postura de seguir uma ontologia empírica, em que as coisas só assumem formas, à medida que se inserem em práticas (CORDEIRO, 2012; CURADO & SPINK, 2014; LAW & LIEN, 2013; LAW & MOL, 2008; MOL, 2002). Assim, pergunto: quem é um lutador de MMA? Não se trata de buscar entender o ator em si, em sua “totalidade”, versando sobre histórias de vida, sua identidade ou demografia, mas sim, sobre sua condição específica, o de ser atleta de MMA. Quem seriam eles<sup>3</sup>? A tese que defenderei aqui é que o lutador de MMA é múltiplo, não sendo dotado de uma essência universal ou de uma característica definida *a priori*. São as práticas que o fazem ser, criando versões, que podem ser contraditórias, controversas ou complementares e que só podem ser acessadas *a posteriori* das práticas. Fala-se de multiplicidade e não de pluralidade, ou seja, trata-se de um lutador que é mais do que um e menos do que muitos, um objeto fractal, conforme proposto por Mol (2002) e Law e Mol (2008).

O lutador não é o mesmo em qualquer prática ou situação, está sempre situado. Desse modo, não faz sentido falar de um tipo predominante ou mais frequente. Todos *são*. Com isso, não falarei sobre o lutador “casca-grossa” ou que vive em estado de vulnerabilidade social e, portanto, que é “carente”, mas sim, de algumas práticas que *performaram* lutadores de modos distintos (MOL, 2002).

---

<sup>3</sup> Escolhi nesta tese não trabalhar com o princípio de simetria generalizada da Teoria Ator-Rede.

Um lutador de MMA, como a própria definição da modalidade indica, possui uma formação diversa. Alguns foram iniciados em uma arte marcial específica (Judô, Karatê), outros, por alguma modalidade de luta (como o Boxe, por exemplo) e, mais recentemente, muitos já se iniciaram diretamente na prática do MMA. Para estes, o foco do treinamento tem sido principalmente a preparação para as competições. Durante a realização desta pesquisa, deparei-me com inúmeros questionamentos sobre quem é o “louco” que se sujeita a uma prática esportiva tão intensa como o MMA. As principais questões versavam sobre: que tipo de humano é este que se sujeita a esta prática? Será que o lutador é um monstro, um “mais que humano” ou “casca-grossa” que os eventos esportivos buscam mostrar? Será que todos os lutadores se dopam para suportar as dores? Seriam eles Masoquistas? Sádicos? E por aí segue uma lista enorme de hipóteses.

Para tentar responder a estas indagações, o estudo que aqui se apresenta, buscou inspiração nos pressupostos da etnografia, partindo do entendimento de Bruno Latour (2012), de que este procedimento nos leva a participar do cotidiano dos lutadores de MMA, sem pressa<sup>4</sup>. Assim, passei um ano frequentando academias de MMA profissional na cidade de São Paulo, onde participei de conversas e observações feitas no tatame, na recepção da academia e na mídia (Facebook). Para que esse acompanhamento fosse possível, foi utilizado um “diário”, onde todas as interações foram registradas para posterior descrição.

E quem são os atores que aqui serão apresentados? São os humanos e não humanos que, de algum modo, mobilizaram outros atores e produziram efeitos, (LATOUR, 2000, 2012; LAW & LIEN, 2013; LAW & MOL, 2008). Os atores também são chamados pela TAR de actantes, na tentativa de se desvencilhar da proximidade que a palavra ator tem com os humanos e com a lógica teatral. Um actante também é considerado, em algumas obras da TAR, como aquele que ainda não possui uma figuração definida (LATOUR, 2012). Nesta tese, decidimos pelo uso da palavra “ator”, para discorrer sobre humanos e não-humanos, com o objetivo de tornar o texto mais fluido e próximo do entendimento de leitores não tão familiarizados com a TAR.

---

<sup>4</sup> Ainda que tenha que considerar as limitações de tempo impostas pela construção de uma tese de doutoramento.

E sobre o MMA, o que temos a dizer? Seria um esporte? Luta? Modalidade Esportiva de Combate? Tendo inspiração na Teoria Ator-Rede (TAR<sup>5</sup>) entendo que *é* uma luta, *é* um espetáculo, *é* um esporte e *é* uma arte marcial. Como um objeto múltiplo, está presente de modos distintos em diferentes práticas. Uma luta ou um combate assemelha-se a outras modalidades de combate, como o Boxe, ou ainda com o “duelo” em si, considerando a atuação de dois lutadores para que se estabeleça um vencedor. Um evento de MMA, ou um *card*, como é chamado, possui cerca de oito lutas, considerando a primeira como a menos requisitada, e a última como a mais esperada do evento. Nessa composição, o MMA é um espetáculo, onde há muitas semelhanças com grandes *shows* artísticos. O planejamento das lutas, o narrador, a música e outros diversos aparatos tecnológicos são usados para potencializar a emoção dos envolvidos (telespectadores, lutadores, comissão técnica, fãs, patrocinadores), desde a divulgação do evento até o balanço midiático pós-evento.

Já a ideia de esporte está posta em suas regras, conquanto os amantes do MMA como espetáculo expressem de algum modo que elas “tiram a emoção” da luta. No MMA do esporte há também as intervenções médicas para “garantir a integridade física” do atleta, quando há um risco de grave ferimento, na punição de atitudes “antidesportivas” e no estabelecimento de comissões reguladoras. No esporte, pesquisadores preferem classificar o MMA como uma Modalidade Esportiva de Combate (FRANCHINI; BOSCOLO; VECCHIO, 2011).

No contexto das Artes Marciais (AM), alguns atletas fazem com que o MMA atue como uma AM, ao demonstrar princípios éticos, morais, espirituais, disciplina e respeito. Nestes casos, muitas vezes, há um conflito com o MMA como espetáculo, que prima por elementos distintos, como a emoção, o risco e a exposição de cenas violentas. Nessa mesma direção, Cristiano Barreira (2014) discorre sobre as artes marciais como tradições existenciais, pois nunca dizem respeito exclusivamente a movimentos e técnicas. O autor, em sua tese de livre-docência, adverte para a concepção naturalizante associada com uma presumida violência no MMA.

---

<sup>5</sup> A TAR será apresentada e discutida nos capítulos 2 e 3.

Partindo do pressuposto de que não há uma hierarquia entre os atores, que todos possuem agência e participam das ações e provocam transformações, isso significaria pensar que diferentes objetos não são apenas necessários, mas fundamentais para que a prática do MMA seja possível. Um evento de MMA profissional pressupõe, então, a existência de um espaço físico, luvas, vaselina para “deslizar” os golpes no rosto, balança para a pesagem do atleta, gelo para as contusões e o som do sino ao final do *round*. Pressupõe, igualmente, o lutador, o árbitro, os treinadores, a plateia. Assim, a centralidade de alguns elementos não pode ser encarada apenas como um acessório que leva à prática, mas sim, fundamental para que ela ocorra. Como seria uma luta de MMA profissional sem um espaço propício? Ou sem o som do final do *round*? Seria possível sem o auxílio do gelo para aliviar as dores dos atletas? E que tal se não houvesse juízes? Lutadores? Talvez fosse possível existir um combate sem esses elementos, mas não seria um evento de MMA profissional. Assim, entende-se que não há uma relação fixa estabelecida, ou seja, tem-se saberes situados, localizados no tempo, num espaço e em uma cultura específica, que sempre serão parciais.

A fim de sustentar este argumento, a tese foi estruturada em cinco capítulos.

O capítulo 1 é dedicado à apresentação dos objetivos e procedimentos da pesquisa. Foi realizada uma pesquisa baseada na etnografia, tal como relatado ao início da introdução. Passei 12 meses em interações constantes em duas academias de MMA localizadas na cidade de São Paulo, entre dezembro de 2013 a dezembro de 2014. Na primeira, que chamarei de academia A, as visitas duraram seis meses (de dezembro de 2013 a junho de 2014). Na segunda academia, a qual denominei academia B, a pesquisa se desenvolveu por oito meses (de abril a dezembro de 2014). Em ambas, a intensa convivência extrapolou as visitas semanais e contou com inúmeras interações mediadas pelas redes sociais, idas aos eventos de combate, contatos que serão apresentados e explorados na tese. Somente com essa estada prolongada foi possível rastrear conexões, mesmo que outras fugissem do controle e viessem apenas passear brevemente pela tese, dando espaço para que outros estudos fossem desenvolvidos. Todos os atletas, membros da comissão técnica, profissionais de saúde (psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas) e patrocinadores eram homens.

Quando iniciei este estudo, não tive a pretensão de realizar um filtro por sexo, priorizando homens, mas não houve nenhum encontro com mulheres lutadoras ou profissionais de saúde. Assim, abordarei nesta pesquisa sobre homens que lutam MMA, e de outros homens que os auxiliam.

No capítulo 2, será apresentado o MMA no tempo longo da história, percorrendo sobre suas possíveis origens, desde as primitivas inscrições em registros rupestres, ao *Pankration* que foi a público no filme “300”, ao Jiu-Jitsu brasileiro. O objetivo do capítulo é mostrar os eventos que marcaram a construção do MMA, assim como situar o modo como este transitou no Brasil, por meio de diferentes ligas.

O capítulo 3 tem por foco as diversas faces do MMA e suas controvérsias. Partindo da premissa de que o tempo longo da história, apresentado no capítulo 2, é performado no cotidiano, ou seja, lidamos com o passado presentificado (SPINK, 2004). Para explicitar melhor esse argumento, quero dizer que só é possível entender o passado por meio do presente. Dependendo do ponto de partida que o observador adota, a realidade pode ser distinta; nas palavras de Latour (2012, p. 61), “qualquer escolha do ponto de partida nos levará a desenhar um animal inteiramente diverso, sem comparação com nenhum outro”.

Assim, o MMA é apresentado de três modos: como esporte, como espetáculo, e no contexto da economia. No contexto do esporte, falarei sobre a Educação Física, onde o praticante de MMA é localizado como atleta e não como, por exemplo, um lutador. É aqui que o corpo é apresentado como saudável, forte e viril. Esse “corpo são” tem o apelo à vida, à juventude e à ausência de doença. É nesse sentido que os riscos da prática parecem ser minimizados, desde que o atleta utilize todas as tecnologias disponíveis, ou ainda naturalize o risco. No MMA-espetáculo, a modalidade está posicionada como um “esporte de risco-aventura” (SPINK; MEDRADO; MELLO, 2002) Emerge daí a equação: quanto mais aventura, mais adrenalina, quanto mais exposição ao perigo, mais espetáculo, mais fãs, mais prestígio, mais patrocinadores, mais dinheiro. Para isso, apresentarei Roger Caillois (1990), Norbert Elias e Eric Dunning (1992) e David Le Breton (2000, 2009). Destacarei neste capítulo o modo como os jogos populares foram cooptados e transformados em jogos com regras, seguindo

posteriormente ao esporte e ao espetáculo. Esse MMA se aproxima de um MMA classificado como luta, guerra ou briga, e é um espetáculo rentável, sobretudo para os proprietários das ligas de MMA, aspecto problematizado no contexto da economia. Em que local estão as principais ligas de MMA? Quais são seus principais patrocinadores? Como se distribuiu no Brasil? Quando se olha especificamente para as ligas brasileiras, observa-se uma estrutura por vezes precarizada, pois há falta de médicos e de encaminhamento a um serviço de saúde especializado, no caso de o lutador sofrer uma lesão séria, além do baixo pagamento ao atleta (que, por vezes, não chega a cobrir suas despesas de deslocamento e alimentação).

O capítulo 4 apresenta as duas academias estudadas: seu cotidiano, sua história (no tempo vivido e no tempo curto), seu público, seu espaço físico e os profissionais envolvidos, com as versões de atletas que ali estão presentes.

O capítulo 5 tem por foco o acompanhamento de uma preparação para uma luta agendada (treinamentos), dos preparativos finais ou pré-luta (uma semana antes do evento), ao dia do evento (o combate em si) e o pós-luta. Não houve um critério preestabelecido para a escolha do lutador acompanhado nessa caminhada, mas, na verdade, foi ele quem me “escolheu” ao pedir que fosse acompanhado pela psicóloga<sup>6</sup>.

A tese é que não há um tipo específico de lutador, nem perspectivas diferentes sobre ele, mas que ele é múltiplo. Aqui é um casca-grossa, ali um trabalhador, acolá, um ídolo. Esses atletas são feitos, performados (*enacted*<sup>7</sup>) em

---

<sup>6</sup> Esse processo será detalhado no capítulo 1.

<sup>7</sup> A palavra *enact* tem sido traduzida de modos distintos, tais como: fazer existir (MORAES, 2004), desempenhar (ALCADIPANI; TURETA, 2009) e performance (CAMILIS; ANTONELLO, 2014; RANGEL, 2010). Já Cordeiro (2012) e Cordeiro e Spink (2013) preferiram usar o original *enact* por entenderem que se trata de uma palavra de difícil tradução, que poderia alterar o significado proposto por Mol, assim como a tentativa da autora de não se vincular a termos já explorados por outras correntes de pensamento. Nesta tese, para dar fluência ao texto e evitar o uso prolongado de uma palavra em outro idioma (que poderia gerar desentendimentos), optou-se por usar o termo “performance” para *enact* e “performado” para *enacted*. Esta opção foi endossada pelo significado etimológico da palavra performance, entendida como modo “sob o qual uma coisa existe ou se manifesta” (CUNHA, 1982). Entende-se aqui que a performance ocorre em todos os locais, onde os adereços são tão importantes quanto as pessoas envolvidas, remetendo ao fluxo, a um processo que não se interrompe e que necessita ser sempre feito (MOL, 2002).

diferentes práticas. São atletas distintos, ainda que, de algum modo, relacionados entre si. Portanto, a pergunta posta “quem é o atleta de MMA?” não tem uma resposta única e estabilizada. Além disso, se algo deixar de ser feito, essa versão de lutador também poderá deixar de existir. No entanto, há de se considerar que os atletas geram efeitos. Suas ações se relacionam com outros objetos e outras realidades.

Introdução posta, vamos à tese. Ou, como diria o principal locutor de MMA no mundo, Bruce Buffer: *it's time!*

## **Capítulo 1 – Sobre a construção da pesquisa: dos objetivos e procedimentos**

Neste capítulo são apresentados os objetivos e procedimentos que guiaram o desenvolvimento deste estudo, no qual foram utilizados os procedimentos etnográficos inspirados em Annemarie Mol (2002, 2008), por Annemarie Mol e Jonh Law (2008) e Bruno Latour (2000). Nesse caminho etnográfico, tentou-se empregar o que Bruno Latour (2012) chama de *lentociologia* que se refere à importância de seguir os atores “sem pressa”, procurando seus desdobramentos e suas conexões (LATOURE, 2000, 2012).

Conforme orienta a Resolução CNS/MS nº 466/12, esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, recebendo o número de parecer 579.937.

Os nomes aqui apresentados são todos fictícios, visando à garantia do anonimato dos participantes do estudo.

### 1.1 Objetivo geral

Identificar as versões de atletas de MMA que circularam em espaços onde esta modalidade é performada.

### 1.2 Objetivos específicos

Contextualizar as duas academias pesquisadas a fim de entender a sua organização e seu cotidiano.

Fazer uma descrição densa das duas academias pesquisadas para caracterizar seus atores e suas ações.

Identificar e descrever versões de um lutador de MMA, com base em diferentes práticas: treinamentos gerais, semana da luta, pesagem, dia da luta e pós-luta.

### 1.3 Uma Psicóloga Social no MMA

Inspiro-me aqui na reflexividade metodológica apontada por Law (1994), ao entender que, como pesquisadora, não posso me considerar diferente daquilo

que está sendo estudado, ou seja, não ocupo um lugar privilegiado na rede de atores. A pesquisa é feita e construída por essa rede, da qual, como pesquisadora, também fiz parte.

Para quem apenas acompanhava o MMA à distância, a oportunidade de conhecer os diferentes atores de perto me inquietou e me assustou. Como me vincular a uma academia de MMA profissional? Como me aproximar do cotidiano dos lutadores? O contato inicial foi facilitado por meu marido, já que ele havia atuado profissionalmente ao lado de um carateca que se tornara um lutador profissional de MMA. O contato foi mediado pelo Facebook:

**Rafael Camilo:** Fala Cristian, blz, meu amigo?...se preparando para a próxima batalha? Vamos lá, hein!!!...cara...minha esposa está fazendo doutorado e provavelmente o tema vai ser MMA(legal, né??)...então...ela vai precisar reunir o máximo de informações possíveis sobre o tema, incluindo rotina de treinos, dia a dia do lutador, dificuldades, tudo!!...ela pode falar melhor do que eu...depois ela continua....queria saber se você pode ajudar? grande abraço, meu amigo...a gente se fala!!

**Cristian Mathias:** Olá, meu amigo Rafael, estou bem, graças a Deus! E estou sim na preparação para minha luta no dia 2 de Novembro. E quanto ao trabalho da sua esposa seria uma honra para mim poder ajudar com este trabalho!

Facebook, 01 de outubro de 2013.

Aberta a primeira porta, entrei em contato com o lutador Cristian e expliquei os objetivos da pesquisa. Novamente ele foi bastante solícito e me encaminhou para falar com seu ex-mestre<sup>8</sup> no Brasil, Franco Vieira. Cristian contatou Franco no Brasil, também via Facebook, explicou-lhe sobre minha pesquisa, falou que eu era esposa de um amigo do Karatê e pediu ajuda. Após o aceite inicial de Franco Vieira, o contatei também via Facebook:

**Juliana:** Olá mestre, tudo bem? Recebi seu contato, por meio do Cristian Mathias. Convivo no mundo das artes marciais há cerca de 8 anos, pois meu marido é carateca profissional. Sou psicóloga, professora de Psicologia da PUCSP, onde faço Doutorado em Psicologia Social. Estudo no doutorado os atletas de MMA. Para isso, preciso conviver, por um período aproximado de seis meses, em uma academia de MMA, para entender as rotinas preparatórias das lutas, durante as lutas e o pós-lutas. Neste caso, faria visitas semanais em horários preestabelecidos pela academia. No estudo, é garantido o sigilo da identidade dos participantes, bem como o nome da academia pesquisada. Daí, se possível, gostaria de uma indicação sua, de alguma academia que eu pudesse pesquisar. Desde já agradeço imensamente sua ajuda.

**Mestre Franco Vieira:** Olá Juliana, pois o Cristian me falou de vc, sim, e do trabalho que está a fim de fazer. Podemos marcar de falarmos na próxima semana e aí vemos uma maneira pela qual eu possa ajudar, pode ser?

Facebook, 12 de dezembro de 2013.

---

<sup>8</sup> Usa-se o título de “mestre” para destacar o grau de formação em determinada arte marcial, como capoeira e Muay Thai. Nas artes marciais de origem oriental, costuma-se usar o título de *sensei*.

A primeira visita foi agendada para o dia 16 de dezembro de 2013 e, como nunca havia transitado no mundo do MMA, minha ansiedade foi intensa. No entanto, o mestre Franco Vieira se esqueceu do encontro e não compareceu. Fui atendida pela recepcionista da Academia (que chamo neste estudo de Academia A) que, entre desconfianças e acolhimento, explicou-me sobre alguns aspectos do mundo do MMA, suas dificuldades, dilemas e contradições.

Eu era a estrangeira naquele espaço. Uma mulher, branca, de olhos claros, em um local repleto de homens acompanhados de suas esposas/mulheres/namoradas e algumas alunas. As pessoas me olhavam todo o tempo, provavelmente tentando entender o que eu fazia ali. Repórter? Uma nova aluna? Ou uma “temida” Maria-Tatame<sup>9</sup>? Nesse dia, consegui contatar o mestre Franco e reagendar o encontro.

No segundo encontro, o mestre Franco Vieira chegou cerca de 40 minutos atrasado, o que me angustiou mais uma vez. Será que daria certo? Franco Vieira era o *Head Coach* da Academia A, razão pela qual, sem o seu consentimento, eu não poderia iniciar o estudo. Quando ele chegou, já no horário próximo ao treino que ministraria, olhou-me maliciosamente o corpo e falou energicamente: “Você deve ser a Doutora, né?”. Expliquei que não era necessário me tratar por Doutora, pois como psicóloga social entendia que este rótulo poderia me distanciar das pessoas que por ali transitavam. Respondeu-me simplesmente: “É melhor assim. Você não é psicóloga? Então, é doutora. Tem que ser tratada assim”. Franco Vieira deu seu aceite para minha pesquisa, mas, em troca, pediu que conversasse com alguns dos “seus” atletas que não tinham/estavam com a “cabeça boa”. Falei que a proposta não era fazer um atendimento clínico, mas que não haveria problema em conversar com eles. Aliás, isso até poderia ajudar no desenrolar do meu trabalho.

Combinamos meus encontros semanais e, durante os seis meses em que passei na Academia A, de dezembro de 2013 a junho de 2014, foram 30 encontros presenciais, incluindo acompanhamento das rotinas de treinamento e uma

---

<sup>9</sup> Gíria que circula no mundo das artes marciais para as mulheres que buscam namorar homens que lutam. Explorarei com mais profundidade o tema no capítulo 4.

preparação para uma luta (treinamentos específicos, semana da luta, pesagem e pós-luta). Alguns contatos com os atores que transitaram na Academia A também foram mediados pelo Facebook e Whatsapp.

Durante minha estada, fui convocada para fazer algumas atividades que se chocavam com minha proposta de pesquisa, como, por exemplo, desenvolver um acompanhamento behaviorista para “alavancar” o rendimento dos atletas. Ainda assim, fui bem acolhida por muitos lutadores que contavam suas histórias, suas dores e suas expectativas em relação ao MMA. No entanto, é interessante pontuar que este envolvimento só foi possível depois de algumas mulheres “autorizarem” seus namorados/maridos a falarem comigo.

Como isso aconteceu? Primeiramente, pude perceber que alguns dos principais lutadores da academia tinham sempre as mulheres por perto. Duas delas, inclusive, trabalhavam na própria academia. Notava sempre que elas se inquietavam com minha presença. Por isso, tive como estratégia, em um treinamento aberto ao público, ir acompanhada de meu marido e filho (que na ocasião tinha dois anos). Rafael tinha também as marcas no corpo de um artista marcial (nariz quebrado e cabeça raspada), além de, efetivamente, materializar que eu era casada e tinha um filho. Elas brincaram com meu filho, conversaram com o Rafael, e eu pude me aproximar dos lutadores.

Questões éticas começaram a comprometer a pesquisa na Academia A, como inúmeros casos de *doping* que chegaram a colocar em risco a vida de um atleta. Com três meses de pesquisa, meus posicionamentos começaram a se esbarrar com as práticas ali realizadas, tornando o clima tenso para a continuidade do estudo.

Então, conheci a Academia B. Em uma “Sexta-feira Santa”, recebi um telefonema do mestre Franco pedindo para eu ir, se possível naquele mesmo dia, atender a uma “urgência na Academia B”, na qual ele também era o técnico. Disse-me que um atleta que havia acabado de sair do *reality show The Ultimate Fighter* (TUF) precisava conversar “urgente” com uma psicóloga. Nesse contato com o mestre Franco, voltei novamente a alertá-lo de que eu não poderia fazer um atendimento clínico ao atleta, que talvez pudesse indicar alguém, mas o mestre

frisou que era apenas para “conversar” e que poderia me ajudar na pesquisa. No mesmo instante, me dirigi à Academia B acompanhada de meu marido e filho (nenhuma estratégia aqui, apenas estávamos mesmo juntos, quando recebi a “urgência”).

Ao entrar na Academia B, notei que não havia mulheres e alunos, apenas lutadores profissionais, tentando auxiliar o lutador Marcelo na preparação para o seu primeiro combate no *Ultimate Fighting Championship* (UFC). Franco não estava lá e não havia avisado Marcelo de que eu iria naquele dia. O lutador me recebeu com um largo sorriso, demonstrando muita simpatia e interesse por meu trabalho e estudo. A partir desse contato, passei a frequentar a Academia B também semanalmente. Foram oito meses de interações intensas e, por vezes, realizei mais de uma visita durante a semana. Acompanhei treinamentos, eventos pré-luta, luta, pós-luta e até a festa de confraternização da equipe no final do ano. Nesse espaço me sentia bem. Podia observar, conversar, interagir. Chamou-me atenção o modo como o *Head Coach* (Antonio) dessa academia se preocupava com os atletas. Olhava para além do rendimento, para além do MMA. Presenciei momentos em que ele dava dinheiro para que o atleta pudesse vir treinar (o valor do transporte). Nesses momentos, me dizia: “eu me preocupo com esses meninos, Doutora. Se eles não vierem para cá, para onde vão?”.

Era contrário ao uso de substâncias ilegais, mesmo considerando que elas faziam parte do MMA e dos esportes de alto-rendimento de um modo geral. Opunha-se às frequentes infidelidades conjugais e orientava seus liderados “no bom caminho”. Mostrava-se sempre sensível às questões sociais. Inquietava-se com a exclusão, com a criminalidade, com a pobreza. Ele também lutava muito, todos os dias, junto com a esposa, para tornar a Academia B um centro de referência no MMA, formando não apenas lutadores, mas “cidadãos”, por meio do trabalho diário de todos. Essa identificação de ideais nos proporcionou inúmeras trocas e contribuiu para que eu pudesse me aproximar do universo dos lutadores de MMA. Talvez por isso, desde o início de minha estada na Academia B, tive o sentimento de “estar em casa”. Por fim, vale dizer que, passado um mês de minha vinculação a esta Academia, o Mestre Franco foi desligado, sob a justificativa de não estar aderente aos objetivos e não compartilhar dos valores da Academia. Este foi outro motivo que me levou a encerrar a pesquisa na Academia A, evitando

intensificar rivalidades e interpretações equivocadas sobre a pesquisa e meu papel como pesquisadora.

As conversas nas Academias transcorreram em diferentes ambientes: no tatame, dentro do Octógono, em salas, no refeitório e até nos dormitórios dos atletas (as duas últimas apenas na Academia B). As conversas transcorriam nos dormitórios, quando havia algum treinamento no tatame (considerando que os ruídos da música e da prática eram tão altos que era impossível ouvir e ser ouvido naquele ambiente). Nesses momentos, sempre ficava tensa, pensando: “sou uma mulher aqui, como me portar?”. No entanto, eles sempre agiam com tanta naturalidade, contando suas histórias, dificuldades e medos que percebi que a tensão era minha e não a deles perante meu comportamento.

#### 1.4 Sobre a pesquisa etnográfica

A pesquisa etnográfica que foi aqui empregada seguiu a inspiração de Latour e Woolgar (1997); Latour (2000); Law (1994) e Mol (2002). Nesta vertente de etnografia só é possível falar sobre lutadores de MMA, associando-os com as práticas que os performaram. Passei um ano convivendo e interagindo com diversos lutadores, envolvidos em inúmeras práticas. É evidente que o tempo imposto pela confecção da tese apontou para uma temporalidade a que tive que me ater. Contudo, é importante dizer que, a opção pelos 12 meses de trabalho, foi também ocasionada pelo ciclo de eventos da modalidade de MMA que ocorre nesse período. As academias trabalham em função do calendário anual da modalidade, que inclui competições, encerramento e início de contratos dos lutadores e seus técnicos, venda para a TV de direitos de transmissão dos combates e contratos com patrocinadores.

A intensa convivência aponta para um posicionamento metodológico assumido de ser uma “formiga tentando fazer pesquisa para outras formigas (LATOUR, 2012, p. 182)”. Bruno Latour indica a semelhança entre a formiga e os pesquisadores (ou vice-versa), já que ambos se arrastam penosamente pelos campos e trabalham arduamente. Os pesquisadores, nos seus campos de pesquisa, carregam consigo seus pesados equipamentos, para tentar estabelecer o mais insignificante dos vínculos. Além disso, a abreviação da Teoria Ator-Rede no

inglês é posta como ANT (Actor-network theory), o que também é o correlato para “formiga” no inglês, semelhança que Latour também explora (LATOURE, 2012). A importância dada para a necessidade de conviver com os atores é tamanha que Bruno Latour chegou a propor uma *lentociologia*. A ideia é que os atores precisam de tempo para atuar, assim como os pesquisadores e pesquisadoras para entender seus atos. Isso requer tempo; isso requer paciência. E mais: a lentociologia é necessária porque o/a pesquisador(a), em termos de reflexividade, está sempre um passo atrás daqueles que estuda e, mesmo estando no meio do processo, com os olhos e ouvidos bem abertos, não é possível captar tudo o que aconteceu (LATOURE, 2012).

Contou-se também, nessa etnografia, com a experiência de Jonh Law (1994), em seu estudo realizado durante um ano em um laboratório. Nessa experiência, o autor ressaltou a necessidade de usar os seus sentidos: visão, audição, tato, além de se permitir notar e sentir, para, só depois, tentar dar sentido aos eventos.

Foram adotadas várias estratégias durante a estada nas academias pesquisadas que se articulam com a proximidade etnográfica, como a observação participante e as conversas (que ocorreram espontaneamente ou que foram intencionalmente estimuladas). Alguns desses contatos foram presenciais, e muitos outros foram mediados por redes sociais. Essa estratégia procurou levar em consideração diferentes atores, instrumentos, instituições, ambientes e seus entornos, em interações semanais nos diferentes locais de pesquisa. Nesse percurso metodológico, segui os atores nas práticas que me foram autorizadas a conhecer, reconhecendo que estive sempre um passo atrás daqueles que estudei (LATOURE, 2012).

A observação participante, nesse caso, talvez possa ser pensada como “observação *com os participantes*”, destacando desse modo a conexão e a não cisão entre pesquisadora e pesquisados. A ideia não é se destacar como uma estrangeira, dotada de “conhecimento superior”, que vai a campo avaliar determinado grupo, mas mesclar-se com eles. Fazer parte e fazer junto. Isso porque, entende-se, a realidade é uma construção, e a pesquisa, um produto relacional dos atores. Uma observação nunca é neutra e implica escolhas, já que

não se pode apreender todas as complexidades ou estar em todos os lugares. Assim, as conversas intencionais ou espontâneas no cotidiano das observações que aqui foram empregadas são entendidas como parte fundamental de nossas interações:

Nada acontece num vácuo; todas as conversas, todos os eventos, mediados ou não, acontecem em lugares, em espaços e tempos, e alguns podem ser mais centrais ao campo-tema de que outros, mais acessíveis de que outros ou mais conhecidos de que outros. Algumas conversas acontecem em filas de ônibus, no balcão da padaria, nos corredores das universidades; outras são mediadas por jornais, revistas, rádio e televisão e outras por meio de achados, de documentos de arquivo e de artefatos, partes das conversas do tempo longo presentes nas histórias das ideias. Alguns até podem acontecer com hora marcada, com blocos de anotações ou gravadores. Entretanto, esses lugares não são contextos; os blocos de anotações, os gravadores, o ônibus, a padaria, a universidade, os jornais, o rádio, os documentos, os achados e artefatos são, como materialidades, também partes das conversas (SPINK, 2003, p. 29).

Em alguns momentos, houve a oportunidade de sentar-me ao lado de algum ator e puxar um “dedo de prosa”, como na expressão utilizada por Neiza Batista, Jefferson Bernardes & Vera Menegon (2014). Nessas ocasiões o objetivo era entender melhor algum evento específico ou a ação de algum ator. Em outros momentos, conversei simplesmente com o objetivo de interagir, brincar com alguma situação ou evento do cotidiano. Em outras circunstâncias, fui convidada a participar das conversas.

De certo modo, as ciências fogem das conversações no cotidiano, sobretudo pela tradição cartesiana de fazer pesquisa, e que acaba por enrijecê-las, controlá-las, negá-las ou até mesmo eliminá-las das práticas da ciência (BATISTA; BERNARDES; MENEGON, 2014). Não é possível seguir os atores o tempo todo com gravadores e roteiros predeterminados de entrevista, além do que, o que é falado em uma entrevista para a/o entrevistador(a) e seu gravador (que pode multiplicar rapidamente e geograficamente o que ali foi produzido) tem efeitos distintos das conversações. A dose de liberdade das conversações pressupõe que os atores produzem conhecimento o tempo todo e que os atores podem nos comunicar coisas a qualquer momento. Podem repelir gravadores. Podem até repelir a formalidade de um roteiro de entrevista.

Basear-se em uma metodologia etnográfica não quer dizer assumir a postura de superioridade perante aqueles que transitam nos espaços que

convivemos, significa apenas que nós, pesquisadores e pesquisadoras, participamos do ordenamento de nossas pesquisas. Nós afetamos e somos afetadas e afetados e, assim como os atores, somos dotados de incertezas, fragmentação e incompletude (LAW, 1994).

### 1.5 Os atores e suas ações

Entende-se que um ator nunca está sozinho em suas ações, mas sempre em relação a outros atores (LAW; MOL, 2008), ou seja, “o ator é aquilo que muitos outros levam a agir” (LATOURETTE, 2012, p. 75). Além disso, há de se considerar que, em diferentes épocas e lugares, os roteiros são encenados de modos distintos e, se não houver nenhum roteiro, os atores vão improvisar (MOL, 2002). Outro ponto a ser considerado é que os adereços são tão importantes quanto os personagens, porque, afinal de contas, são eles que compõem o palco (MOL, 2002).

Descreverei o acompanhamento de um ator desta pesquisa e o modo como o segui nos treinamentos gerais, preparativos específicos para uma luta agendada, a luta em si e o pós-luta. Quando este trabalho foi iniciado, não havia a pretensão de focalizar apenas homens lutadores. No entanto, em duas academias de MMA localizadas na cidade de SP, durante um ano de estudo, não consegui ver ou conviver com nenhuma lutadora, nem profissional, nem amadora. Assim, nesta pesquisa falarei apenas de homens lutadores.

Sobre estes é importante destacar, que muitos vinham dos interiores do país ou do próprio estado de São Paulo. Alguns relatavam histórias de muitas dores e sofrimentos, tais como: agressões familiares severas, envolvimento com práticas criminosas, abandono familiar e condições precárias de vida em âmbito socioeconômico. Com relação à escolarização, parte significativa não tinha ensino médio completo e vivia do MMA, seja lutando em competições variadas, seja dando aulas em várias academias, recebendo algum tipo de patrocínio, ou mesclando um pouco de todas essas atividades. Porém, lutadores com vidas precarizadas não foram os únicos a compor este estudo. Convivi também com lutadores que completaram o ensino superior, vinham de família tradicional (pai, mãe e irmãos), com boas condições socioeconômicas de vida e sem histórico de agressões intrafamiliares.

## 1.6 A rotina de treinamentos

Boa parte do acompanhamento realizado nesta pesquisa foi feito durante os diferentes treinamentos ou em aulas de artes marciais. Na academia A, acompanhei os treinamentos de Muay Thai, Boxe e Jiu-Jitsu. Na academia B, o treinamento de MMA (já entendido aqui como as diversas modalidades de luta aplicadas ao MMA) e de Jiu-Jitsu.

Ao início da pesquisa, o Mestre Franco, na academia, reuniu seu grupo no tatame, pediu para que eu entrasse no espaço e falasse sobre quem eu era e o que estava fazendo ali. Eles não entenderam ao certo o que era um “doutorado” ou uma pesquisa acadêmica. Alguns se mostraram receptivos e curiosos, e outros, descrentes e receosos. Tentei ser clara e objetiva, já que tinha pouco mais de cinco minutos para me fazer compreender.

Depois disso, eu entrava no espaço e, basicamente, ficava observando os treinamentos, sentada em um banco fora do tatame. Era uma posição desconfortável, pois muitos que transitavam naquele espaço não participaram da conversa inicial, e não entendiam o que eu fazia ali. Estes, aliados aos que demonstraram descrença com a pesquisa, me perguntavam se eu era namorada de alguém; outros, o que eu fazia ali, e outros simplesmente me olhavam curiosos. Quando ficavam sabendo que eu era psicóloga (nunca ouvi o rótulo de pesquisadora) faziam piadas: “ah, você não quer me tratar? Eu também sou louco”; “ah, você vai ter muito trabalho aqui, esses caras são todos doidos”; “psicóloga no MMA? Hahahaha”. Outros me perguntavam como eu “analisava” os lutadores: “como você analisa esses malucos?”; “você é comportamental?”. Dois lutadores me recomendaram procurar o “melhor psicólogo do MMA para eu aprender com ele”, porque imaginavam que eu era estagiária de psicologia.

Na academia A, sempre pairava um clima de tensão. Quando estava no caminho para esta academia, era comum pensar “o que será que vai acontecer hoje? Como lidar com isso?”. Quando retornava das visitas, que duravam em torno de quatro horas, sentia-me exausta, mesmo tendo ficado a maior parte do tempo sentada, observando as práticas e conversando com poucas pessoas.

Já na academia B, o clima foi amigável desde o primeiro contato. Marcelo foi gradativamente me apresentando para os presentes: professores, lutadores, proprietário e os visitantes que transitavam no local. Lá era comum os atletas se cumprimentarem e me cumprimentarem com as mãos e a tradicional reverência das artes marciais orientais<sup>10</sup>, simbolizando respeito e humildade. Depois de alguns meses frequentando esta academia, fui convidada pelo Professor Antônio para assistir aos treinamentos de dentro do tatame, o que entendi ser um importante sinal de que eu estava sendo inserida no grupo. Às vezes, durante o treinamento, que simulava algum combate, os atletas vinham em minha direção. Sim, eu ficava com medo de ser machucada, mas tentava mostrar que não tinha receio, já que eu era a estrangeira ali. Sempre me pediam desculpas, evitavam falar palavrões, demonstravam preocupação. Lá não havia comentários de: “sou louco”, “fulano é louco”, “me analisa”, etc. Provavelmente eles não entendiam muito bem o que eu fazia, mas eu podia sentir que gostavam da minha presença e, de algum modo, disputavam meu olhar. Não tentavam mostrar seus corpos ou sua virilidade, como, por vezes, notei na academia A, mas queriam ser vistos, ser acolhidos, mostrar seus medos. Seus olhos denunciavam isso. Eles queriam conversar. Eles queriam chorar. Eles queriam ser “mais humanos” e menos “cascas-grossas”.

### 1.7 O acompanhando do *camp*

Na linguagem do MMA, um *camp* é o nome usado para designar um período de treinamentos e atendimento multiprofissional (psicólogo, nutricionista, fisioterapeuta) que, geralmente, compreende entre 6 a 8 semanas antes de uma luta, para que o atleta atinja o ápice de rendimento.

Observei e interagi parcialmente no *camp* do atleta Victor, na academia A, para um evento do UFC. Às vezes, ele falava comigo, pontuava algum tipo de ansiedade e preocupação. Contudo, na maior parte das visitas, eu ficava sentada em um *puff* observando seu treinamento e suas interações. No capítulo 5, quando descrevi as versões de lutador presentes nas diferentes práticas de um *camp*,

---

<sup>10</sup> A reverência é um elemento da etiqueta Oriental e muito usada nas Artes Marciais, muitas vezes substituindo o aperto de mão. Ela consiste em uma flexão do tronco e da cabeça em sinal de humildade.

utilizei as práticas que compuseram o *camp* do lutador Marcelo. Essa escolha foi motivada substancialmente por dois motivos: a) no primeiro *camp* estava me habituando com os diferentes atores e sua linguagem. Por isso, muitas coisas passaram despercebidas e; b) no segundo *camp*, tive a oportunidade de acompanhar diferentes práticas que não havia sido possível no primeiro *camp*. Assim, a semana da luta, o dia do combate, o pós-luta referem-se ao segundo *camp* de Marcelo, lutador da academia B.

Marcelo lutou em um evento do UFC. No segundo *camp*, oferecia escuta, me fazia presente, conversava com ele nos picos de tensão. Ele também me deixou segui-lo nas suas diferentes rotinas de preparação para a luta, na semana da luta e no pós-luta. Ele tentou, assim como seu *Head Coach* Antonio, me inserir na plateia ou nos bastidores no segundo combate, mas o pedido foi negado pela organização do evento. Assim, fiz esse acompanhamento via *pay-per-view* no Canal Combate.

Durante o *camp* do Marcelo, não havia um roteiro preestabelecido de acompanhamento, já que a agenda do atleta era bastante variável. Falávamos via Skype ou Whatsapp, pois normalmente os eventos eram inesperados: “Doutora, terá um evento importante aqui em 2 horas”. E lá saía eu correndo com meu diário (que será abordado a seguir), torcendo para conseguir chegar a tempo. As oito semanas do *camp* do Marcelo foram intensas, repletas de trabalho e de emoção. Será que ele conseguiria ganhar? A derrota significaria que o principal lutador da academia B poderia não ser contratado pelo UFC (na sua primeira luta), ser demitido ou passar a ser mal cotado para os próximos combates (na sua segunda luta) e, com isso, colocar em dúvida o sonho daqueles que tentavam chegar ao mesmo patamar na academia B. As emoções de todos, na academia B, estavam “à flor da pele”. E comecei a notar que a minha também começava a ficar.

### 1.8 A semana da luta

Na semana da luta, Marcelo (academia B) e seu técnico foram para um hotel na cidade do evento<sup>11</sup>, a pedido do UFC (segundo *camp*). Havia muitos

---

<sup>11</sup> Não citarei aqui a cidade do evento para não comprometer o sigilo da identidade dos participantes.

trabalhadores da imprensa, repórteres, editores, promotores. Muitos “cliques” das máquinas fotográficas, muitos beijos e autógrafos. Havia fãs homens e fãs mulheres, todos igualmente extasiados. Lutadores de todas as nacionalidades, seus técnicos e equipe multiprofissional. No primeiro evento em que acompanhei parcialmente o *camp* de Marcelo, encontrei com o psicólogo indicado por um atleta da academia A para eu “aprender com ele”. Ele estava fazendo o acompanhamento de um lutador, quando Marcelo o viu e nos apresentou, dizendo feliz: “essa é a doutora Juliana, minha psicóloga”. Fiquei surpresa com o comentário, já que, tendo transitado por diversas áreas da psicologia, nunca presenciei alguém falando com tamanha determinação que recebe um acompanhamento psicológico. Além do que, como citado anteriormente, eu não era uma psicóloga do esporte como o outro psicólogo. E, naquele momento, nem tinha a pretensão de ser. Mais uma vez, meu posicionamento como pesquisadora parecia ficar em segundo plano.

O acompanhamento foi bastante próximo e intenso. Eram muitas informações ao mesmo tempo, e, por vezes, me deixavam confusa: mídia, fãs, lutadores, modelos, promotores, atletas, técnicos, gravadores, máquinas fotográficas, autógrafos, seguranças, horários a seguir. Sempre havia alguém da organização para dizer ao atleta e ao seu técnico: “faça isso e aquilo” e “não atrase”. Por essa razão, Marcelo preferia ficar em seu quarto, na maior parte do tempo que tinha “livre”.

Em uma visita ao hotel, quando havia acabado de chegar e enviar uma mensagem ao atleta por Whatsapp, recebi a resposta: “pode subir no meu quarto, estamos todos aqui. O número é xxxx”. Tendo sido educada em uma cultura machista, em que uma mulher “direita” nunca deveria entrar em um quarto de homens, fiquei paralisada na recepção do hotel. Como assim, subir em um quarto? Isso não seria proibido pela organização do evento? Certamente eu estaria ruborizada e visivelmente desconfortável. Fiquei cerca de dez minutos na recepção do hotel sem responder à mensagem, pensando no que faria. Captando meu desconforto, Antonio veio em minha direção e, sorrindo, disse: “imaginei que a senhora não ia subir sozinha, porque ficaria com vergonha. Vamos lá que eu te levo”.

Acompanhei Antonio um pouco mais tranquila, mas, quando entrei no quarto, tive a sensação de ter ficado “travada”. Superei a timidez quando notei que o quarto havia se transformado praticamente no tatame da academia. Eles simulavam golpes, repassavam a estratégia da luta, faziam piadas e programavam os próximos eventos. Notei também que o receio foi meu em estar naquele espaço, não deles com a minha presença. A partir desse dia, foi recorrente minha presença nesse local.

### 1.9 O dia do combate

Acompanhei o combate pela TV. Primeiramente, porque não foi possível estar perto do atleta nos bastidores. Segundo, porque o valor do ingresso, cerca de R\$ 1.100,00, para ficar próximo ao Octógono, era alto e inviável para mim. Mesmo considerando que é um valor alto para uma significativa parcela da população brasileira, todos os ingressos haviam se esgotado com quase um mês de antecedência.

### 1.10 O pós-luta

O acompanhamento do pós-luta foi feito após Marcelo ter vencido. Havia na Academia B um clima de festa. Pude conversar com Marcelo sobre suas impressões sobre o ocorrido, assim que retornou aos treinamentos. Também participei de uma confraternização na chácara do professor Antônio, em um churrasco animado que reuniu atletas e suas famílias. Novamente estavam lá comigo Rafael e meu filho.

### 1.11 O diário

Todo o material coletado das conversações, observações, pesquisas realizadas na Internet ou impressões, ao longo da pesquisa (medos, angústias, alegrias, empolgação), foram registrados em um “diário”. O objetivo era não perder de vista os movimentos constantes dos atores e registrei tudo que foi possível, desde a primeira mensagem ao mestre de Muay Thai, passando pelos encontros, até os últimos momentos da pesquisa. Foram registradas as datas, quem interagiu com quem, quais foram os possíveis efeitos e relações. Sem esse importante ator, o caderno, o “experimento artificial de comparecer ao campo, de deparar com um novo estado de coisas logo se perderia (LATOUR, 2012, p.

196)”. Às vezes, esse registro era feito no local da interação, sobretudo quando podia ficar menos exposta ao olhar dos presentes. Quando não era possível registrar no local, procurava fazê-lo imediatamente após a interação, o que significava escrever durante o trajeto em um transporte público, quando chegava à Universidade ou a casa. Procurava sempre registrar no próprio dia, evitando esquecer informações importantes.

O diário tinha uma organização. Sempre incluía o nome do local, cidade, data, quem ou o que participou da interação, eventos externos que poderiam ter influenciado o grupo, meus sentimentos e dúvidas. Em algumas datas, agregaram-se aos meus escritos alguns recortes, como panfletos e fotos.

A escrita tinha sua fluidez. Procurava não filtrar, escrevendo o tanto quanto possível, até causar-me um sentimento de “já estar repetindo coisas”. No entanto, caso em momento posterior eu me lembrasse de algum evento, acrescentava ao diário como um item adicional, em uma sessão de “novas considerações”. As falas e conversas foram escritas do modo bem literal, de acordo como haviam transcorrido durante as interações. Contudo, como não se trata de entrevistas gravadas e transcritas, algumas falas podem ter recebido alterações para dar sentido ao texto, o que não quer dizer que tenhamos aqui uma ficção ou que nossa escrita não seja confiável. Como nos diria Latour (2012, p.182), “quando estamos no meio das coisas, de olhos e ouvidos bem abertos, não captamos tudo que aconteceu”.

### 1.12 A descrição densa

Como organizar toda a complexidade dos atores e ordenar todo o material inscrito no diário? Partiu-se das narrativas como modo de vincular as diversas fontes, já que elas “nos auxiliam a incorporar a confusão e a complicação do cotidiano sem ter que negá-las para que os textos se tornem possíveis (DOLORES; MARTINS; VILELA, 2014, p. 297)”.

Descrever, inscrever, narrar e redigir relatórios finais é tão pouco natural, complexo e penoso quanto dissecar lagartas ou mandar um telescópio ao espaço. (...) O simples ato de registrar alguma coisa no papel já representa uma imensa transformação que requer tanta habilidade e artifício quanto pintar uma paisagem ou provocar uma complicada reação bioquímica. Nenhum pesquisador deve achar

humilhante a tarefa de descrever – que, muito pelo contrário, é a realização máxima e mais rara”. (LATOURE, 2012, p. 199)

Os relatos textuais são o laboratório do cientista social. Além disso, tal como Jonh Law (2007), entendo que as narrativas têm uma tonalidade estética que performa prazer, beleza, horror, encantamento, estando menos presa ao dever de serem exatas e mais à inflexão histórica do que se pretende narrar. Ao invés do diário transportar apenas “falas fiéis”, a descrição densa pretende tornar cada ponto do texto uma encruzilhada, um evento ou a origem de uma nova translação (LATOURE, 2012<sup>12</sup>).

Partindo dos pressupostos metodológicos compartilhados com a Teoria Ator-Rede, os relatos textuais que aqui trarei, não serão filtrados com interpretações. A concepção é de que a descrição fala por si só e que, se precisar ser explicada, não será uma boa descrição (LATOURE, 2012).

Mas não há inocência ou neutralidade nos relatos. Nós, pesquisadoras e pesquisadores, criamos realidades com nossos métodos e recortes feitos. Se abordagens metodológicas “criam” realidades, pressupomos que métodos são imediatamente políticos (LATOURE, 2000; LAW; MOL, 2008; LAW; URRY, 2010; MOL; LAW, 2004; MOL, 2002).

### 1.13 Questões éticas

Muitas conversações foram realizadas neste estudo, com inúmeras preocupações éticas antes de divulgá-las. Quando algo me chamava atenção, que entendia não ter impasse ético, durante as interações, perguntava: “isso é muito interessante, posso colocar na ‘minha’ tese?”. Não obtive nenhuma recusa, ao contrário, as pessoas demonstravam certa empolgação em ter um pedaço de si em uma pesquisa. Aliás, está aqui a explicação sobre as aspas na palavra “minha”, linhas acima. O modo de fazer pesquisa que aqui tentei produzir parte do pressuposto de que há uma coautoria com os diferentes atores, rompendo assim, com a ilusão da possibilidade do registro neutro.

---

<sup>12</sup> Entende-se por translação (também chamada de tradução), o processo de transformação por que passa um ator ao se relacionar a outros atores e aos seus deslocamentos entre ações.

Outro fato que afligiu foi a aparente recusa dos atores em me posicionarem como pesquisadora. A preferência pelo título de “Dra”, em preterimento ao meu nome “Juliana”, apontaram a necessidade de hierarquia no grupo (como apontado no item 1.3), mas também ao desejo de ter uma psicóloga entre eles. Nesse sentido, os dilemas por mim enfrentados foram significativos: para quem eles contavam suas histórias? Para uma escuta de uma pesquisadora ou uma escuta de uma psicóloga? Após intensas reflexões com o núcleo de pesquisa do qual faço parte, entendemos que não era possível realizar tal cisão, já que eu era, de fato, uma pesquisadora de psicologia social e também psicóloga. Com isso, quando alguém me procurava para falar sobre alguma experiência pessoal, confidencial ou que desviava do foco da tese, eu procurava acolher e orientar dentro de minhas limitações nessas instituições. Essas experiências e conversas não serão tratadas nesta tese.

## Capítulo 2 – O *Mixed Martial Arts* (MMA) no Tempo Longo da História

As lutas estiveram presentes ao longo dos tempos, permeando culturas e povos, e se misturando com a história da humanidade. Elas foram retratadas em diferentes regiões e épocas, das inscrições contidas nas cavernas, nos chamados registros rupestres, aos ensinamentos que passavam de pai para filho para a defesa de um território, até chegar aos eventos que são promovidos na atualidade (PAIVA, 2015). Falarei aqui que tal história está inscrita em três tempos: no Tempo Longo, no Tempo Vivido e no Tempo Curto.

De acordo com Mary Jane Spink (2004), o Tempo Longo é constituído pelos discursos das diferentes épocas, focalizando a longa história de circulação de repertórios na sociedade. Os repertórios que circulam no Tempo Longo não desaparecem; são passíveis de serem retomados. Nesse tempo, estão inscritas as produções linguísticas e pictóricas de que se tem conhecimento. O Tempo Vivido corresponde ao tempo de socialização, ou seja, ao pertencimento a determinados grupos sociais, que podem ressignificar os conteúdos históricos. Já o Tempo Curto é o tempo das interações, é o aqui e o agora. Neste capítulo, se focalizará o Tempo Longo do MMA, onde serão apresentados alguns pontos de partida e proximidades com o seu formato atual.

### 2.1 Um ponto possível de partida: as lutas nos registros rupestres

Em diferentes períodos históricos e lugares, há relatos de lutas que mixavam estilos de combate com a ausência de regras. A autoria do MMA moderno chega a ser tão polêmica que é comparada por João Barreto (2013, p. 59) ao conflito pela invenção do avião:

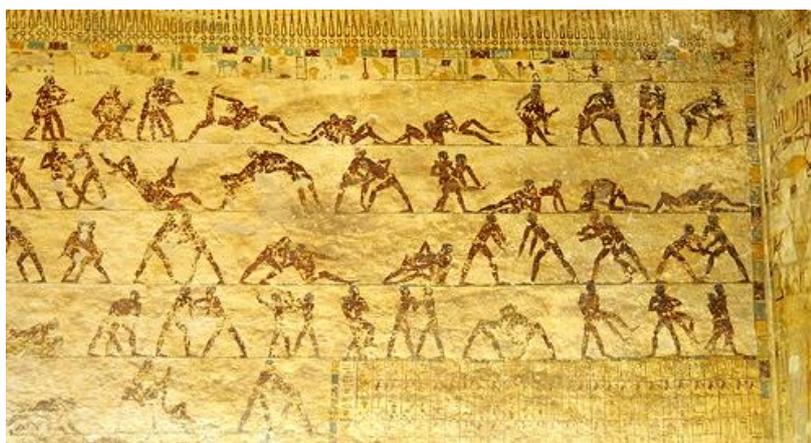
Não quero alimentar polêmica similar à da aviação: afinal, o pioneiro foi o brasileiro Santos-Dumont ou foram os Irmãos Wright? Quem estuda a história triunfante da internacionalização do Valetudo Brasileiro, hoje mais conhecido pela glamorosa e respeitável grife “MMA” (Mixed Martial Arts), seguramente perceberá o mérito pioneiro da Família Gracie.

Tal incógnita acerca da origem permeia também o surgimento das lutas de um modo geral e seus diferentes estilos, já que os antigos mestres não repassavam seus conhecimentos facilmente, nem de forma escrita, nem para qualquer

candidato a lutador. A origem também é contraditória quando se analisam os combates na história antiga. Há interpretações distintas a respeito das lutas ilustradas em desenhos rupestres na Caverna de Lascaux (BATAILLE, 1955; LAMING-EMPERAIRE, 1955), cerca de 15.000 a.C. Imagens rupestres foram encontradas no Brasil, no Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí. Em 1991, o Parque foi declarado Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO, tendo em vista a diversidade de sítios arqueológicos e, particularmente, as pinturas rupestres.

No Brasil, os grupos de pesquisa coordenados pelas arqueólogas Prof. Dra. Anne Marie Pessis e Prof. Dra. Niède Guidon, desde a década de 1970 vêm buscando compreender na arte rupestre o modo como as gravuras retratavam as lutas nesse período da Pré-História. Escavações realizadas no entorno e mesmo nas cavernas com registros de lutas comprovaram, após realizarem datação por carbono nos vestígios, a presença do homem ali há mais de 10 mil anos. Estes são considerados os registros mais antigos da presença humana no continente (GUIDON, 2007; PESSIS, 2013). Outra narrativa que remete à história do MMA tem por foco o túmulo de Vizier Ptahhotep, no Egito, cerca de 2250 a.C (COLLI, 2004).

**Figura 1:** Tumba 15. Cemitério de Beni Hasan, Egito.



Fonte: Página Ask Aladdin<sup>13</sup>

Nesse túmulo há imagens de seis tipos diferentes de lutas. Ainda no Egito foram encontrados também desenhos de combates no túmulo 15, em Beni Hasan,

---

<sup>13</sup> Disponível em:

[http://www.ask-aladdin.com/Egypt-Sites/ancient\\_egyptian\\_sites/Beni\\_Hasan.html](http://www.ask-aladdin.com/Egypt-Sites/ancient_egyptian_sites/Beni_Hasan.html)

datados de 2400 a.C. com, aproximadamente, 200 lutadores representando golpes que são utilizados frequentemente em lutas de MMA.

## 2.2 O *Pankration*

Apesar de a popularização do esporte ser relativamente recente, há relatos que apontam o *Pankration*<sup>14</sup> (648 a.C - ano em que foi introduzido nos Jogos Olímpicos) como uma das possíveis origens do MMA (ALVES & MARIANO, 2011). O *Pankration*, cujo nome é constituído pelas palavras gregas *pan* (tudo, vários, diversos) e *kratos* (poder, força), foi uma das primeiras lutas sem armas e com poucas regras que se popularizou na antiguidade. O termo *Pankration* pode também ser grafado como *pancrácio* ou *pancration*, que vem do grego *pancratium* que significa “poderes totais” ou “todo poderoso”. Essa forma de combate se espalhou pelo Império Romano, onde era praticado pelos cidadãos livres (ARVANITIS, 2003). Os deuses gregos eram também lutadores. O ideal de beleza, de potência, força e de conhecimento era predominantemente masculino. Conta a mitologia que Píndaro descreve a luta de Zeus e Kronos pela posse do Universo, e que a primeira Olimpíada, em 776 a.C, foi organizada em comemoração à vitória do primeiro (COLLI, 2004).

**Figura 2:** Lutadores Uffizzi lutando *Pankration*.



Fonte: Site do Museu do Louvre<sup>15</sup>

<sup>14</sup> Também chamado de pancrácio.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://museulufpe.wix.com/esculturas#!page-3/albumphotos2=20>

De acordo com a Federação Mundial de *Pankration*<sup>16</sup>, Plutarco atribui a criação desse esporte a Teseu, o antigo guerreiro mítico grego, que usou técnicas de *Pankration* para derrotar o Minotauro (o monstro que era metade homem e metade touro). No entanto, de acordo com Pausânias, o criador do *Pankration* teria sido o semi-Deus Hércules, que também teria ganhado os primeiros Jogos Píticos, realizado por Apolo, em Delfos. Em outra versão, teria sido Hércules o primeiro a usar técnicas de *Pankration* para subjugar o leão de Nemeia (que está retratado em inúmeros vasos gregos).

**Figura 3:** Hércules estrangulando o leão de Neméia, detalhe de um mosaico romano da Llíria (Espanha).



Fonte: Site Wikipédia<sup>17</sup>

O *Pankration* é uma mistura de Boxe e *Wrestling* (luta livre) com golpes e técnicas de lutas que incluem socos, chutes, estrangulamentos, agarramentos e imobilizações. As técnicas antigas do esporte incluíam o nocaute no adversário, sufocamento, desmaio, ou até a morte, principalmente quebrando-lhe o pescoço. (ARVANITIS, 2003).

Em 648 a.C., o *Pankration* foi incluído como evento esportivo para homens adultos nos 33º Jogos Olímpicos da Antiguidade e, como um evento para jovens do sexo masculino, em 200 a.C., nos Jogos Olímpicos da Juventude. Era realizado em três dias consecutivos e logo se tornou extremamente popular, continuando como esporte olímpico até 393 d.C. (CORNELL, 2002; VARNEY,

<sup>16</sup>International Federation of *Pankration*, *Historical Background*, <http://www.pankration.gr/history.htm> (acesso em 24/07/2014).

<sup>17</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Le%C3%A3o\\_da\\_Nemeia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Le%C3%A3o_da_Nemeia)

2009). Esse desporto tinha algumas regras básicas, como não inserir os dedos na boca do adversário, olhos ou nariz e não morder ou bater nos pontos fracos como a virilha. Havia um árbitro que regulamentava a luta com um chicote contra quem violasse as regras (<http://www.pankration.gr/history.htm>).

A prova realizava-se num círculo de solo rígido, que era bastante regado. O piso, escorregadio, favorecia a queda dos lutadores, provocando hematomas e fraturas. À exceção de furar olhos, morder ou arranhar, tudo era permitido: socos, golpes com os pés, cabeçadas, torceduras e estrangulamentos. Mesmo que um dos contendores caísse, continuava a ser golpeado. Dada a brutalidade, o pancrácio podia levar à morte e isso atemorizava os próprios atletas. Existem informações de que os pancratistas eram incultos, brutais e vinham das regiões mais atrasadas da Grécia (GODOY, 2001, p. 90).

O *Pankration* também foi usado pelos espartanos na batalha das Termópilas (480 a.C), que ficou conhecida mundialmente após o lançamento do filme "300". Como era fácil perder as armas e cair no chão durante as batalhas, os espartanos usavam as habilidades do *Pankration* para subjugar e matar o adversário. Como é apresentado no filme "300", os espartanos começavam seu treinamento ainda crianças, com aproximadamente sete anos. As lutas eram vencidas por desistência ou se o oponente ficasse de alguma forma incapacitado para continuar a luta. Não existia divisão de peso para a realização dos combates, ou seja, um atleta baixo e magro poderia lutar com outro alto e pesado. Havia poucas regras, como não poder morder e pôr o dedo no olho do adversário. Também não havia limite de tempo, e as lutas só acabavam quando um dos lutadores se rendia ou, como não era raro acontecer, morria (MORELLO, 2012).

A história desse esporte aponta também para o fato de que, quando os exércitos de Alexandre, o Grande, marchavam, criavam tendas para manifestações de uma variedade de esportes, incluindo o *Pankration*. Acredita-se que este esporte perdeu sua força como arte marcial, após a ascensão do Império Romano. Ainda assim, alguns mestres passaram a ensinar aquele estilo em segredo, só para os "mais dignos candidatos" (BLACKLOCK, 1997). Embora meio adormecido, o *Pankration* sempre esteve ativo em algum lugar do mundo (ARVANITIS, 2003; BLACKLOCK, 1997; MORELLO, 2012; NURSE, 1987). A atual febre por lutas consideradas "sem regras" fez apenas retomar com mais afinco o interesse por ele, bem como aqueceu a discussão sobre a autoria dos eventos modernos de MMA. Para muitos, pois, o *Pankration* é o MMA da antiguidade.

Professores de *Pankration* podem ser encontrados em diversos lugares do mundo. Pode-se dizer que esse esporte está em contínuo processo de profissionalização, contando com o desenvolvimento de confederações e federações em âmbito mundial, as quais tentam cada vez organizar mais eventos e profissionalizar tal modalidade para reinserção nos Jogos Olímpicos.

### 2.3 Os gladiadores do império romano

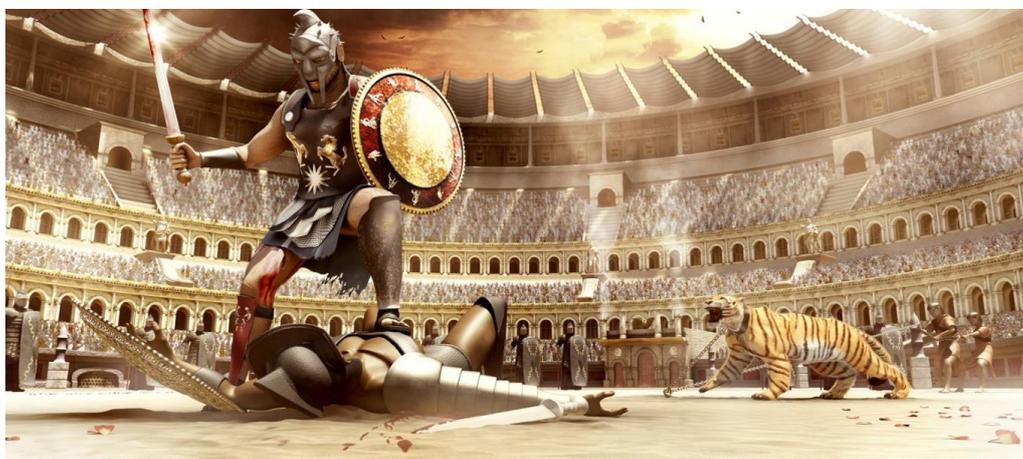
Outra inspiração, que muito contribuiu para o formato do MMA nos dias atuais, deriva das lutas da Roma Antiga. O formato circular das arenas, o público espectador hipnotizado pelas lutas, além dos lutadores levados ao limite do seu corpo, constitui parte do MMA atual. Essas semelhanças fazem render na mídia, aos lutadores de MMA, o título de “Gladiadores Modernos” (BRASIL; PAZ, 2015; CARDOSO, 2014; REDAÇÃO SUPER, 2001).

Os primeiros registros sobre lutas de gladiadores em Roma datam do século IV a.C., aproximadamente, quando manifestações religiosas se transformaram em cruéis e sangrentos rituais (ELLIOT, 2005). O objetivo principal era entreter os romanos com espetáculos grandiosos que poderiam durar o dia todo, visando também afastar o público de descontentamentos políticos (GODOY, 2001). Nesses espetáculos era distribuído pão aos presentes, o que deu origem à expressão “Pão e Circo” (em latim, *panem et circenses*). Essa expressão está presente na Sátira X do humorista e poeta romano Juvenal (aproximadamente 100 d.C.). O poeta criticava a falta de informação do povo romano e seu desinteresse por assuntos políticos. Aliado a isso, a escravidão da zona rural gerou desemprego e êxodo de camponeses para a cidade, em busca de melhores condições de vida e, com isso, surgiram diferentes problemas sociais. Desse modo, instituindo-se a política “Pão e Circo”, os líderes romanos esperavam diminuir as chances de revolta, mantendo a população fiel à ordem estabelecida (GODOY, 2001).

Durante o império romano, os lutadores, chamados de “Gladiadores”, eram predominantemente escravos, prisioneiros de guerra, condenados por delitos graves ou, eventualmente, cidadãos livres pobres que se incorporavam às escolas de treinamento para melhorar sua precária condição financeira. Havia também,

entre eles, alguns imperadores que se envolviam de tal sorte com os combates que acabavam se transformando em gladiadores (MANNIX, 2004).

**Figura 4.** Ilustração de gladiador em combate no Império Romano



Fonte: *Site Only Free wallpaper*<sup>18</sup>

Os combates podiam ser a pé ou a cavalo, usavam-se espadas (também chamadas de gládios), facas e lanças, e as lutas eram entre humanos ou contra animais selvagens. Quem tentasse fugir da luta era forçado a voltar com golpes de ferro em brasa (GODOY, 2001). No ano 80 d.C, foi construída uma arena especial para esse tipo de espetáculo, o Coliseu, em Roma. O espaço, grandioso, com capacidade para cerca de 50.000 pessoas, abrigava, em seus 30.000 m<sup>2</sup>, gladiadores e animais que se apresentavam em espetáculos sangrentos (MANNIX, 2004). A festa de inauguração do Coliseu durou cem dias, ocasião em que morreram cerca de 9.000 animais selvagens e centenas de pessoas (CASTILLO, 2013). Os espetáculos eram gratuitos, quando organizados por instituições romanas, mas, dado o sucesso do evento, começaram a surgir empresários que montavam combates privados. Nesse caso, as elites pagavam altos valores para as entradas, tranquilamente, esperando ver os melhores lutadores do momento (MANNIX, 2004).

Os combates eram presididos por um responsável que julgava se o derrotado deveria ou não morrer, mas também era influenciado pelo povo. A manifestação popular ocorria apresentando a mão fechada com o polegar para baixo, significando o desejo popular pela morte do derrotado e, na posição oposta,

<sup>18</sup> Disponível em: <http://onlyfreewallpaper.com/view/gladiator-1366x768.html> . Acesso em set/2015.

com o indicador apontando para o alto, representando o desejo que o derrotado ficasse vivo. Eram acompanhados também de expressivos gritos para expressar os momentos cruciais dos combates: “mate-o”, “solte-o”, “ave Cesar, os que vão morrer te saúdam”, “degole-o”, entre outros (ELLIOT, 2005).

A crescente e progressiva importância do cristianismo deu espaço para a decadência desses eventos, tendo sido banido pelo imperador Flávio Honório, no ano 404 (CEBRIÁN, 2004). Como será explicado adiante, o formato do MMA atual deriva de elementos desses períodos históricos, impulsionados, também, pelas ideias de John Milius, diretor do filme “Conan – o Bárbaro”.

#### 2.4 O MMA no Brasil

As raízes do MMA no Brasil estão vinculadas diretamente à história da família Gracie. Os integrantes desta família teriam sido os responsáveis pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento do estilo de arte marcial brasileira conhecida hoje como Jiu-Jitsu brasileiro ou *Brazilian Jiu-Jitsu* (BJJ). São considerados, ainda, os fundadores da principal liga de MMA do mundo, o UFC. Por sua importância, essas raízes serão descritas com maiores detalhes.

De acordo com Fellipe Awi (2012), tudo começou em 1917, quando Gastão Gracie, carioca de origem escocesa, sempre atento às oportunidades de negócio, conheceu, em Belém do Pará, Mitsuyo Maeda (ou Conde Koma, seu nome artístico), quando este fazia demonstrações de Jiu-Jitsu nas praças, teatros e pequenos circos, utilizando quase sempre homens muito maiores que ele como adversários. Naquela ocasião, Gastão viu uma oportunidade de se associar a Maeda, com a ideia de desenvolver um circo que transitasse na Amazônia com exposições de Jiu-Jitsu, e, concomitantemente, “domesticasse” a agressividade do seu primogênito, Carlos, na época com 15 anos.

Foram três anos de aulas e exposições artísticas com uma dedicação extrema de Carlos, que acabou se tornando o professor dos irmãos mais novos: Oswaldo, Gastão Filho, George e Hélio. Carlos teria entendido que o Jiu-Jitsu seria a única luta em que o mais fraco poderia vencer o mais forte, tal como Conde Koma fazia em suas apresentações (GRACIE, 2008). Mais tarde foi o irmão caçula, Hélio

Gracie, quem aperfeiçoou as técnicas de defesa, aprimorando estratégias para que fosse possível vencer combates com adversários com mais de 20 quilos do que o lutador de Jiu-Jitsu. Para os Gracie não restavam dúvidas: esta era uma modalidade soberana de combate perante as demais. Para eles, os méritos não estavam com o lutador, e sim, com a técnica empregada. Se um lutador conseguisse aplicar os princípios do Jiu-Jitsu corretamente, poderia vencer um adversário em qualquer outra arte marcial (AWI, 2012). As técnicas principais eram os estrangulamentos, alavancas, imobilização e torções.

Quando em 1925 a família abriu sua própria academia no Rio de Janeiro, Carlos Gracie colocou um anúncio no jornal “O Globo” para atrair alunos com os dizeres: “Se você quer ter uma costela partida ou braço quebrado, venha procurar Carlos Gracie a qualquer hora do dia ou da noite”. Esses desafios sem regras e sem tempo foram chamados de "Desafio Gracie" e, ao que tudo indica, a estratégia mercadológica funcionou. Diversos boxeadores, judocas, caratecas, estivadores e valentões de todos os tamanhos e índoles atenderam ao desafio dos Gracie e, com poucas exceções, acabaram sendo derrotados (TEIXEIRA, 2011).

Outra tradição que também se iniciou com Carlos foi o cuidado com a alimentação, refletido em uma dieta rigorosa, formulada de acordo com a classificação dos alimentos em diferentes grupos e a combinação apropriada entre eles, com o objetivo de equilibrar o pH dos ingredientes das refeições, evitando, sobretudo, o excesso de acidez (TEIXEIRA, 2007).

Outro personagem marcante dessa história foi Hélio Gracie, o irmão mais novo de Carlos. Ele era um adolescente franzino, com saúde precária (tinha constantes desmaios), o que levou o médico da família a proibi-lo de praticar atividades físicas. Impossibilitado durante anos de praticar o Jiu-Jitsu, limitou-se a observar seus irmãos. Quando pôde começar a treinar, notou que não conseguia executar os mesmos movimentos e golpes. A força que lhe faltava o obrigou a desenvolver um estilo próprio de luta, transformando gradativamente o Jiu-Jitsu até fazê-lo merecer o apelido de “arte suave” (TEIXEIRA, 2007). Hélio dedicou sua vida ao Jiu-Jitsu, levando uma vida extremamente disciplinada: não fumava, não bebia nada alcoólico e não praticava sexo que não fosse para fins de

reprodução. Essa abnegação o levou a ocupar um lugar de destaque entre os Gracie, sendo o representante da família para os combates mais importantes.

A aparência frágil de Hélio, as técnicas ainda desconhecidas do Jiu-Jitsu e as numerosas vitórias contra os mais diferentes adversários auxiliaram na propaganda do novo esporte. Mais tarde, Hélio Gracie e sua família e, principalmente, Rickson (o quarto filho de Hélio), mantiveram os desafios que passaram a ocorrer como duelos de vale-tudo, com ou sem a presença da mídia. Heróis do Ringue, Estilo contra Estilo, Vale-tudo, A noite das Artes Marciais, foram apenas alguns dos nomes dos combates, nos quais o Jiu-Jitsu concorria com outras modalidades de lutas (ALONSO; NAGAO, 2013).

Sempre envolvida com importantes políticos, músicos, jornalistas, empresários e atores, a família Gracie, ao longo de sua história, contou com a colaboração de muitos para a consolidação do Jiu-Jitsu. Essas contribuições foram úteis para se safarem de conflitos policiais (brigas em boates, praias, em outras academias, trânsito, etc.) e até com os militares na época da ditadura. Essa influência foi também decisiva para que o esporte ganhasse o respaldo da mídia para a divulgação e a transmissão dos primeiros eventos (AWI, 2012).

Embora a proximidade com o poder tenha auxiliado na disseminação do Jiu-Jitsu, o que parece ter contribuído de modo preponderante foi a capacidade da família Gracie de vendê-lo como a arte marcial mais eficiente do mundo. Para isso, as artes marciais consideradas inimigas, sobretudo as lutas em pé, foram cruciais. A Capoeira (a luta que mais tinha ares brasileiros até então), o Boxe (pela constante e progressiva influência norte-americana), Kung Fu, Karatê e Taekwondo (pela influência do cinema, sobretudo com a participação dos atores Bruce Lee e Jean-Claude Van Damme), a Luta-Livre e o Muay Thai (que possuíam um significativo espaço no Rio de Janeiro) eram os principais alvos do Jiu-Jitsu. Bastava um estímulo para que os Gracie desafiassem outra modalidade de luta, para provar sua supremacia.

Outra característica marcante da família Gracie era a relação com as mulheres:

Contraditoriamente, os Gracie seguiram com especial devoção o trecho da *Bíblia* em que se lê "crescei e multiplicai-vos". Aos 21 filhos, 71 netos e quarenta bisnetos de Carlos somam-se 36 descendentes de Hélio, o que inclui seus nove filhos, 26 netos e um bisneto. "Eles acham que mulher só existe para dar filhos. Quando elas já não podem mais, eles trocam de mulher", diz uma das Gracie, que se sente impedida de ter seu nome revelado. "A família Gracie é um patriarcado e as mulheres sofrem as consequências disso", diz Reila, filha do terceiro casamento de Carlos (FRANÇA, 2000, s.p.).

O lugar destinado às mulheres da família Gracie, durante longo tempo, ficou restrito aos cuidados da casa e à reprodução de seus lutadores. No lugar destinado a elas, a traição por parte do marido deveria ser aceita e a convivência "harmônica". O tatame não era para elas (AWI, 2012). A primeira mulher a subverter essa lógica foi Kyra Gracie (29/5/1985), pentacampeã mundial no esporte (2004, 2006, 2008, 2010 e 2011) e a única mulher faixa-preta da família até 2014. Mesmo demonstrando talento para o combate, foi pressionada pela família a abandonar o tatame, o que pode ser visto em diferentes reportagens e entrevistas concedidas por ela na internet ou em programas de TV. Esse sexismo<sup>19</sup> pareceu extrapolar os limites da família Gracie quando se tratava da lutadora e campeã do clã. As publicações em torno de Kyra Gracie estavam quase sempre vinculadas à sua beleza e ao seu "jeito feminino", "ainda que" fosse uma atleta de luta. Publicações com títulos "MULHERES LINDAS — Kyra Gracie, a **gracinha**<sup>20</sup> do clã" (SETTI, 2014), ou ainda associada ao companheiro e ator global Malvino Salvador, "Grávida, namorada de Malvino Salvador aparece enxuta e fãs questionam: "Cadê a barriga?" (R7, 2014), parecem reproduzir o machismo presente não só na família Gracie, mas também em torno do esporte. Nesse sentido, a última reportagem é emblemática: desaparece a pessoa Kyra Gracie (lutadora, pentacampeã mundial, mãe, mulher) e aparece apenas a "namorada de Malvino Salvador".

A relação dos patriarcas com suas crianças também chama atenção. Estas desde cedo cresciam no tatame, sempre praticando o Jiu-Jitsu. Quando alguma

---

<sup>19</sup> Para Carla Garcia, o sexismo "se define como o conjunto de todos e cada um dos métodos empregados no seio do patriarcado para manter em situação de inferioridade, subordinação, exploração o sexo dominado: o feminino". A autora cita ainda como exemplo a divisão da educação por sexos, que prioriza a educação da menina a costurar e rezar, ou ainda a proibição de sua inserção em universidades ou em exercer certas profissões. Tem-se, assim, a subordinação das mulheres ao poderio masculino (GARCIA, 2015, p. 18–19).

<sup>20</sup> Grifo da autora

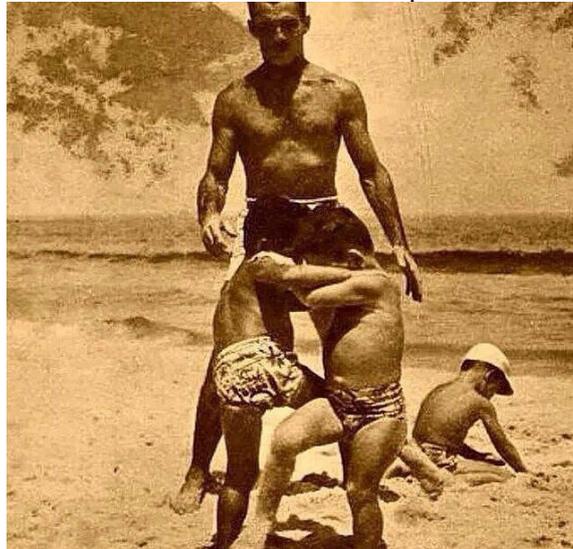
pensava em se sobressair, por ter vencido outra criança, era severamente punida pelos patriarcas com a seguinte expressão: “Está comemorando por quê? Por acaso você pensou em perder?” (AWI, 2012).

**Figura 5:** Carlos Gracie ensinando os irmãos a praticarem o Jiu-Jitsu



Fonte: Página da Academia Gracie Barra<sup>21</sup>

**Figura 6:** Hélio Gracie ensinando seus filhos a praticarem o Jiu-Jitsu.



Fonte: Página da lutadora Kyra Gracie no Facebook<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://www.graciebarra.com/br/sobre-a-gracie-barra/jj-gb/historia>> Acesso em ago.2014.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/kyragracieoficial/photos/a.639679392729228.1073741826.127210457309460/824736927556806/?type=1&theater>> Acesso em ago.2014.

Com um clã formado, a garantia de lutadores de alto rendimento estava assegurada (AWI, 2012). A cada geração havia sempre um lutador principal que representava a família nos combates mais épicos. A escolha deles se dava não apenas pela técnica, mas também por certo espírito de liderança, e até por ser franzino (o que ajudava a dar o toque de que o “mais fraco pode vencer o mais forte”, se utilizar o Jiu-Jitsu como modalidade de combate).

A seleção natural sempre foi encarada com muita naturalidade na família Gracie. Afinal, numa dinastia de campeões, nada mais comum que a ordem hierárquica estabelecida pela lei do mais forte. Quando Carlson se aposentou dos ringues, seu sucessor natural passou a ser o irmão mais novo, Rolls Gracie. Não só pela vantagem que levava sobre os primos nos treinos, mas principalmente pela liderança que exercia frente à nova geração do clã (ALONSO; NAGAO, 2013, p. 16).

E a sucessão se deu de Carlos para Hélio; de Hélio para Carlson; de Carlson para Rolls; de Rolls para Rickson, e assim por diante. No entanto, nos dias atuais, a família Gracie parece enfrentar um dos seus maiores adversários desde suas origens históricas: o conflito entre seus membros, iniciado já no século passado, conforme explica o texto abaixo:

A briga entre as duas facções Gracie começou com uma troca de acusações em abril, quando Rilion, filho de Carlos, deu uma entrevista em que criticava os parentes que estimulam a violência entre os praticantes do esporte. Ele ressaltou as qualidades de seu pai como atleta e pessoa avessa a qualquer tipo de agressividade. O tio Hélio contra-atacou. Tachou os sobrinhos de ingratos e o irmão de "mulherengo e demônio em forma de gente". O bate-boca esquentou na semana passada. Reyla, sobrinha de Hélio, acusou o tio de aumentar a própria importância no Jiu-Jitsu. "Meu tio precisa deixar a vaidade de lado", afirmou. O ramo de Hélio revida e acusa um filho de Carlos, Carlson, de ensinar os segredos do Jiu-Jitsu a pessoas estranhas ao clã, como os campeões Vitor Belfort e Amauri Bitetti criando, assim, concorrentes de peso aos Gracie (FERNANDES, 1999, s.p.).

Esta é uma história composta por muitas versões, interesses, relações de poder e dinheiro, que não cabe explorar aqui. Por ora, vale frisar que o clã atualmente não tem um discurso homogêneo como no início do século XX. Por este motivo, não é difícil, nos eventos de MMA, assistir a uma luta com ambos os atletas treinados por um integrante da família Gracie, fato que, nos primórdios, era absolutamente inadmissível. Ainda assim, é um nome comercialmente forte e temido no cenário das lutas (ou no mínimo digno de respeito).

## 2.5 A criação do UFC, a principal liga de MMA do mundo

Com o sonho de levar o Jiu-Jitsu para o mundo, em 1993, Rorion Gracie criou o UFC nos Estados Unidos: evento de vale-tudo onde oito lutadores de

diferentes artes marciais se enfrentavam numa mesma noite, em combates disputados dentro de uma jaula de formato octogonal, sem luvas, protetor bucal, estabelecimento de *rounds* ou limite de tempo. Cabeçadas, joelhadas, chutes no rosto do adversário deitado no chão, pisões na costela, dentes quebrados, supercílios abertos, cotovelos estalando em chaves de braço, estrangulamentos. Era o mais próximo que se conseguia chegar de uma briga de rua, um dos principais objetivos dos Gracie para mostrar a supremacia de sua arte. Entretanto, esse evento era realizado longe das ruas, em um ringue estilizado, com luzes e efeitos especiais, transmissão pela TV e *replay* dos lances mais dramáticos (TEIXEIRA, 2007).

Sendo professor de alunos importantes que trabalhavam em Hollywood, sobretudo John Milius (como citado anteriormente, diretor do filme Conan – o Bárbaro), cada detalhe do evento foi pensado para dar o toque de espetáculo, aproximando-se dos antigos gladiadores romanos e as antigas lutas épicas. Para o ambiente de combate surgiram ideias como: criar uma cópia do ambiente do combate do filme Mad Max; um tanque com jacarés e tubarões em volta do espaço de luta (caso o lutador quisesse fugir, cairia no tanque e seria devorado), ou ainda, deixar Octógono com choques elétricos nas grades (“Sensei Combate. Entrevista com Rorion Gracie”, 2012). O formato escolhido tem oito lados, grades ao redor, sem choques, animais no entorno e pouco mudou.

**Figura 7.** Octógono do UFC 1. Luta entre Royce Gracie e Ken Shamrock - 12 de novembro de 1993



Fonte: Página MMA Micks<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Disponível em: <http://mmamicks.com/wp-content/uploads/2013/12/UFC-1-Ken-Shamrock-vs-Royce-Gracie-YouTube.png>. Acesso em dez.2015.

**Figura 8.** Octógono do UFC 194: José Aldo e Conor McGregor em 12 de dezembro de 2015.



Fonte: Página MMA Brasil<sup>24</sup>

Rorion Gracie também contou com a assessoria de Art Davie (executivo de *marketing*) para desenvolver o UFC. Davie fez o plano de negócios, e 28 investidores contribuíram com o capital inicial para começar a WOW Promotions, com a intenção de desenvolver o torneio em uma franquia de televisão (AWI, 2012).

A McNichols Arena, local do UFC 1, recebeu 3.500 pessoas: da classe trabalhadora branca, praticantes de artes marciais e curiosos em geral. O evento foi também vendido via *pay-per-view* (PPV), obtendo 86 mil assinantes com o faturamento de cerca de US\$1,3 milhões, superando todas as expectativas e merecendo destaque na semana seguinte na revista americana de negócios *Forbes* (ALONSO; NAGAO, 2013).

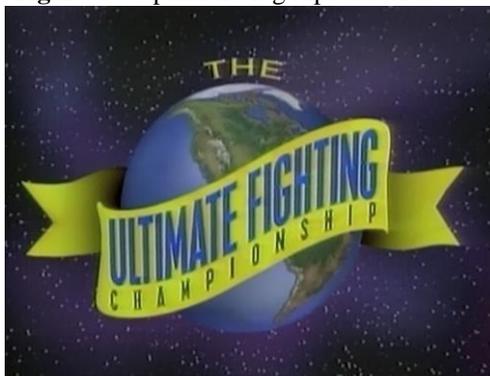
A transmissão da TV começou com um alerta: “Todos os lutadores deste programa são atletas altamente treinados que sabem os limites de sua resistência. Embora não haja regras, existe uma supervisão médica severa. Nenhum lutador se machucará seriamente. Mas não tente fazer isso em casa” (AWI, 2012, p. 97).

O primeiro modelo de cartaz promocional do DVD, desenvolvido a partir do UFC 1, divulgou um evento sem regras, censura, edição ou controles. Apesar de o UFC ter usado o *slogan* “*There are no rules!*” (“Não há regras!”), algumas

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.mmabrazil.com.br/mma-brasil-matchmaker-lutas-a-casar-apos-o-ufc-194>. Acesso em dez.2015.

existiam para minimamente regular os combates: não era permitido deda nos olhos e puxar o cabelo, mas até os ataques na região genital estavam liberados.

**Figura 9:** O primeiro logotipo do UFC.



Fonte: Página do UFC<sup>25</sup>

No início, a maioria dos lutadores tinha habilidades em apenas um tipo de luta: Boxe, Sumô, Savate, Wrestling, Karatê ou Jiu-Jitsu. Assim, o UFC também surgiu com a proposta de colocar frente a frente diferentes técnicas de artes marciais para localizar qual seria a soberana entre elas.

Royce Gracie, o mais leve dentre todos os competidores, lutou três vezes no primeiro evento do UFC, sendo campeão sem um olho roxo (ALONSO; NAGAO, 2013)<sup>26</sup>. Royce foi escalado porque a família queria alguém que parecesse uma “pessoa normal”, com o biotipo magro, e não um atleta com um físico forte definido, como era o caso de seu irmão Rickson. O objetivo era exaltar a luta e não o lutador. Assim, Royce foi escolhido para lutar porque sua vitória representaria tudo aquilo que o Gracie Jiu-Jitsu sempre fez questão de divulgar: Davi poderia derrotar Golias (TEIXEIRA, 2007).

Desde o início, o UFC encantou e apavorou. O encantamento foi notório pelo destaque nas vendas de *pay-per-view* ou mesmo no público presente no primeiro evento. O horror se deu na mesma medida, quando autoridades tentaram banir os eventos do UFC em diversos estados americanos, em decorrência da “violência do combate”. Após duras críticas e intensos protestos liderados pelo

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://www.ufc.com/news/UFC-I-A-Look-Back-at-Where-It-All-Began-2013>> Acesso em ago.14.

<sup>26</sup> Foi também campeão dos UFC 2 e 4.

senador republicano do Arizona, John McCain, o UFC saiu dos principais *pay-per-views*, ficando apenas com a exibição via PPV da DirecTV, com pouca audiência, se comparada com a anterior (AWI, 2012).

Com intensas pressões políticas e dificuldades para que o evento pudesse ser realizado, o UFC entrou em declínio, sobretudo a partir de sua 4ª edição. Assim, o evento teve que ser reformulado: criaram-se regras, *rounds*, juízes foram profissionalizados e estabeleceram-se limites de tempo para que pudesse ser sancionado por comissões atléticas, visando ganhar o *status* de esporte e, assim, se manter ativo. Após a sua 5ª edição, o evento acabou sendo vendido pelos Gracie, já que havia sido descaracterizado do ideal de ser o “mais próximo possível de uma briga real”.

Com a saída dos Gracie do UFC, outro lutador brasileiro ganhou destaque: Marco Ruas. Rival da família Gracie nos confrontos de Vale-tudo na cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1980, Ruas se negava a ser classificado como representante de uma arte marcial. Lutava tanto no chão como em pé e foi um importante disseminador da necessidade de o atleta conhecer todas as modalidades de luta que pudessem contribuir para a vitória. Marco Ruas foi campeão do UFC 7, em 1995, defendendo o estilo de luta “Ruas vale-tudo”. Ele teria sido o primeiro a entender que o futuro do atleta no esporte dependeria de suas habilidades em múltiplas artes marciais, ou seja, na mixagem de estilos de combate. A partir disso, passou a ser progressiva a autoclassificação dos lutadores em atletas de MMA e não apenas em uma determinada arte marcial.

Em 2001, os irmãos Frank e Lorenzo Fertitta, donos de uma rede de cassinos em Las Vegas, junto com o promotor de Boxe, Dana White, compraram o UFC. Deram o nome de Zuffa para a empresa responsável por todo o evento. A partir daí, foram estipuladas 31 regras, os atletas foram divididos em cinco categorias, de acordo com o peso, e cada lutador poderia participar apenas de um combate por noite (CORREIA, 2010). Depois dessas mudanças, o UFC retornou ao PPV da TV a cabo americana e sua popularidade voltou a crescer, contando também com a ajuda de intensas propagandas e patrocínios. Além disso, outro alavancador para o aumento da popularidade do UFC foi a criação do *reality show* com o nome de *The Ultimate Fighter* (TUF).

Neste *reality show*, os lutadores de MMA profissionais ou amadores competem entre si para entrarem em uma casa fechada para treinamento. São subdivididos em duas equipes que contam com a liderança de treinadores profissionais do UFC (da mesma categoria de peso e com certa rivalidade). Após ser aprovado na seleção para entrada na casa, o lutador passa a representar o seu time, competindo em um formato de *playoff* para determinar quem será o *The Ultimate Fighter*. O vencedor do programa ganha um contrato com o UFC para lutas oficiais, além de outras premiações. Os dois treinadores também se enfrentam em um evento do UFC, que tende a ser hostil, por causa da rivalidade que é estimulada ao longo do programa, a fim de aumentar a audiência. No Brasil, o TUF é exibido pela TV Globo, aos domingos (normalmente após o Fantástico), e reexibido pelo Canal Combate (PPV).

A criação e o desenvolvimento do UFC auxiliaram o MMA mundial a se estabelecer como uma modalidade esportiva. No entanto, é importante dizer que, mesmo nos Estados Unidos, em 2014, ele ainda não era aceito em determinados estados como Connecticut, Vermont e Nova York (o único que interessaria à Zuffa).

A rigor, os nova-iorquinos podem ir com facilidade aos eventos realizados na vizinha Nova Jersey, portanto trata-se mais de uma conquista simbólica. Chegar à cidade mais cosmopolita dos Estados Unidos, e, para muitos, do mundo, é um sonho acalentado desde a criação do torneio (AWI, 2012, p. 297).

Ao que tudo indica, o maior entrave para que Nova York pudesse receber os eventos de MMA era a Câmara Legislativa do estado, do qual fazia parte o deputado democrata Bob Reilly que sustentava que o MMA contribuía para o aumento da violência e que era uma imagem negativa para os nova-iorquinos, sobretudo para as crianças. A Zuffa move um processo judicial contra o estado, justificando que a proibição é um atentado contra a liberdade constitucional americana.

No Brasil, não há proibição quanto à prática do MMA. No entanto, há um Projeto de Lei que tenta vetar a transmissão das “lutas marciais” na televisão (PL 5534/2009, de autoria do Deputado José Mentor, PT-SP). Esse PL, em janeiro de 2015, encontrava-se apensado no PL 5269/2001 e aguardava parecer da Comissão de Constituição e Justiça, Comissão de Esporte e Turismo, Comissão de Ciência e

Tecnologia, Comissão de Seguridade Social e Família para, se aprovado, seguir para votação no Congresso Nacional.

## 2.6 Outras ligas que desenvolveram o MMA: Pride e Strike Force

Os números indicam que o UFC é, inegavelmente, a liga de MMA mais rentável, com maior audiência e apelo global, chegando até mesmo a ser confundida com o próprio esporte (GOMES, 2010; MOSCHELLA, 2011; ISTOÉ, 2012). No entanto, outros eventos de MMA marcaram o cenário mundial, como os campeonatos japoneses *Shooto* e *PRIDE*. Esses campeonatos partilhavam do mesmo princípio do UFC, tendo poucas regras e controles.

### 2.6.1 O Shooto

**Figura 10:** Logotipo do Shooto.



Fonte: Página Wikipedia<sup>27</sup>

Antes de apresentar o evento *Shooto*, cabe diferenciar a arte marcial japonesa que recebe o nome de “Shooto”, que é um esporte de combate derivado do Sambô, *Catch-as-catch-Can*, *Wrestling*, Muay Thai, Judô e Jiu-Jitsu, com a liga de MMA que leva o nome de *Shooto*. Esta liga foi criada por Satoru Sayama (um reconhecido *wrestler* japonês) como uma primeira tentativa de criar um evento de lutas sem regras definidas no Japão (AWI, 2012).

É válido destacar que o evento *Shooto* foi criado entre 1983-1984, sendo anterior ao UFC (aproximadamente nove anos antes), o que derrubaria a tese de que o MMA seria um esporte criado por brasileiros, e o UFC seria sua primeira

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/File:Shooto.png>> Acesso em ago.14.

liga profissional. Em 1996, o *Shooto* enfrentou divergências em sua gestão, nomeando novo diretor que prosseguiu sua expansão do *Shooto* no Japão. Já em 2003, foi criada uma organização chamada Comissão Internacional *Shooto*, com o objetivo de regulamentar as operações da empresa no exterior, marcando o início da expansão mundial do *Shooto*.

No Brasil, há uma filial do tradicional *Shooto* japonês, o *Shooto* Brasil que se iniciou no país em 2012 e é gerido por um conhecido treinador de MMA, André Pederneiras. Até o ano de 2014, seus eventos ocorreram em seis estados do Brasil: São Paulo, Paraná, Ceará, Brasília, Pará e Amazonas. São organizados aproximadamente 12 eventos ao ano e, como as demais ligas de MMA no cenário nacional, acabou sendo vitrine de novos lutadores para inserção no UFC.

#### 2.6.2 O *Pride Fighting Championships*

**Figura 11:** Logotipo do *Pride Fighting Championships*.



Fonte: Página da Wikipédia<sup>28</sup>

Mesmo não sendo a mais antiga liga de MMA, o japonês *Pride Fighting Championships*, criado em 1997, foi um dos mais expressivos eventos de MMA. Seu sistema de regras era mais flexível que o UFC, permitindo golpes polêmicos como o “tiro de meta” (quando um lutador atinge seu oponente no chão com um chute na cabeça). Este evento também ajudou a popularização do MMA pelo mundo, tendo como um dos principais atrativos o uso do modelo de “torneios” ou “Grand Prix” (quando um mesmo atleta realiza três lutas na mesma noite para que possa sair campeão).

Logo em sua primeira edição, contou com lutadores famosos e reconhecidos, como o japonês Nobuhiko Takada e Rickson Gracie. De acordo com Manaia (2012), a vitória do Gracie em pleno território japonês foi vista por

<sup>28</sup> Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pride-fc.jpg> > Acesso em ago.14.

47 mil pessoas, auxiliando a mística em torno do Jiu-Jitsu brasileiro e despertando o interesse do público japonês. Mesmo com o sucesso de fãs, o *Pride* enfrentou uma severa crise financeira em 2006, quando perdeu seu contrato com uma das maiores emissoras do Japão, a TV Fuji Network, em virtude do suposto envolvimento dos dirigentes do *Pride* com a Yakuza, organização mafiosa japonesa (AWI, 2012). Para Rafael Manaia (2012), três anos antes, em janeiro de 2003, o então presidente do *Pride*, Naoto Morishita, foi encontrado morto com uma corda no pescoço. A polícia concluiu que se tratava de suicídio, motivado pelo fim de um relacionamento. Contudo, rumores apontaram que a morte poderia ter sido encomendada pela máfia. Com isso, o *Pride* perdeu não só espaço na mídia, mas também seus patrocinadores.

Aliando esses fatos ao crescimento do UFC, em março de 2007, a liga japonesa acabou sendo vendida para o UFC.

### Capítulo 3 – Esporte, Espetáculo, Economia: a multiplicidade do MMA

Neste capítulo, será articulado o MMA como uma modalidade múltipla. Nesse sentido, se pode dizer que não há um tipo único de MMA, mas sim diversos tipos, são performados em diferentes práticas cotidianas. Eis o fragmento de um diálogo retirado de uma interação da pesquisadora com um lutador e sua esposa, na Academia de MMA, que é chamada de A.

**Lutador Jaul:** Vou lutar em um evento no litoral. Esse eu preciso ganhar. Estou treinando bem, estou forte, saudável, sem lesão. Vou ganhar.

**Juliana** (sou chamada pelos diferentes atores de Doutora): Como é esse evento? Não o conhecia...

**Esposa do lutador Jaul - Fabiana:** Ah, esse até que é organizado, sabe? Tem regras, pagam direitinho e o resultado entra para o Sherdog.

**Lutador Jaul:** E eles fazem um *show* legal por lá. Já lutei outras vezes e gostei muito do clima.

**Juliana:** E como é o apoio médico deles por lá? Se alguém se machuca, por exemplo, como fazem?

*Lutador e sua esposa riem*

**Fabiana:** Ah, Dra... Não tem, né? Se machucar, no máximo, leva para o pronto socorro e só. Tem um médico que cuida de coisas básicas, uma sutura aqui, um estancamento de sangue ali e só. Mas o Jaul está bem, nunca esteve tão forte. Tem risco, não!

**Lutador Jaul:** Mas sai prá lá. Eu não vou me machucar, preciso lutar uma vez por mês, preciso pagar contas.

*(Ele ganharia cerca de R\$ 300,00 para lutar nesse evento)*

Diário de Campo, março de 2014.

Este fragmento de diálogo demonstra, ao menos, três lógicas que foram frequentemente reproduzidas em diferentes conversações nas academias. A primeira, iniciada pela fala do lutador Jaul, remete à legalidade, regras e racionalidade aos quais o esporte se vincula. O corpo forte, preparado para o combate, reduz a probabilidade dos riscos, como apontado também por sua esposa. Este é o MMA como esporte: Luz, câmeras e ação! É o MMA que pede passagem.

E há uma segunda lógica, em que se nota a importância do *show* que será problematizado no MMA como espetáculo. Os risos de Jaul e Fabiana sinalizaram que a preocupação com os detalhes para incrementar a emoção do público não era proporcional ao cuidado com os lutadores. Nesse fragmento de conversa, o terceiro MMA é ainda mais claro: é preciso lutar para viver, para pagar contas, mesmo que seja para ganhar R\$ 300,00. Vale lembrar aqui que os lutadores com os quais convivi, se dedicavam, na maioria dos casos, exclusivamente ao MMA,

seja treinando ou dando aulas de lutas. Oito horas de treinos, algumas outras horas dando aulas. Uma carga de trabalho intensa que requeria suplementos alimentares, acessórios para treinamento, roupas, deslocamentos para os eventos e profissionais de saúde, quando possível. Como custear o sonho de se tornar um lutador de destaque? O lutador Jaul e sua esposa viviam esse sonho. Será discutido aqui o MMA no contexto da economia.

Roger Caillois (1990), um importante teórico sobre jogos, apoiará esse raciocínio. Para ele, os jogos são atividades escolhidas livremente pelas pessoas que, por algum motivo, foram preferidas a outras atividades. Essas atividades se desenvolvem num tempo e num espaço próprios, que são, assim como os próprios jogos, reguladas por convenções, mas sendo essencialmente estéreis, incertas e improdutivas. Os jogos não criam riquezas, mas as movimentam (como nos jogos de azar).

De acordo com as teorizações de Caillois (1990), o MMA também é *paidia*, que corresponde às manifestações espontâneas do jogo, mais próximas e típicas da infância. É algazarra. É o duelo infantil por território. E também é *ludus*, o jogo e a ordem, com a abordagem regrada, estandardizada e burocrática; é o apelo ao esporte. *Paidia* e *ludus* se coordenam e por hora se chocam. Em determinado local, pode-se brincar de brigar; em outro, a brincadeira será reprimida e questionada: “não se deve brincar na luta, rapaz”, disseram alguns professores de MMA. Em outros momentos, o rigor de *ludus* pode ser igualmente questionado. “Agora é hora de brincar”, disse um atleta, após ganhar um combate em um churrasco de confraternização, quando “brincava de lutar”.

Ao buscar definir os jogos, o autor propôs também à tipologia: *agôn* (jogos de competição – a ambição de triunfar graças ao próprio mérito em uma competição regulamentada), *ilinx* (busca de vertigem, espasmo, transe), *mimicry* (jogos com apelo à imaginação, um personagem, mímica e disfarce) e *alea* (jogos de sorte que se opõem ao *agôn* – havendo uma espera ansiosa e passiva pelo destino. É comum apostadores).

Articulando o raciocínio de Roger Caillois com os MMA's aqui apresentados, teríamos uma intersecção possível entre eles. *Agôn* aproxima-se do

“MMA como esporte” já que ambos se vinculam com as competições regulamentadas, ao mérito do vencedor e ao esporte. *Ilinix*, ao transe a que o lutador se submete, a vertigem que sente ao entrar no local de luta. Este, por sua vez, se vincula com o “MMA como espetáculo”, já que tal fenômeno é vendido como um dos diferenciais da modalidade. O público vibra com o transe do lutador, câmeras são posicionadas de modo circular no local de luta, dando a sensação ao público de girar. *Mimicry* remete igualmente ao MMA como espetáculo. Os personagens criados e encenados pelos atletas apelam à fantasia do público, com o sonho de se tornar, ou de se espelhar em alguém com “superpoderes”. Mas a encenação não está presente apenas no atleta; está também nos treinadores, juízes, profissionais de saúde, público atores. *Alêa* nos traz o mundo das apostas legais e ilegais e nos remete ao “MMA no contexto da economia”. Um lutador que vence um combate com um número razoável de apostas (nem todo evento as possui) pode obter um pagamento maior.

Cada MMA tende a resultar em um conjunto distinto de relações entre os diferentes atores, tal como um caleidoscópio, no qual os fragmentos materiais são continuamente organizados e reorganizados (LAW; MOL, 1993/1994). Não há uma relação competitiva entre eles. Uma não se sobrepõe à outra, como em uma hierarquia. Além disso, pode-se pensar que, em muitos momentos, as fronteiras entre elas são borradas, fazendo com que uma se mescle na outra ou possam se chocar.

### 3.1 O MMA como esporte

**Figura 12.** Alistair Overeem, lutador de MMA e do UFC



Fonte: Blog Amazon Vale Tudo<sup>29</sup>

<sup>29</sup> O Blog traz ainda a informação sobre o atleta “Alistair Overeem (...) é atualmente o atleta mais forte do UFC e a sua massa muscular intimida qualquer um, levar uma joelhada do gigante, então...”. Disponível em: <http://amazonvaletudomma.blogspot.com.br/2013/08/conheca-os-lutadores-mais-intimidantes.html> (acesso em 9.2.15)

**Homem** (procurando MMA para seu filho de 7 anos na Academia A): Aqui tem MMA infantil? Quero que meu filho seja um casca-grossa. Se não virar atleta, ao menos não vai levar desaforo para casa.

**Recepcionista Fabiana** (que é casada com um lutador de MMA): Hum... MMA não, mas temos Jiu-Jitsu Kids. É muito bom para as crianças!

**Homem:** Mas aqui é tão grande... Por que não tem?

**Fabiana:** Ainda estamos pensando nisso, mas ainda preferimos manter apenas o Jiu-Jitsu como uma porta de entrada para o esporte. No “Jiu” ele vai aprender a seguir regras e a conhecer o seu corpo. Mais tarde, ele pode se inserir em outras modalidades de combate, como o Muay Thai.

**Homem:** Eu já queria colocar no MMA direto! Deixá-lo forte e esperto!

Diário de Campo abril de 2014

O MMA como esporte é o reduto predominante da Educação Física e dos diferentes profissionais da área da saúde: médicos, nutricionistas, psicólogos, fisioterapeutas. Os argumentos de Fabiana para o possível cliente tinham este apelo: “ser uma porta de estrada para o esporte”, “aprender a seguir regras” e “conhecer seu corpo”. Será nesta lógica que um lutador profissional passará a ser um “atleta” e a contar, sempre que possível, com uma equipe de apoio para aumentar o seu rendimento. Uma vitória passa, então, a ser uma vitória de um coletivo de profissionais e não apenas do “casca-grossa” que se arrisca em um combate. O atleta de uma liga considerada “de ponta”, que possui patrocinadores e uma remuneração fixa e variável<sup>30</sup> por combate, conta ao menos com nove profissionais em sua equipe:

Para ser um lutador de alto nível, um atleta precisa contar com uma super equipe. Isso inclui quatro técnicos, preparador físico, fisioterapia, nutricionista, psicólogo e um médico especialista. Segundo Leandro Paiva, personal e autor do livro “Pronto pra Guerra”, sem patrocinador ou parcerias, um atleta de MMA gasta por mês em torno de R\$ 3 mil.(...) “Às vezes, o atleta precisa contratar um técnico específico que vem de outro Estado ou até mesmo de outro País e, nesse caso, tem que bancar passagem, hospedagem e alimentação”. (SERRÃO, 2014, s.p.)

No que diz respeito aos treinamentos de modo geral, pode-se dizer que, nas academias estudadas, havia treinamentos específicos, cuidadosamente pensados e registrados. Havia também alguns fechados ao público, “segredos” na fala do técnico, voltados ao trabalho de determinado movimento, e muitos

---

<sup>30</sup> Normalmente, os organizadores estipulam uma “bolsa”, ou remuneração prévia, ao combate. É possível também, dependendo do evento e seu aporte financeiro, que um lutador ganhe uma “remuneração variável”, ou premiação por: melhor nocaute, finalização, ou luta da noite.

incentivos verbais, como: “você está um monstro de forte!”; “ninguém te pega”; “Caramba! Assim você vai machucar o adversário (com ironia)”. O adversário era estudado principalmente pelo treinador principal (*Head Coach*) e pelo atleta que ia lutar. Assim, os contragolpes eram exaustivamente treinados e visualizados na expectativa de que o atleta obtivesse êxito na luta.

**Juliana:** Fiquei sabendo que você vai lutar. Está feliz?

**Lutador Fernando:** Doutora... Demais! Não vejo a hora! Eu preciso ganhar esse combate, minha família e amigos virão do interior para me ver, até fecharam um ônibus.

**Juliana:** Você já sabe quem é o seu adversário?

**Fernando:** Já sim, ele não é brasileiro. Vai ser um combate duro, porque ele é muito experiente. Mas eu decorei todos os movimentos dele. Tenho aqui no celular a última luta dele. Quer ver comigo, Dra.? Ah, eu posso te passar por Whatsapp!

Academia B, Diário de Campo, maio de 2014.

Celulares, computadores e *tablets*, todos estavam constantemente presentes para auxiliar o treinamento. Os vídeos eram decorados, ainda que fossem lutas antigas do adversário. A equipe de suporte ao atleta também assistia a eles com o olhar de sua especialidade. O preparador físico observava o ritmo adotado, o psicólogo de abordagem behaviorista contava a variedade de golpes nos intervalos de tempo e as reações do atleta aos eventos estressores, os mestres, professores ou *senseis* observavam as forças e fraquezas em cada arte marcial. Mais do que um acessório ou complemento para preparação, os vídeos eram peças fundamentais.

No diálogo acima, há dois outros pontos intrigantes: a falta de um calendário esportivo predeterminado e a falta do conhecimento prévio do adversário, uma vez que o convite para a luta chega com poucos dias antes do evento. Poucas são as ligas de MMA que conseguem divulgar com antecedência seu calendário esportivo. As ligas nacionais, que são exibidas na televisão, dependem, sobretudo, da divulgação do calendário do UFC para conseguir “encaixar” seus eventos. Outras ligas nacionais, que não são exibidas na TV, aguardam liberação de patrocínios e apoio público para que consigam organizar um evento. Com isso, muitos atletas são convidados para lutar com pouco tempo para se preparar, o que os expõe a lesões e às temidas derrotas. Outro fator que determina o convite às pressas é o fato de uma luta agendada ser cancelada (o que normalmente ocorre quando um dos atletas se lesiona ou recebe um convite

financeiro melhor em outras ligas). Essa realidade está presente em todas as ligas de MMA e coloca atletas e técnicos na difícil missão de decidir aceitar ou não o convite para o combate.

Diferentemente de outros esportes de combate, como o Karatê, o Judô, o Boxe ou o Muay Thai, em que o participante pode livremente se inscrever para a competição, desde que atenda a alguns requisitos, no MMA<sup>31</sup> a participação depende de um convite. Aqui vale destacar que, para quem está começando a carreira ou para os que não têm um *cartel* atrativo ao empresário de uma liga de MMA, aceitar um combate às pressas pode ser uma das únicas alternativas para competir. Essa realidade nos ajuda a entender a felicidade do lutador Fernando, por ter sua luta agendada.

Além disso, na fala do atleta Fernando, o adversário foi posicionado como alguém forte, experiente e que merecia respeito, o que evidentemente potencializa a importância do combate. Segundo Caillois (1990), está aqui a justificativa para o termo *agôn*, em analogia à antagonista ou adversário. Para o autor, a finalidade do antagonista não é a de causar um dano sério no seu adversário, mas o de demonstrar a própria superioridade.

“Quem será o meu adversário”? Esta é outra dúvida e angústia que paira sobre os atletas. Como se preparar para um combate sem saber quem é o adversário, seus pontos fortes e suas limitações? O enfrentamento dessas incertezas normalmente se dava pela crença de que se está sempre preparado, de que se pode ganhar de qualquer lutador em qualquer circunstância e de que um casca-grossa não deve ter “melindres”; um casca-grossa sempre aceita a luta. Para David Le Breton (2009), tem-se aqui uma relação de gênero, onde o orgulho dos homens ao demonstrar sua liberdade, o enfrentamento do medo e da dor, assim como ao considerar o pedido de cautela dos professores como algo secundário, seriam condutas de risco valorizadas, com significativo apelo à virilidade.

---

<sup>31</sup> Há tentativas de desenvolver o MMA como um esporte olímpico; no entanto, como nas interações realizadas durante a pesquisa, nenhum lutador se interessava pela modalidade (e muitos nem sequer conheciam), não a explorarei.

Nesse sentido, Akihiko Hirose e Kay Kei-ho Pih (2010) afirmam que, embora existam variações culturais significativas, o MMA tem dois traços marcantes que apelam à masculinidade dos praticantes: aqueles que adotam o estilo de golpear, socar e chutar um adversário (*striking*); ou aqueles que usam técnicas de luta agarrada e submissão (*grappling*), que pode dar o tom de ser “menos violento”. Os autores ainda explicam que, na cultura do MMA, as técnicas de *striking* são vistas como mais violentas e, portanto, mais viris que as técnicas de *grappling*. Nesse sentido, um lutador que é derrotado por ser nocauteado mantém sua masculinidade intocada, se comparado com um lutador que “desiste” do combate por uma submissão a uma técnica de *grappling*. Essa desistência se dá por meio de “dois tapinhas” dados no corpo do oponente, normalmente quando o lutador está diante de um desmaio iminente ou de ter um membro quebrado pelo adversário. Por essa razão, muitos se recusam a dar os “dois tapinhas”, adquirindo lesões corporais ou chegando a perder a consciência.

As feridas e as cicatrizes tornam-se marcas de masculinidade, símbolos de prestígio. Elas demonstram o quanto se conseguiu suportar e o quanto se foi “duro” em determinado combate. Congruente a essa discussão, mas falando a partir de torcedores de futebol que duelam, José Garriga Zucal (2005) expõe que os que lutam e demonstram resistência à dor, tornam-se possuidores do simbólico *aguante*. São os que “aguentam” que passam a ser encarados como “verdadeiros homens”.

A exacerbação dos aspectos viris, hostis e violentos foi também mencionada por Adriano Nascimento e colaboradores (2011, p. 205), ao investigarem o modo como os lutadores de artes marciais agem e são encarados, entre 1996 e 2009, em duas revistas especializadas, Gracie e Tatame. Para os autores, as revistas reiteraram-se referências tradicionais do masculino, “que, por seu caráter prescritivo, davam a entender, de forma explícita, que ser melhor lutador é também ser melhor homem”.

Os aspectos viris também podem se aproximar do “mito do herói” sobre o qual discorre Katia Rúbio (2001). A autora recorreu à mitologia grega para demonstrar que o heroísmo é vinculado, sobretudo, ao masculino, já que eram os homens que predominantemente iam para as guerras e caçadas. Heróis são

guerreiros e, como tal, morrem na guerra, dando origem ao mito de que seriam metade humano e metade divindade. A autora pergunta ainda: “quem mais, nas sociedades contemporâneas, teria o poder da façanha de deter a atenção de alguns milhões de pessoas (RUBIO, 2001, p. 99)”?

A exacerbação da masculinidade está presente no esporte. Se, por um lado, favorece o mito do herói e a identificação com o público<sup>32</sup>, por outro, expõe o corpo ao extremo, ao limite do suportável, às lesões graves que podem ter suas consequências, por vezes, imensuráveis. Coloca a vida e a saúde em risco para que se consiga atingir a vitória, um ranqueamento melhor ou determinada premiação.

No MMA como esporte, há diversos profissionais em ação com diferentes abordagens e níveis de engajamento. Com isso, conflitos são continuamente vivenciados entre os membros da equipe, causando ruídos entre os integrantes, rupturas e rivalidades. A realidade do professor de Jiu-Jitsu pode ser diferente daquela presentificada no discurso do professor de Boxe, que pode ser distinta da realidade do *sensei* do Karatê. Quando se soma a estes profissionais a equipe multidisciplinar, a equação pode ser ainda mais problemática:

**Lutador X**<sup>33</sup>: Doutora, o nutricionista me deu umas “paradas” aí para tomar. Preciso perder peso.

**Juliana**: E você sabe o que contém nessa “parada”? Tenho lido muitas pesquisas científicas que falam que anabolizantes podem melhorar a força e resistência, mas são potencialmente cancerígenos, além de alterarem e muito a percepção e a concentração. Seu nutricionista o posicionou sobre isso?

**Lutador X**: Ah, Doutora, tá vendo? Cada um fala uma coisa. Ele é um nutricionista bem caro, ele é que trouxe as paradas. Preciso confiar nele. Ele deve saber esse lance aí da concentração e atenção. Ele é um nutricionista caro.

Diário de Campo (ver nota de rodapé 33).

Precisa-se confiar em que o profissional sabe; aliás, ele é caro, deve ser bom. Ponto final. O risco do câncer igualmente é deixado de lado. Aliás, a ilusão do corpo forte, deixada pelo anabolizante, se contrapõe à “distante” doença. O

<sup>32</sup> Que se vincula, sobretudo, com o espetáculo.

<sup>33</sup> Quando nesta tese houve referência a *doping* e uso de anabolizantes, usei apenas a classificação genérica de X: atleta/lutador, professor ou qualquer outro profissional. Também não farei referência à academia em que o discurso foi obtido, garantindo assim o máximo de sigilo possível.

conflito entre integrantes de uma equipe provavelmente apareceria aqui, caso, de fato, eu fosse uma psicóloga contratada pela equipe. Neste caso, certamente entraria em contato com o nutricionista e lhe perguntaria sobre as propriedades do anabolizante, não apenas por, em tese, comprometer a atenção e a concentração e ser cancerígena, mas, sobretudo, porque minha abordagem de trabalho se chocaria com a do nutricionista. Estaria bem mais preocupada com o humano e bem menos com a possibilidade da vitória desse humano.

O anabolizante parece também ser um membro das equipes. Há de se conversar com ele, ler a bula, verificar sua origem, ler a regra do esporte para entender que percentual é permitido da droga “X” ou “Y” e para qual liga esportiva, já que nem todas fazem exame *antidoping*. E, no caso apresentado, traria o choque entre dois profissionais da saúde.

Para a Agência Mundial Antidoping (World Anti-Doping Agency-WADA), a palavra inglesa *doping* provavelmente tem origem na palavra holandesa *dop*, que era o nome de uma bebida alcoólica feita com cascas de uvas usada pelos guerreiros Zulu para melhorar a destreza em batalhas. Esse termo tornou-se popular no século XX, originalmente vinculado ao uso de substâncias ilegais em cavalos de corrida. Após essa fase, o *doping* incorporou dois novos sentidos: o uso de substâncias ou métodos proibidos (para melhorar o rendimento durante as competições esportivas), e o resultado deste uso. O desejo de vencer, ou de superar limites a qualquer custo, fez com que muitos recorressem a essas substâncias, o que gerou o aumento de medidas antidopagem em escala mundial (WADA, 2003, 2014, 2015).

Com isso, em 1967, foi criada a Comissão Médica do Comitê Olímpico Internacional (COI) e, em 1999, a *World Anti-Doping Agency* (WADA), que, mesmo recebendo contribuições financeiras do COI, possui gestão independente. A WADA tem o objetivo de criar e fomentar a cultura esportiva sem dopagem e, para tanto, criou o Código Mundial *Antidoping* em 2004, e o atualizou em 2014 para exercício em 2015 (WADA, 2014). Entre suas atribuições está a ajuda para Federações Esportivas Internacionais para realizar testes de *doping*, assim como gerar e divulgar uma lista com as substâncias que os atletas não podem utilizar.

Após sucessivos casos de *doping* de atletas considerados da elite do UFC (Wanderley Silva, Jon Jones, Anderson Silva, Nick Dias), em 03/06/2015, o UFC decidiu intensificar sua fiscalização e punição, optando, contudo, por seguir os princípios de outra organização de controle de *doping*, a Agência Antidoping dos Estados Unidos (USADA<sup>34</sup>). A proposta era testar todos os atletas contratados pelo UFC durante todo o ano e sem uma data estipulada. Passou-se então a ser obrigatório ao lutador fornecer informações sobre seus respectivos planos de treinamento, assim como sua localização. Houve credenciamento de laboratórios pelo mundo, visando tornar mais ágil a coleta de urina e sangue para testagem do uso de substâncias consideradas ilegais<sup>35</sup>. No Brasil, foi credenciada a Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem (ABCD). Já a punição é feita e fiscalizada pela Comissão Atlética de Nevada (NSAC), que é uma estatal que regula todos os eventos de combate sem armas dentro do estado de Nevada, incluindo o licenciamento e a supervisão de promotores, pugilistas, *kickboxers* e lutadores de artes marciais mistas. Como Nevada é um centro de esportes de combate, a NSAC é considerada a comissão atlética mais importante dos Estados Unidos, tendo suas regras seguidas pela maioria das ligas de MMA, dentro e, por vezes, fora dos Estados Unidos.

No Brasil há duas Confederações esportivas que regulamentam o MMA: (1) Confederação Brasileira de MMA (CBMMA), surgida em 2011 e reguladora dos principais eventos do país, dentre eles, o UFC; e (2) Comissão Atlética Brasileira de MMA (CABMMA), que surgiu em 2013 e regula, principalmente, o MMA Olímpico, dentre outros eventos nacionais. Sobre o controle de *doping*, a CABMMA criou uma Coordenação de controle de dopagem apoiada por Controladores Oficiais de Dopagem/*Doping Control Officers* (DCO) que seguem o Código Mundial Antidopagem da WADA.

Outro evento marcante do ano de 2015, incentivado pela repercussão dos casos de *doping* no UFC, foi a adoção de exames *antidoping* por amostragem no Jungle Fight (evento nacional de MMA, considerado o maior da América Latina).

---

<sup>34</sup> A USADA é uma agência não-governamental que ganhou destaque ao apontar o *doping* de Lance Armstrong, um ciclista mundialmente premiado.

<sup>35</sup> Anabolizantes, hormônios de crescimento, estimulantes, drogas consideradas recreativas (maconha, cocaína), entre outras.

Em cada evento, a organização apontou que faria testes pós-luta com dois lutadores, que seriam selecionados por meio de sorteio, como já acontece em outros esportes (Site Jungle Fight<sup>36</sup>).

Mas também há as regras do esporte... Aliás, aqui o MMA *é* um esporte e encontra na Educação Física terreno fértil para divulgá-lo como uma modalidade que propicia saúde (física, psicológica e grupal). A violência que muitos reclamam estar presente no MMA *é* regulamentada e domada, com regras específicas que são sancionadas pela coletividade do MMA. Há uma clara passagem das brigas, ou dos combates agendados nas ruas, para um sistema administrado por empresas, onde há deveres e direitos, privilégios e responsabilidades, ganhos e perdas. *É* o *agôn* na tipologia proposta por Roger Caillois.

A expressão “esporte moderno” foi utilizada por Norbert Elias e Eric Dunning (1992) para demarcar a diferença com o esporte antigo e tradicional. A maioria dos esportes que conhecemos e praticamos hoje são considerados esportes modernos e apresentam as seguintes características: diminuição do grau de violência, codificação de regras e das práticas, igualdade formal entre os jogadores, espaços e tempos próprios desvinculando-se de rituais religiosos (secularização). Segundo os autores (1992, p. 230):

O esporte *é* uma atividade de grupo organizada, centrada no confronto de pelo menos duas partes. Exige um certo tipo de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem se a força física pode ser totalmente aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar da prova.

O esporte *é* caracterizado por alguma forma de competição que ocorre sob condições formais e organizadas. Para uma atividade física ser classificada como esporte, ela deve ocorrer sob um conjunto particular de circunstâncias. A participação em atividades físicas pode acontecer em situações que vão do informal e desestruturado ao formal e organizado.

---

<sup>36</sup> Disponível em: <http://www.junglefc.com.br/noticias/destaques/280-jungle-fight-passara-a-testar-seus-atletas-apos-doping-de-anderson-silva>. Acesso em 18/2/2015.

Esporte é uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos (BARBANTI, 2012, p. 57).

Em outras palavras, o fenômeno esporte envolve uma atividade física competitiva que é institucionalizada. Competição, neste caso, é definida como um processo através do qual o sucesso é medido diretamente pela comparação das realizações daqueles que estão executando a mesma atividade física, com regras e condições padronizadas. Institucionalização é um conceito sociológico que se refere a um conjunto de comportamentos normalizados ou padronizados durante certo tempo e de uma situação para outra (ELIAS; DUNNING, 1992).

É o jogo da competição, o desejo da vitória, do triunfo, da obtenção do “cinturão” e do patamar de ser o melhor da categoria.

**Figura 14.** Cinturão do UFC



Fonte: *Site do Extra Globo*<sup>37</sup>

**Figura 13:** Cinturão da liga nacional Coliseu Extreme Fight



Fonte: *Site MMA Premium*<sup>38</sup>

O “cinturão” é, certamente, um dos principais objetos de desejo dos atletas. É um objeto que possui agência e que se articula com outros atores:

**Lutador Márcio:** Bem, eu não ganhei muito dinheiro com o MMA. Eu já tenho 37 anos e provavelmente minha carreira agora será bem curta, mas me orgulho muito de ter conseguido muitos cinturões. Esse é orgulho!

Academia A, Diário de Campo, abril de 2014.

Mas um “cinturão”, assim como outros objetos que serão aqui apresentados, pode agir? Esses objetos podem ser atores? Diferente dos humanos,

<sup>37</sup> Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/ufc-rio-movimenta-mercados-de-dvds-roupas-acessorios-turismo-2383354.html>. Acesso em fev/2015.

<sup>38</sup> Disponível em: <http://mmapremium.com.br/27498/coliseu-extreme-fight-vii-agita-publico-de-maceio-com-grandes-lutas-e-surpresas/>. Acesso em fev/2015.

objetos não são capazes de raciocinar ou delegar tarefas. No entanto, a questão não reside na intencionalidade da ação, ou em um antropomorfismo, mas sim, quando contribuem para alterar determinada realidade<sup>39</sup>, produzindo efeitos. Além disso, os materiais não existem como entidades isoladas, mas apenas em relação a outras entidades (LAW; MOL, 1994), e o trabalho é explorar as estratégias que os geram e são geradas a partir deles (LAW, 2002). Objetos não agem sozinhos, mas em rede. Por isso, podem agir e ser objetos de ação, simultaneamente (LAW; MOL, 2008). Objetos têm agência com outros atores e, ainda que não tenham intenção no controle, ajudam a criar realidades. Aliás, como nos diria Mol e Law (2004), a fim de fazer a diferença, um objeto não precisa ser um estrategista, assim como nem você nem eu. Os cinturões são premiações dadas aos vencedores de sua categoria de peso, sendo a principal classificação ditada pelo UFC e seguida por outras ligas de MMA, tal como apresentado na tabela 1:

**Tabela 1:** Divisão por categorias e pesos com base no UFC

Categoria	Peso (em kg)
Mosca	Até 56,7
Galo	Até 61,2
Pena	Até 65,8
Leve	Até 70,3
Meio-médio	Até 77,6
Médio	Até 83,9
Meio-pesado	Até 93,0
Peso pesado	Até 120,2

Fonte: Site UFC<sup>40</sup>

**Lutador Victor:** Estou treinando bem, Doutora. Está tudo certo. Daí na semana da luta é só perder os 13 quilos e estou tranquilo.

**Juliana:** 13 quilos? Não é muito? Não seria melhor lutar na categoria de peso que corresponde ao seu peso real?

**Victor** (risos): Não, doutora, se eu fizer isso, fico na desvantagem, porque todo mundo faz isso. Eu vou perder 13 quilos e recuperar tudo para a luta.

**Juliana:** Nossa, como assim?

**Victor:** Daí eu como as “coisas certas”, tomo 2 litros de soro depois da pesagem e já estarei no peso. Os 13 quilos é mais líquido mesmo, Dra. O pior da desidratação é aguentar a sauna com a capa de chuva de moto, fazendo exercícios.

Academia A. Diário de Campo, abril de 2014.

<sup>39</sup> Ou fazer a diferença como proposto por Law e Mol (2008).

<sup>40</sup> Disponível em: [www.ufc.com](http://www.ufc.com). Acesso em fev/2015.

O MMA como esporte encontra aqui um importante entrave. Como manter a força, resistência e concentração sob controle, tendo que se submeter a um processo desgastante e doloroso para perder os líquidos do corpo próximo da luta? Por essa razão, a “pesagem” que acontece um dia antes do combate é um marco para o atleta. Ele sobe na balança, tem seu peso medido e, se estiver com o peso correto, é aprovado para a luta. Se não atingir o peso, terá duas horas para tentar desidratar ainda mais e “bater o peso”. Se ainda assim não conseguir, ele terá as penalidades: (1) perder imediatamente a luta, se o adversário se recusar a lutar; (2) perder um percentual da remuneração que foi combinada com ele e gestor do evento; (3) iniciar a luta com um ponto a menos (será explicado adiante). Apesar de ter surgido como uma modalidade de luta onde “Vale-Tudo”, o MMA trouxe o esporte ao combate e, com ele, regras, proibições e modos de julgamento.

**Figura 15.** Regras básicas no MMA e proibições



**Proibições:**

- Cabeçada, dedo no olho, mordida, puxão de cabelo, beliscadas, arranhões ou cuspe no adversário;
- Tentativa de abrir a boca do adversário com as mãos, ataque à região genital ou o rim com o calcanhar;
- Enfiar o dedo em qualquer orifício;
- Golpear a coluna ou atrás da cabeça, golpear de cima para baixo usando a ponta do cotovelo ou qualquer tipo de ataque à garganta;
- tentativa de agarrar a clavícula;
- Chutar ou atingir com o joelho a cabeça do adversário que está no chão;
- Arremessar o adversário de cabeça no chão ou atirá-lo para fora do ringue;
- Segurar calção ou luvas do adversário, assim como agarrar a grade do Octógono;
- Utilizar linguagem imprópria ou abusiva no ringue ou ser flagrado desrespeitando as instruções do árbitro;
- Atacar o adversário nos intervalos, que esteja sob cuidados do juiz ou após a campanha ter anunciado o fim do *round*;
- Evitar contato com adversário, cair de forma intencional, derrubar insistentemente o protetor bucal ou fingir lesão;
- Usar alguma substância escorregadia no corpo, como vaselina.

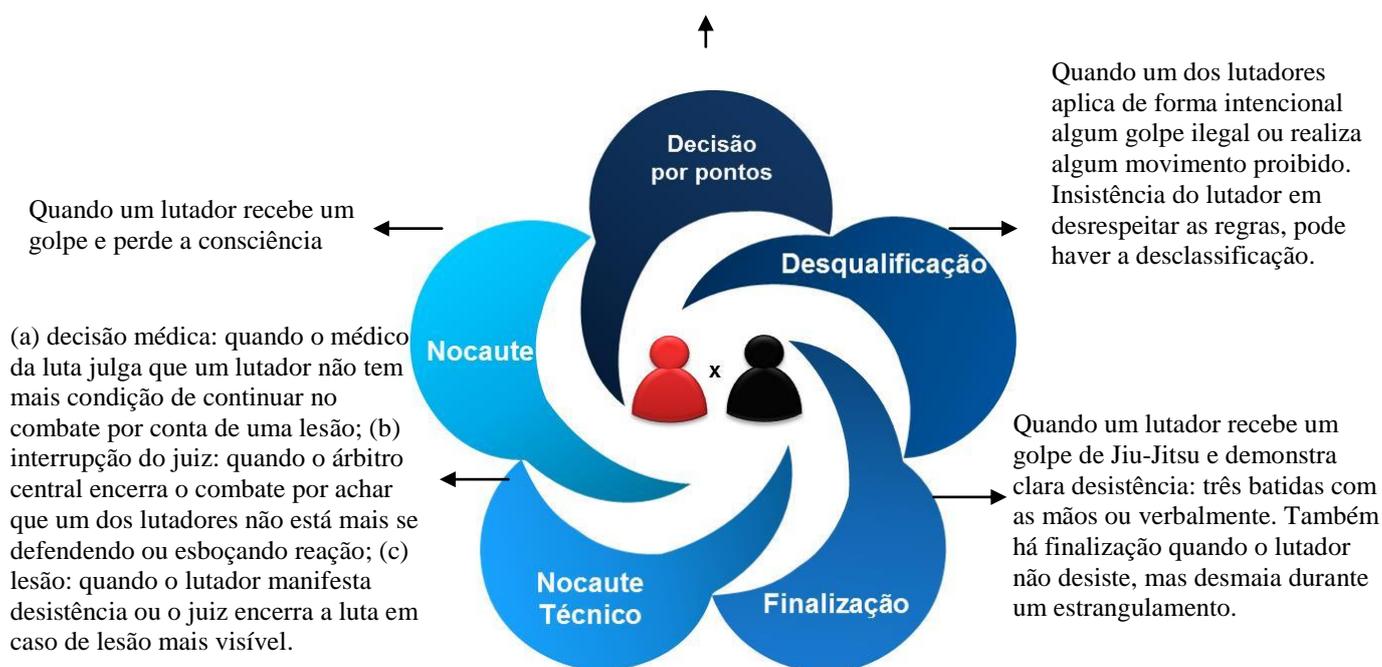
Fonte: Texto inspirado no *site* UFC. Imagens elaboradas pela autora.

Cada combate dura normalmente três *rounds*, quando o título da categoria não está em jogo, e cinco *rounds*, quando está, ou quando se trata de uma luta principal e se deseja dar a ela destaque especial. Os *rounds* têm 5 minutos de duração e um período de descanso de um minuto entre eles. O árbitro que fica dentro do espaço de luta (chamado de Octógono, como será exposto adiante) é o juiz da competição e a única pessoa autorizada a interromper a luta.

O resultado de uma luta:

**Figura 16.** Definição de Resultado de uma luta de MMA

Após o término do combate, três juízes definem o resultado, que pode ser vitória de um dos lutadores ou um empate. Essa definição pode ser: (a) unânime: quando todos os juízes dão empate ou a vitória a um dos lutadores; (b) dividida: quando um juiz determina a vitória para um atleta e os outros dois para o outro lutador; (c) majoritária: quando dois juízes indicam um atleta como vencedor, mas um terceiro aponta o empate.



Fonte: Inspirado no texto do *site* Esportes Uol<sup>41</sup>. Figura elaborada pela autora.

Há ainda a decisão de “*no contest*” (sem resultado), que ocorre quando uma contusão sofrida por golpe ilegal ou acidental é severa, e o lutador não pode continuar o combate (em caso da luta ainda não ter completado dois *rounds*).

<sup>41</sup> Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/lutas/vale-tudo/ultimas-noticias/2011/08/17/nao-vale-tudo-conhecidas-as-regras-o-que-e-proibido-e-os-resultados-do-mma.htm>. Acesso em fev/2015.

Após esse limite, o placar dos juízes definirá o vencedor. A decisão “por pontos” pode ser polêmica, já que a vitória de um lutador, homologada por juízes, nem sempre é aceita pelo outro lutador, sobretudo, quando há decisão dividida entre os julgadores.

O lutador vencedor do *round* recebe 10 pontos, e o perdedor, 9 pontos ou menos, que são notas atribuídas considerando o desempenho de ambos (troca de golpes, agarramentos efetivos, quedas, controle da área de luta, defesa e agressividade). Como já dito, um atleta pode iniciar um combate com um ponto a menos, caso ele não atinja o peso de sua categoria durante a “pesagem”.

Em suma, no MMA como esporte, que inspira a Educação Física e suas regulamentações, existe uma heterogeneidade de elementos com diferentes ações que são continuamente organizadas e reorganizadas, sobretudo considerando os demais MMA's, como se verá a seguir.

### 3.2 O MMA como Espetáculo: os rituais dos lutadores

No MMA como espetáculo, o praticante é posicionado como lutador, guerreiro, gladiador, combatente e artista marcial, diferente do MMA como esporte, em que ele é apresentado como atleta. As razões para isso parecem claras. O espetáculo se sobrepõe à saúde e se opõe às regras que fazem parte do esporte. A saúde é deixada em segundo plano, pois o que está em jogo é a fantasia que o espetáculo proporciona, por meio dos seus lutadores. Como apresentado no Capítulo 2, no MMA brasileiro, assim como na origem do UFC, predominava o combate como um *show* sem regras, onde os lutadores eram marcados pela espetacularização de sua agressividade.

Embora espetáculo se contraponha ao esporte, tratando-se do MMA profissional, não podem ser negados os princípios elementares do esporte e os cuidados mínimos com a saúde. Mas podem-se usar elementos distintos para tornar o MMA mais atrativo ao público, buscando, inclusive, novos interessados (ou consumidores, como será exposto adiante). Atualmente, a espetacularização ocorre de modo estudado e calculado, contando com a ajuda de profissionais de *marketing*, jornalistas, promotores de eventos, produtores artísticos, narradores

especializados, editores de vídeos, fotógrafos, profissionais especializados em audiovisual e *merchandising*.

A mídia, como um local privilegiado de circulação de sentidos, atribui ao “MMA espetáculo” muitos lugares: a) em uma dimensão negativa: espetáculo de rinha humana, espetáculo de sangue, espetáculo da violência, circo de luta ou, b) em uma dimensão inversa: o grande espetáculo, *show* de lutas, guerreiros em ação.

O MMA como espetáculo é, para Roger Caillois (1990), o *mimicry*, que pressupõe uma aceitação temporária de uma ilusão, tanto pelo ator, quanto pela plateia. Tem-se uma encarnação de um personagem ilusório e a adoção de comportamentos que o ilustram. As diferentes manifestações expressivas têm como característica o fato de a pessoa fazer a crer a si próprio, ou aos outros, que ela seria outra pessoa. Para que essa ilusão seja possível, usa-se mímica e disfarces, que ajudam o ator a esquecer temporariamente de si. A questão aqui não está no prazer em ludibriar o espectador, mas no prazer obtido por meio do jogo, mediante a encenação de diferentes papéis. A regra desse jogo consiste em fascinar o espectador, levando-o a uma ilusão. Ao espectador cabe aceitá-la, deixando-se levar pela crença, num dado tempo e cenário, de que há uma realidade sendo ali apresentada.

Assim, um evento de MMA também é um espetáculo e talvez seja uma das versões de MMA mais exploradas pela mídia, críticos, fãs, patrocinadores, dentre outros atores. Cada detalhe é pensado e estudado com o objetivo de aumentar o entusiasmo, desde a divulgação do evento até as entrevistas finais com os ganhadores do combate. Não são raras as ocasiões em que os lutadores são incentivados a “brigarem” (em oposição ao esporte) para tornar o evento mais atrativo. O MMA como espetáculo poderia compor um estudo por si mesmo, como algumas pesquisas já sugeriram (ALVAREZ, 2013; BARREIRA, 2014; NOVAES, 2012). Tal como propõe Latour (2012), tentarei aqui identificar as articulações e os articuladores que apontam conexões e circulações. A figura 17 apresenta alguns elementos do MMA como espetáculo.

**Figura 17.** Sequência de eventos do MMA como espetáculo



Fonte: Figura elaborada pela autora.

O espetáculo começa com a divulgação do evento por meio de cartazes confeccionados com cores escuras como o preto, cinza, vermelho, laranja e azul escuro. As palavras trazem apelos a um evento que será violento, intenso e único. Mas a divulgação não necessariamente parte de um cartaz; pode partir do *ring* onde um lutador convoca outro para um combate futuro. Grita, desdenha, desafia. Dedo em riste e ameaças como “vou roubar o ‘cinturão’ de você” abrem o caminho para novos combates. Empresários e promotores ficam atentos a esses momentos, mostrando uma fronteira borrada com o MMA no contexto da economia. Se a reação do público for positiva, ou se pedirem pelo combate nas redes sociais, direcionará o confronto. Nas fotos de divulgação de um evento, os lutadores estão normalmente com os punhos cerrados, com o semblante agressivo, hostil e combativo.

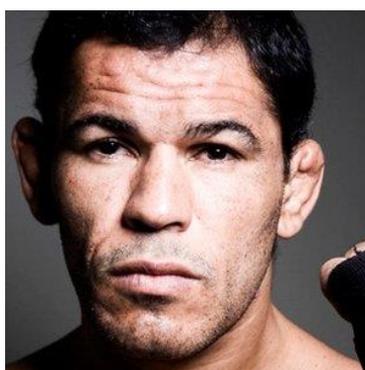
**Figura 18.** Cartaz de divulgação de um evento de MMA



Fonte: *Site Super Lutas*<sup>42</sup>

No cartaz de divulgação do evento nacional Gringo Super Fight (GSF), os lutadores foram apresentados nas condições citadas anteriormente (fortes, focados e com semblante agressivo), dando início ao ritual de MMA. Tatuagens, roupas personalizadas e outros acessórios auxiliam as diferentes encenações e marcam afiliações religiosas, vínculo com alguma arte marcial ou academia ou até o compromisso com algum patrocinador. Também é comum o uso da nacionalidade de um lutador para intensificar a rivalidade e o bairrismo do público. Há um destaque especial para as cicatrizes, sobretudo para aquelas adquiridas durante a prática do MMA. Nesse sentido, os hematomas auriculares ganham destaque especial. Popularmente conhecida como “orelha de couve-flor”, os hematomas auriculares são provenientes dos treinamentos e das lutas no solo, como o Jiu-Jitsu e o Judô, em virtude da intensa fricção da cabeça do lutador com o tatame.

**Figura 19.** Rodrigo "Minotauro". Lutador de MMA



Fonte: *Site Super MMA*<sup>43</sup>

<sup>42</sup> Disponível em: <http://www.superlutas.com.br/noticias/21863/evangelista-cyborg-e-melvin-manhoef-fazem-aguardada-revanche-no-gsf-10/>. Acesso em fev/2015.

<sup>43</sup> Disponível em: <http://www.supermma.com/lutadores/rodrigo-minotauro/>. Acesso em fev/2015.

A deformação da orelha ganha contornos diferentes no MMA. Ela pode ser: a) um símbolo de poder, virilidade e *status* que pode auxiliar lutadores a conquistarem mulheres ou evitarem assaltos (OLIVEIRA, 2014); b) uma imagem repugnante (TEIXEIRA, 2011); c) uma enfermidade que pode causar perda auditiva; d) a identificação do lutador com a especialidade em alguma arte marcial; e) parte da “armadura” do lutador, que pode ser usada para que se venda sua imagem aos eventos e ao público e, f) uma marca que o auxilia a incorporar o personagem no local de luta.

**Lutador R.:** Uma orelha de couve-flor é sempre uma orelha de couve-flor. Eu sou novo, não queria ter, mas como sou especialista em “jiu” vou ficar, com certeza. Mas daí quando tenho que lutar, eu olho para ela e lembro de tudo o que passei para chegar na luta. Daí isso me motiva, me dá força e eu sei que posso vencer.

Academia A - Diário de Campo, março de 2014.

Outro ator que compõe as divulgações de um evento de MMA são as mensagens agressivas direcionadas ao adversário, que são endereçadas pelas redes sociais (sobretudo via Facebook e Twitter), em entrevistas coletivas com a imprensa ou em viagens para a divulgação da luta. A “briga”, o conflito, o duelo, as ameaças e até as ofensas compõem este quadro de divulgação do evento. Uma luta sem esse ingrediente é considerada por muitos como desinteressante e pode atrair pouco público e raros patrocinadores (aspectos que será discutido no MMA no contexto da economia). Cartazes, ofensas nas redes sociais, olhares duros direcionados ao adversário recrutam outros atores para a ação.

**Lutador Marcelo Doido:** Antes de lutar com o cara, eu o odeio. Eu quero matá-lo. O público espera isso de mim e é isso o que eu vou dar... show! Por isso sou considerado Doido. Eu gosto de ser assim. Ir lá e ganhar não tem graça. Eu quero show, quero ser diferente, dou um golpe que ninguém espera. Esse sou eu.

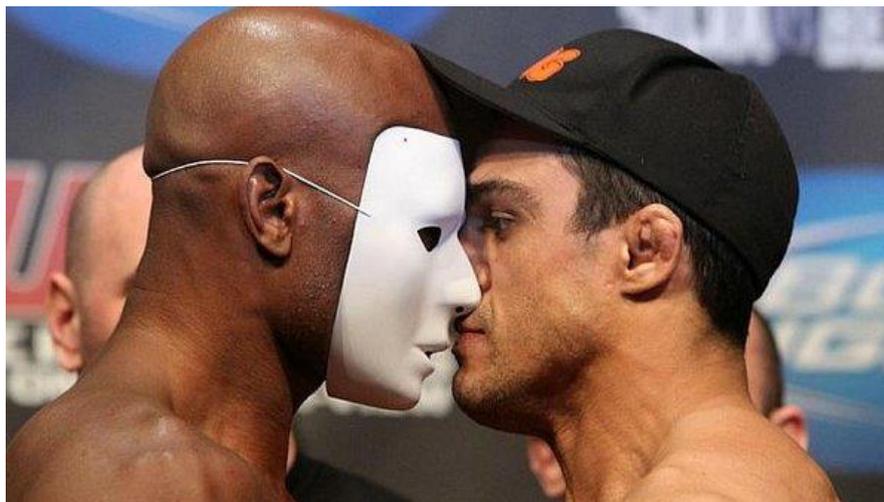
Academia A - Diário de Campo, abril de 2014.

O ritual de pesagem é tão importante quando o dia do combate. É nele que os lutadores precisam cumprir uma tarefa tão árdua quanto a luta em si: atingir o peso exigido, como já referido no MMA da esportividade. Privações físicas, dores e lesões no corpo, além da ansiedade pelo combate futuro, são elementos que apimentam esse momento. Durante a pesagem, tem-se um apresentador ou locutor que é responsável por chamar os lutadores para a balança, além do proprietário da liga de MMA e das mulheres que serão as *ring girls*. O público

marca presença, em especial os torcedores mais aficionados, já que a pesagem normalmente ocorre em uma sexta-feira em horário comercial, dificultando o acesso daqueles que pretendem apenas assistir aos combates. Normalmente, a pesagem é gratuita e, em alguns casos, há distribuição antecipada de ingressos.

Os lutadores são chamados um a um para a balança, na sequência em que se dará o combate. Eles vão ao palco com seus treinadores, tiram a roupa e ficam de sunga<sup>44</sup>. Tem-se aqui uma parte importante do espetáculo, já que as roupas retiradas, a sunga e outros acessórios levados ao palco pelos lutadores, por vezes transportam do discurso para a ação o sentido do combate como briga. O apresentador chama um lutador, ele retira a roupa, sobe na balança: se atinge o peso, faz poses (como na Figura 10). Feito isso, aguarda o mesmo processo de seu oponente. Quando ambos terminam a pesagem, tem-se a chamada “encarada<sup>45</sup>”.

**Figura 20.** Encarada do lutador Anderson Silva e Vitor Belford



Fonte: Revista Veja<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup> Quando os lutadores não conseguem atingir o peso de sunga, podem também retirar a sunga ou calção. Nesse caso, alguns homens colocam sobre o quadril do lutador toalhas de banho para suas partes íntimas não serem mostradas pelas câmeras. As mulheres presentes se deslocam para as laterais do palco para não ter acesso à nudez do lutador, o que é comentado pela plateia com malícia.

<sup>45</sup> Chama-se de encarada quando dois lutadores oponentes se olham frente a frente e se desafiam para a luta do dia seguinte.

<sup>46</sup> Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/encarada-entre-anderson-silva-e-vitor-belford-e-eleita-a-melhor-do-ano>. Acesso em fev/2015.

A paisagem atinge o seu ápice durante a “encarada”. A Figura 17 apresenta Vitor Belford e Anderson Silva. Este último chegou a levar uma máscara para reforçar uma encenação e foi considerada a melhor de 2011 pelo UFC.

O evento em si é um *show* de luzes, cores e movimentos. O público parece se vestir de modo personalizado. Muitos homens e mulheres usam camisetas que remetem a alguma arte marcial ou academia de combate. Chegam extasiados e vibram muito durante as lutas. É comum ouvir os gritos de “uuuu, vai morrer, uuuu vai morrer”. Os lutadores, como personagens principais, aguardam com sua equipe técnica a entrada nos bastidores. Quando são chamados, entram ao som de uma música escolhida anteriormente por ele. *Rap*, música gospel, *rock*, axé, hinos de um país ou música típica de algum estado são frequentemente utilizados.

Os lutadores entram sob o som das músicas e parecem buscar concentração e inspiração. São checados por um *cutman* ou *cutwoman*<sup>47</sup>. A plateia vibra. Algumas mulheres comentam a beleza de algum lutador e são reprimidas por alguns homens. As *ring girls* circulam com o cartaz apontando o *round* que será apresentado e recebem comentários masculinos. Quando bebidas alcoólicas transitam entre o público do evento (em alguns, elas são proibidas), copos são exibidos para as câmeras.

O *ring* tem diferentes formatos. O mais conhecido é o que possui oito lados, o Octógono, que tem os direitos autorais vinculados ao UFC. Há os que são redondos ou que possuem 10 lados (decágono). Eles são rodeados de grades, as cores são escuras, com predomínio do preto e do vermelho. Seu formato fechado remete a uma jaula, e sua estrutura circular propicia que a luta se vincule ao jogo de vertigem, o *Ilinx* na tipologia de Caillois. As câmeras aproveitam essa estrutura circular e giram com os lutadores no decorrer do combate. Há certo transe e atordoamento da percepção (CAILLOIS, 1990).

---

<sup>47</sup> *Cutman* ou *Cutwoman* são os nomes dados aos profissionais que, antes de o atleta entrar no ringue, faz-lhe aplicações de pomada de vaselina sobre diferentes partes do rosto. A vaselina serve para que as luvas do oponente deslizem melhor, propiciando que os golpes tenham um dano menor.

Lutadores têm modos distintos de subir nesse espaço de luta. Alguns fazem o tradicional gesto católico de “sinal da cruz”, mesmo sendo evangélicos. Outros entram com o pé direito e dão pulinhos. Muitos caminham de modo circular no espaço. Vários gritam, desafiam, extravasam. Parecem estar em transe, hipnotizados por todos os elementos que compõem o cenário. A plateia delira. O locutor faz as devidas apresentações e sai do espaço. Fecham-se as portas do local de luta, o árbitro diz algumas palavras aos lutadores e começa o combate.

A luta é quase sempre imprevisível, o que aumenta a adrenalina de todos os envolvidos. Alguém pode se lesionar seriamente, pode sangrar muito, pode passar por situações engraçadas (como algumas encenações propositais dos lutadores), pode terminar rapidamente ou durar até o último segundo. Depende. Não dá para prever. É inusitado. Mas os lutadores não agem sozinhos. A plateia grita, vaia (sobretudo quando acham que a luta está pouco combativa), parece sentir as dores ou o êxtase da vitória. *Essa vitória é para vocês!* - disse o lutador Marcelo da Academia B, em dezembro de 2014, fazendo com que lágrimas rolassem dos olhos dos integrantes que o acompanharam, (inclusive as minhas).

Terminado o combate, um lutador os seus braços levantados e seu nome anunciado como vencedor. Por vezes, ele concede uma breve entrevista e agradece a todos os envolvidos; às vezes, até a seu adversário com quem muitas vezes trocou ofensas antes da luta. A agressividade parece desaparecer como uma mágica, dando espaço para uma relação cordial entre lutadores e equipes. Agradecimentos, abraços e beijos são frequentes nesse momento. A plateia aplaude e se tranquiliza. Pronta para receber outra luta.

Em eventos com exposição na mídia, sobretudo na TV, finalizadas todas as lutas do dia, os lutadores dão depoimentos de como foi todo o processo de treinamento até o combate final. Para esse ritual são chamados aqueles que se destacaram durante o evento, como os que ganharam alguma premiação extra (nocaute da noite; luta mais rápida) ou os que são considerados os lutadores principais. O tom da entrevista é tranquilo e apaziguador. É comum também que os combatentes convoquem novas lutas e desafiem outros adversários, dando início a um novo ciclo de “MMA como espetáculo”.

### 3.3 O MMA no contexto da Economia: as ligas no Brasil

Considerando-se o MMA no contexto da economia, verificaremos a comercialização de produtos diversos, seja para uso do público (camisetas, bonés, bonecos dos lutadores) ou de serviços (venda de ingressos para os combates, *pay-per-view* dos combates na TV, produtos que remetem ao “fique perto do seu ídolo”).

Mas esse MMA não se esgota por aí. É um lugar de lutas e permanente tensão. Patrocinadores, atletas, academias, produtos para aumentar o rendimento e diferentes especialistas em ação. Tudo entra em jogo, quando as questões financeiras estão em pauta. Se o MMA é performado no esporte como um esporte, no espetáculo, como um luta ou briga, na economia, pode mesclar todos os elementos citados, desde que se torne comercialmente atrativo. Se for importante transmitir a ideia de *fair play* para um evento, de modo a conquistar novos aliados (e investidores), então assim será feito, ainda que, concomitantemente, em alguma agência especializada em *marketing*, um profissional se esforce para vender o mesmo combate, antes apresentado com a ideia de *fair play*, como o “mais agressivo de todos os tempos”.

Nesse MMA, lutadores são trabalhadores, como propõem Pierre Bourdieu (1983), Roger Caillois (1990) e Lóic Wacquant (2000). Vendem seu trabalho, mesmo que haja invisibilidade de sua atuação para a previdência social: sem contrato de trabalho e o devido registro na carteira profissional, sem regulação ou reconhecimento da profissão, sem um seguro de vida, sem uma assistência médica especializada, sem uma remuneração mínima e, obviamente, sem uma aposentadoria<sup>48</sup>. Outros benefícios sociais também não entram em pauta: adicional noturno, férias, jornada máxima de trabalho, vale-transporte, vale-refeição, 13º salário. Como seria, então, pensar em acidente de trabalho? Há uma invisibilidade

---

<sup>48</sup> A aposentadoria é possível, como para qualquer outro trabalhador, caso o atleta pague individualmente sua previdência social como “autônomo”. Há também a possibilidade de se ter uma atividade remunerada e registrada em carteira profissional, por exemplo, como professor de artes marciais. Ainda assim, essas possibilidades se abrem para outras atuações, diferentes da de um atleta profissional.

do trabalho e do trabalhar: para a legislação, para os proprietários das ligas de MMA e para os lutadores.

Equação semelhante ocorre com os profissionais de diferentes áreas que apoiam atletas na sua preparação (treinadores, preparadores físicos, profissionais de saúde). Durante a pesquisa realizada, não conhecemos um profissional sequer que tenha sido registrado formalmente. Nesse sentido, a atuação dos psicólogos envolvidos no MMA, com os quais convivemos, articula-se ao MMA no contexto da economia:

Academia B, novembro de 2014. Acompanhamento de rotinas de treinamento. Como já havia me habituado, entro no tatame para assistir ao treinamento de MMA que seria conduzido pelo professor Antonio. Sentar dentro do local dos treinamentos foi uma conquista e, apenas após um convite um tanto quanto formal do professor responsável, em agosto do mesmo ano, é que ganhei esse “privilégio”.

Em um treinamento conduzido em novembro de 2014, noto dois visitantes na Academia B, que iam acompanhar um lutador também visitante no seu treinamento. Enquanto já estava sentada em um canto do tatame, noto que o lutador visitante pede licença ao professor para entrar, ao que é autorizado. Nesse momento, vejo que os outros dois visitantes demonstravam certo desconforto com minha presença no tatame, talvez por não ser visivelmente uma atleta, talvez por ser mulher, talvez porque um lutador comentou momentos antes que eu era “a doutora” da equipe<sup>49</sup>.

Após 40 minutos do início do treinamento e, sem obter o convite do professor, os homens entram no tatame e sentam ao meu lado. Mantenho-me observando as práticas e registrando minhas observações em meu diário de campo e noto visível desconforto em um dos visitantes.

**Visitante Rodrigo Pena:** Quem é você? - perguntou-me com certa rispidez na voz.

**Juliana:** Eu sou a Juliana e você?

**Rodrigo Pena:** Eu sou o Psicólogo do atleta X.

**Juliana:** Ah, que bacana. (Propositalmente, deixo que ele se posicione na conversa. Não continuei o assunto, apenas dei um sorriso e continuei observando os atletas em treinamento).

**Rodrigo Pena:** Você deve ser a psicóloga da equipe, não é? - questiona-me novamente com um semblante pouco amigável.

**Juliana:** É, eles gostam de falar que sou, mas, na verdade, eu sou doutoranda em Psicologia Social. Eles me ajudam muito mais do que eu a eles.

**Rodrigo Pena:** Ah é? E quanto tempo você tem no MMA?

**Juliana:** Comecei a estudar o MMA no doutorado.

**Rodrigo Pena:** Eu fico irritado com isso. Tem muito “curioso” pensando que sabe tudo no MMA. Para atender um atleta tem que saber o que é a dor, o que é lutar. Você já lutou?

**Juliana:** Não. Apenas acompanhei meu marido que foi campeão pan-americano de Karatê em inúmeras competições e nas suas lesões. Ajuda?

**Rodrigo Pena:** E você faz qual faculdade?

**Juliana:** Estudo na PUCSP e também sou professora de Psicologia lá.

---

<sup>49</sup> Reforço aqui que meu papel nas academias pesquisadas se restringiu ao de pesquisadora, mas que fui muitas e muitas vezes fui posicionada como a “Doutora da equipe”. Em uma das últimas ocasiões em que questioneei meu “falso título,” recebi a resposta do treinador principal da Academia B: “é melhor assim, Doutora, manter a hierarquia é sempre bom. E a senhora é doutora, sim”. Papo encerrado.

Inclusive eles estão nesse momento me ligando. Mostro o celular, uma chamada de uma gestora da PUC perguntando-me sobre um assunto acadêmico. Dou um sorriso e encerro a conversa. Finalizado o treinamento o psicólogo e o outro visitante procuram o treinador para vender seus serviços. Momentos depois o professor me chama para conversar, falando de seu desconforto com os visitantes e a tentativa de eles “tomarem o meu lugar”.

**Professor Antonio:** Aqui não. Doutora. Esses caras querem transformar os atletas em monstros. Eles são seres humanos! Será que é difícil entender isso? Estamos “fechados” com você, aqui ninguém entra.

Academia B. Diário de Campo, novembro de 2014.

Esse fragmento do diário de campo, que aqui se tornou mais extenso por causa de sua complexidade, nos direciona a um tipo de psicologia que se vincula à “lógica da economia” e a segue. O desconforto com minha presença, o questionamento agressivo com minha atuação e saber remeteram também a um desafio para ver quem “tem mais” a dar. A preocupação com os atletas é deixada de lado e há um combate entre psicólogos. A possível troca de conhecimento é substituída pela competição. É válido dizer que, durante aquele treinamento, estava presente o lutador principal da academia, que também é lutador do UFC. O assédio a ele não se resumia aos fãs, mas também aos diferentes profissionais que tentavam apresentar seus serviços, muitas vezes sem remuneração, apenas contando com a divulgação e o *status* que o atleta poderia oferecer.

O psicólogo do esporte e do MMA, Alex<sup>50</sup>, foi um interlocutor valioso para que fosse possível entender a competição que envolvia os profissionais de psicologia. Conheci-o por meio de uma página de discussão do Facebook sobre Psicologia do Esporte, em fevereiro de 2014. Desde então, passamos a ter contínuas interações.

**Psicólogo Alex:** Eu curto prá caramba trabalhar com o MMA. Se pudesse faria só isso, mas não dá. Os caras não têm dinheiro para me pagar. Eles precisam conseguir arrumar uma luta, ganhar, pagar o treinador, para só depois me pagar. Isso quando pagam... Daí eu normalmente combino com eles de receber um percentual do valor da bolsa<sup>51</sup> de uma determinada competição. Às vezes não recebo nenhuma grana, apenas a divulgação do meu trabalho para outros atletas e clientes. Não dá para fazer um trabalho contínuo e de longo prazo. E eu não consigo mais trabalhar apenas pelo prazer, ser voluntário e tal. Eu preciso comprar minhas coisas. Eu também tenho contas a pagar.

Via Facebook. Registrado em diário de Campo, agosto de 2014.

---

<sup>50</sup> Nome fictício.

<sup>51</sup> Bolsa é a remuneração que um atleta recebe quando está em competição.

Na época em que o conheci, Alex era um psicólogo comprometido com sua atuação e formação continuada. Havia terminado sua formação acadêmica recentemente, feito iniciação científica, e seu trabalho de conclusão de curso tinha sido sobre a Psicologia do Esporte e o MMA. Fazia especialização no tema quando o conheci. Preocupava-se com as questões éticas e com o rendimento dos atletas, além de se empenhar em buscar novos conhecimentos. Tinha muitas demandas de trabalho, pouca com remuneração. Dizia-me também ser constantemente perseguido por outros psicólogos que, mesmo sem uma formação consistente, tentavam captar os seus clientes<sup>52</sup>.

Como remunerar o psicólogo se, como apontado no início deste capítulo, os lutadores com os quais convivemos mal tinham condições de custear sua alimentação e moradia? Na academia A, os lutadores, por vezes, dormiam sobre os tatames para não pagar uma estadia, já que alguns vinham de locais distantes de São Paulo. Já na academia B, havia um espaço modesto com beliches, banheiro e cozinha, onde alguns moravam. Para muitos, a academia B era sua casa e os demais integrantes da equipe, sua família.

Raros atletas tinham algum patrocínio que, por vezes, se resumia ao suplemento alimentar mensal. Muitos eram casados e tinham filhos, além do sonho de se tornar “rico e famoso”. “Vai dar certo, vai dar certo!” - muitos me diziam, mesmo com o olhar já descrente do lutador Jaul, apresentado ao início do capítulo. Como custear o sonho de se tornar profissional? Como viver da prática do MMA? Estas eram questões recorrentes e que atingiam diferentes atores: lutadores, suas companheiras, seus familiares, técnicos, profissionais de saúde.

Contrastando com essa realidade, o MMA foi, ao longo dos anos, ganhando espaço nas mídias, ampliando ligas e faturamentos. Para debater essas questões, em 2008, foi realizado o 1º Fórum Nacional de MMA que aconteceu, paradoxalmente, em São Paulo, em um luxuoso hotel. Estiveram em pauta assuntos como eventos, produção, *card*, bolsas, regras, arbitragem, captação de recursos, pós-eventos, patrocinadores e mídia (TATAME, 2008). Outro contraste

---

<sup>52</sup> Uso aqui a expressão cliente, já que era o termo usado pelo psicólogo Alex.

ficou com o “Dia do MMA”, instituído na cidade de São Paulo, principal centro financeiro do país, no dia 16 de junho, por meio da Lei 555/2011 de autoria do vereador Atílio Francisco (PRB-SP). O objetivo era celebrar a modalidade, mas sem um aparente engajamento com as inúmeras dificuldades por que passavam os que estavam envolvidos com a prática do MMA.

O UFC, a principal liga de MMA, tem faturamentos que impressionam. Os números do UFC Rio, na sua edição 134, de 27 de agosto de 2011, ajudaram a impulsionar a modalidade no país. Foram mais de 20 mil pessoas presentes no evento, 30 milhões de aparelhos de TV ligados no Brasil, 135 países conectados, 597 milhões de lares no mundo e um impacto econômico de US\$ 50 milhões para a cidade do Rio (VINICIUS, 2011). E as demais ligas de MMA nesse cenário? As informações que serão apresentadas concernem às ligas nacionais de MMA, tendo em vista que os atletas com os quais convivi estavam no UFC ou atuando em eventos diversos pelo país.

O cadastro dos eventos que constam no “cartel<sup>53</sup>” do lutador é regulado mundialmente pelo portal on-line chamado de *Sherdog*. Criado em 1997, é considerado um dos principais mapeadores de eventos e resultados de lutas, apesar de haver controvérsias intensas sobre sua legitimidade (Tatame, 2008). As ligas brasileiras que constam no *Sherdog* são reguladas por uma Confederação e, portanto, atendem a alguns requisitos mínimos para sua prática.

Localizar informações no *Sherdog* é uma tarefa árdua. Além de ser um *site* totalmente em inglês, não há um local de busca onde se possa mapear de modo consolidado os eventos realizados em determinados período e local. É necessário listar todas as ligas existentes no mundo e ir a outras telas, buscando uma a uma, as ligas nacionais, com seus detalhamentos. Ao todo, em 2014, localizei no Brasil 312 ligas de MMA que realizaram um ou mais eventos nesse ano<sup>54</sup> (Apêndice 1). O UFC fez parte dessa contagem e havia realizado até essa data 305 eventos desde a sua fundação, sendo 7 no país, em 2014, e 17 desde a sua criação. Vale dizer

---

<sup>53</sup> Chama-se de “cartel” o número de vitórias, derrotas e *no contest* (sem resultado) que um lutador possui em sua trajetória profissional, e que foi devidamente registrada e reconhecida no *Sherdog*.

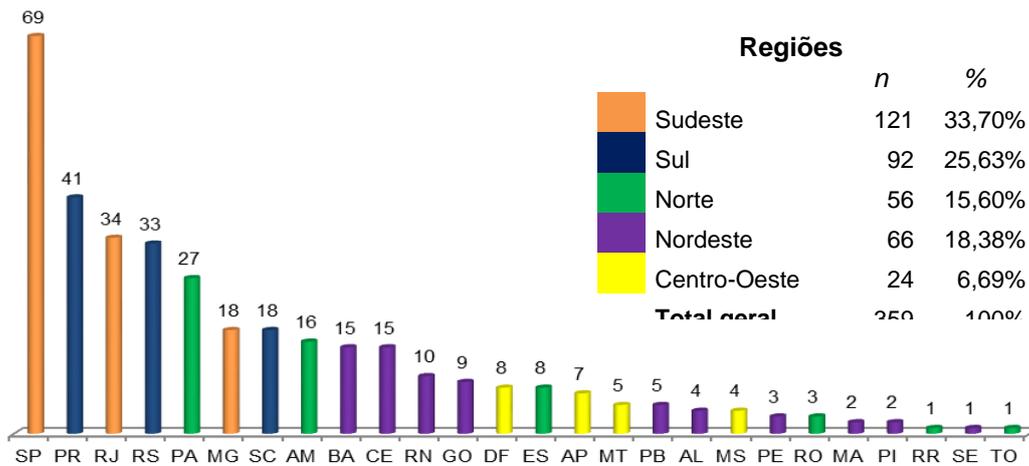
<sup>54</sup> Por “liga de MMA” entende-se que se trata de uma associação com determinado “nome fantasia” que pode ser responsável por vários eventos ao longo dos tempos. Uma liga pode ou não exigir a exclusividade do atleta, como, por exemplo, o UFC faz.

que o *Sherdog* é continuamente atualizado e que eventos antigos podem ser posteriormente reconhecidos se atenderem aos critérios estabelecidos. Nesse caso, a liga de MMA ou o próprio lutador entram com um pedido formal aos representantes do *Sherdog*, junto com as provas da realização do evento ou de uma luta específica. O caso é apurado e, se for considerado verídico, a informação é atualizada no portal. Por isso, é importante acrescentar que as informações que aqui serão apresentadas foram coletadas em janeiro de 2015, e que elas podem sofrer alterações no portal. Quando mapeei todos os eventos que ocorreram no Brasil, em 2014, notei que 144 haviam sido criados ou formalizados no *Sherdog* naquele ano.

Há relativa descontinuidade das ligas criadas, ou seja, muitas realizaram apenas um ou dois eventos em um ano e encerraram suas atividades. Esse fato, por vezes, é associado à falta de profissionalização das ligas (falta de planejamento financeiro, de estrutura física e médica e falta de gestão de pessoas e processos). Há também um tom de denúncia por parte da coletividade envolvida no MMA, ao ressaltar que algumas academias e/ou empresários buscam criar eventos ou combinar combates “mais fracos” para potencializar o *curriculum* de alguns lutadores no *Sherdog*, tornando-os mais atrativos para outros eventos com pagamentos maiores, como por exemplo, o UFC (BARONE, 2014).

Outra informação que salta aos olhos é a diversidade de locais onde algumas ligas são organizadas, tais como: em casas de *shows* (Balada Kombat, CWB Party Fight, W1 Fight Party), igreja evangélica (Ultimate Reborn Fight) e na praia (W1 Fight Party). Algumas ligas se vinculam à tentativa de retirar jovens das drogas ou do crime (Pinhais Nocauteando As Drogas, Favela Kombat, Lutando Pela Paz). Outras trazem questões de gênero (Cabra Macho MMA Circuit, Coronel Combat, Iron Man Vale Tudo, Iron Girl Fight, Victory Iron Girls, Pink Fight).

Os eventos de MMA foram realizados em todas as regiões do país no ano de 2014, sendo o Acre o único estado que não recebeu nenhum evento com cadastro no *Sherdog*. Na figura 19, apresenta-se esta distribuição:

**Figura 21.** Distribuição dos eventos nacionais de MMA pelo Brasil em 2014

Fonte: Dados do *Sherdog*<sup>55</sup> sistematizados pela autora (janeiro – 2015).

Há expressiva concentração dos eventos de MMA nacionais nas regiões Sudeste (35,82%) e Sul (26,07%), que juntos concentraram 61,89% dos eventos. As regiões Norte (15,76%) e Nordeste (15,19%) apresentaram percentuais semelhantes, seguidas pela região Centro-Oeste (6,69%).

**Figura 22.** Cinco eventos de MMA nacional com maior número de eventos cadastrados no Sherdog e emissoras de televisão que os transmitem

Fonte: Dados do *Sherdog*<sup>56</sup> sistematizados pela autora (janeiro – 2015).

A Figura 20 apresenta as cinco ligas de MMA nacional com maior número de eventos cadastrados no *Sherdog*, até dezembro de 2014. A principal liga era a de Jungle Fight, com 76 eventos, considerado o maior evento de MMA da

<sup>55</sup> Ibidem.

<sup>56</sup> Ibidem.

América Latina. O *Jungle Fight* era presidido por Wallid Ismail, um ex-lutador de MMA e Jiu-Jitsu, formado pela família Gracie. A segunda liga era o Shooto Brasil, com 63 eventos, também comandada por um ex-lutador de Jiu-Jitsu, André Pederneiras. André era empresário de diversos atletas e treinador de outros em uma tradicional academia de MMA, a Nova União.

A liga Strickers House Cup foi a terceira com maior número de eventos (N=44), todos realizados no estado do Paraná. Mesmo tendo garimpado informações na internet, nas redes sociais e com atores envolvidos no MMA não foi possível obter maiores informações sobre essa liga. Watch out Combat, ou WOCS como é conhecido, é o quarto evento de MMA nacional (N=40), e é presidido também por dois ex-lutadores: Otávio Duarte (Muay Thai) e Phillip Lima (Jiu-Jitsu). A partir da 18ª edição do WOCS, incorporou-se ao evento um terceiro sócio, Pedro Kazan, empresário do mercado financeiro. Já o Nitrix, quinta maior liga (N=27), realizou eventos em São Paulo, Rio de Janeiro e em Santa Catarina. Chamou atenção o cancelamento da edição 23 do Nitrix, horas antes de sua realização, que seria, inclusive, transmitida pelo Canal *pay-per-view* Combate. O cancelamento se deu por falta de uma documentação exigida pelo Corpo de Bombeiros que o responsável pelo Nitrix alegou desconhecer (FABRI, 2014).

Os diferentes eventos de MMA tentam impulsionar suas ligas televisionando os eventos. Nesse sentido, o Jungle Fight parece ter saído à frente, trocando, em 2015, o canal *pay-per-view* Combate pela TV aberta Bandeirantes, além do canal *pay-per-view* BandSports e ESPN3, com o objetivo de alcançar um número maior de espectadores. Shooto Brasil e Nitrix possuíam contrato com o canal Combate, pertencente ao sistema Globosat. Já o WOCS era transmitido pelo canal Esporte Interativo, que é vinculado aos canais UHF<sup>57</sup>. Não foi possível localizar informações sobre a transmissão do evento Striker's House Cup.

O valor dos ingressos para assistir a um evento de MMA pode variar muito. No UFC 179, realizado no Rio de Janeiro, em 25 de outubro de 2014, o assento mais barato foi R\$95,00 para pessoas com deficiência e R\$190,00 para pessoas sem deficiência, pagando a entrada sem descontos. Nesse mesmo evento,

---

<sup>57</sup> *Ultra High Frequency* que é responsável pelos sinais de televisão do 14 ao 83.

o assento mais caro custou R\$ 1.600,00. Já os eventos nacionais têm valores bastante heterogêneos. Os ingressos podem ser trocados por um quilo de alimento não perecível, como o Jungle Fight (que recebe verba governamental para sua realização) ou podem ser vendidos entre R\$75,00 a R\$1.000,00 (mesa para quatro pessoas) como o Shooto Brasil<sup>58</sup>. Há ainda, em diversas outras ligas, ingressos entre R\$15,00 a R\$ 80,00. O MMA é ainda palco de apostas, das que são consideradas razoavelmente legais às ilegais. Falarei aqui do primeiro grupo, já que, dentro da ilegalidade, existem outros “MMA’s” atuando, mas que fogem do foco da tese.

No Brasil, os jogos de azar são proibidos (BRASIL, 1946), com exceção dos realizados nas loterias homologadas pelos governos federal e estadual, assim como as apostas em cavalos (BRASIL, 1967). Contudo, é possível usar *sites* de apostas esportivas que estão hospedados fora do país (como Sportingbet, Betboo e Betclíc). Apesar de a atividade não ser regulamentada no Brasil, apostar *on-line* não é considerado crime, já que ela é feita pela internet e se concretiza fora do Brasil. Contudo, uma aposta pela internet suscita uma significativa discussão no campo tributário, porque o dinheiro ganho com as apostas não sofre qualquer tributação. Daí a referência a apostas “razoavelmente legais”.

Os jogos de azar são situados por Caillois (1990) como *alêa*, que se opõe ao *agôn*, já que a decisão e habilidade não dependem do jogador, e sim, da sorte. Busca-se vencer o destino muito mais do que um adversário. Não falamos aqui do posicionamento do lutador de MMA, que transita entre *agôn*, *ilinx* e *mimicry*, mas dos apostadores das lutas de MMA. Essa realidade ajuda a performar o MMA como *alêa*. Apostadores jogam, esperam o destino, aguardam com expectativa e receio, tentando equilibrar risco e lucro. A aposta pode proporcionar ao jogador muito mais do que ele poderia receber em sua vida de trabalho, com disciplina e cansaço. E, de uma hora para outra, colocar tudo a perder. Perder o que ganhou com o jogo, perder o que tinha antes do jogo.

Apostas e cassinos caminham lado a lado. Las Vegas, a principal cidade do estado de Nevada, possuía 18 cassinos de propriedade dos irmãos Lorenzo e

---

<sup>58</sup> Valor praticado no Shooto Brasil número 52 que ocorreu em 5 de dezembro no Rio de Janeiro.

Frank Fertitta, que eram até então os sócios majoritários do UFC. Para não haver conflito de interesses, em seus estabelecimentos não eram aceitas apostas no evento, mas o UFC incentivava que os demais cassinos as recebessem (REVISTA VIP, 2012).

Para apostar no MMA o usuário precisava se cadastrar em um ou mais *sites* de apostas, fornecendo um nome de usuário e dados pessoais. Para começar a apostar, deveria fazer um depósito inicial (em média R\$ 50) utilizando cartão de crédito, boleto bancário ou de outros modos, a exemplo do Astropay Card (um cartão virtual pré-pago). Os *sites*, em geral, têm formas de atrair e reter um apostador iniciante, como créditos para gastar ou com “risco zero” (considerando que não se perderá dinheiro mesmo que se perca a aposta).

Outro tipo de aposta são os chamados “bolões”, que normalmente ocorrem de duas maneiras. Na primeira, diversos apostadores se unem para adquirir uma série de cartões de apostas em casas lotéricas, aumentando a probabilidade de acertos em determinado jogo. Este tipo de “bolão” é regulado pela Caixa Econômica Federal desde 2012 e vale apenas para a Mega-Sena, Quina, Dupla Sena, Loteca e Lotofácil. Caso os apostadores consigam ganhar, há divisão dos prêmios. A segunda variação do “bolão” é a aposta em um resultado de um evento futuro, em geral esportivo, como, por exemplo, quem vencerá determinado combate. Nesses “bolões” há ainda os detalhes da aposta: se a vitória se der por finalização, nocaute ou por pontos. Esses “bolões” são organizados pelas próprias academias de lutas, por um grupo de pessoas ou até por *sites*. No entanto, essa segunda categoria de “bolão” é considerada uma contravenção penal (BRASIL, 1941).

### 3.4 O MMA múltiplo: mais do que um e menos do que muitos

Neste capítulo, abordarei a existência de, pelo menos, três versões de MMA que foram performadas em diferentes práticas com as quais estive em contato. Nessas práticas, o MMA *é* um esporte, *é* um espetáculo e *é* um evento de ordem econômica.

Annemarie Mol (2002) afirma que os objetos *são diferentes* nas práticas cotidianas. É, pois, na prática que o MMA é performado de modos distintos. Seus modos de ser não se sobrepõem necessariamente, mas, às vezes, se alinham, colaboram entre si e, às vezes, podem se chocar. Nesse sentido, a realidade é um efeito de relações, produzida e estabilizada nas diferentes interações, que são simultaneamente material e social (LAW; URRY, 2010). Isso implica dizer que o MMA ganha atributos e características não por uma essência determinada *a priori*, mas sim, em associações com outros objetos e pessoas:

Em algum lugar ao longo do caminho o significado da palavra "é" mudou. Drasticamente. Isto é o que a mudança implica: o novo "é" é aquele que está situado. (...) Ela não diz o que é em si e por si, para nada "é" sozinho. Ser é estar relacionado. O novo discurso sobre o que é não coloca entre parênteses os aspectos práticos envolvidos na performance da realidade. Mas os mantém presentes (MOL, 2002, p. 67<sup>59</sup>).

Usa-se, então, a palavra "é" de modo localizado. Temos um "é" que está em um local e em uma situação.

Multiplicidade é diferente de diversidade, e este é um ponto fundamental da discussão aqui apresentada. Na diversidade, o objeto permanece único, o que pode mudar são olhares sobre ele, apontando para uma lista sem número definido de visões, que não se articulam necessariamente entre si. Tal visão se aproxima do perspectivismo. Já na multiplicidade, é o objeto que passa a existir de modos distintos, independente dos olhares sobre ele. Mas esses diferentes objetos não estão desconectados, pois, na multiplicidade, temos o que é diverso e ao mesmo tempo singular, algo que os une. Tal noção pode ser entendida com o objeto fractal, ou seja, o que é mais do que um e menos do que muitos (MOL, 2002). A noção de objeto fractal defendida por Mol, emprestada da Matemática, remete a um objeto fracionado, mas que também se reúne, com complexas e intrincadas relações. A implicação é que as realidades podem ocasionalmente colidir, por vezes colaborar, depender uma das outras ou até se chocarem (MOL, 2002).

---

<sup>59</sup> Do original: Somewhere along the way the meaning of the word "is" has changed. Dramatically. This is what the change implies: the new "is" is one that is situated. (...) It doesn't say what it is in and of itself, for nothing ever "is" alone. To be is to be related. The new talk about what is does not bracket the practicalities involved in enacting reality. It keeps them present.

Os modos de coordenação (ou ordenação) entre as distintas versões de MMA estão situadas em certas práticas, às quais tive acesso, ou seja, não pretendo produzir aqui uma coordenação única, totalizante e definitiva. A ideia de falar sobre modos, no plural, segue os passos de Jonh Law (2004; 1994), Annemarie Mol (2002) e Márcia Moraes (2001), alertando que temos também na coordenação das práticas um processo múltiplo e móvel.

E o que torna o MMA um objeto múltiplo? Quais são seus modos possíveis de coordenação? Um dos modos de coordenar as diferentes versões de MMA é a tentativa de juntar suas versões, criando a omissão de suas controvérsias, problematizações e condições de produção. É o que Mariana Cordeiro e Mary Jane Spink (2014) chamaram de “caixanegrização”.

Quando isso acontece no MMA? Quando ele aparece pronto e estabilizado nas suas versões: é esporte, é a rinha humana é o investimento rentável. Quando em práticas de saúde (fisioterapia, psicologia, preparação física), ouve-se que o MMA é um esporte e que merece estudos sistematizados para melhorar ainda mais o rendimento; nesse caso, estão sendo desconsideradas todas as outras versões possíveis. O mesmo acontece nas práticas que envolvem o MMA como espetáculo e no contexto da economia. Trata-se de uma forma naturalizante e reducionista de conceber as complexidades.

Contudo, é importante dizer que, mesmo existindo tentativas de estabilizar algumas versões, o MMA continua envolvido por inúmeras controvérsias, seja em diferentes veículos midiáticos, seja em discussões legislativas (tramitação do “Dia do MMA” em contraposição à tramitação de outro projeto que tenta proibi-lo). Assim, em diferentes práticas, o MMA é traduzido em versões complexas e difusas. Tem-se aqui um modo de lidar com multiplicidade que se preocupa em produzir objetos singulares e definidos, criando singularidade ao “apagar”, “camuflar” ou desconsiderar a existência de outras versões (CORDEIRO; SPINK, 2014).

O nome é uma ponte entre as versões de MMA, já que é ele quem une, independente das práticas a que está envolvido. Tal estratégia faz com que as versões não se fragmentem. Contudo, tal modo de coordenação pode também

acabar por estabilizar a multiplicidade, transformando o MMA em algo aparentemente coerente, singular e ordenado.

Há também um processo de *distribuição* que aponta para as diferentes versões de um objeto coexistindo “pacificamente”, desde que um não tente ocupar o mesmo lugar no tempo e no espaço (MOL, 2002). O MMA envolvido da Educação Física, com a saúde do corpo, seus treinamentos e controles, ou o dos profissionais de saúde (psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas), ficam em locais determinados e redutos do saber, assim como, igualmente, as práticas que envolvem os investidores ou aquelas que visam promover o espetáculo.

Essa distribuição pode entrar em choque se, em um local onde o MMA é um esporte, entendido aqui como reduto de regulamentações, premiações e controles, entre em jogo um MMA que se submete à economia, em que vale, por exemplo, fazer “vista grossa” para os casos de *doping*, porque o atleta gera boas receitas.

E o que dizer dos locais onde o MMA é distribuído como saúde? Em que, por exemplo, uma prática psicológica visa “transformar atletas em monstros” por objetivar a vitória? Ou ainda quando a prática nutricional busca nas substâncias ilegais modos de potencializar o rendimento? A distribuição demonstra que, se tais versões ocorrerem em práticas que não sejam coerentes entre si, haverá embate. Os exemplos pontuados aqui, de uma psicologia e nutrição comprometida apenas com o rendimento, talvez sejam coerentes, comprometidos e distribuídos com o MMA da economia, mas não com o MMA do esporte. Porém, se tais práticas performarem com base em uma lógica da saúde e, portanto, do esporte, certamente entrará em choque com as normatizações do MMA, dos conselhos profissionais e das recomendações da WADA.

Já o investidor “precisa” reduzir despesas e talvez pague o mínimo possível para os lutadores-trabalhadores. O MMA distribuído no âmbito da economia precisa gerar lucro e pode se articular em outras práticas semelhantes que, por assim dizer, não colidam com as apostas, com o investimento feito pelo empresário ou que tire a adrenalina do *show*.

Outras formas de evitar o “choque” entre diferentes MMA’s é a tentativa de distribuí-los geograficamente. No dia da luta, no espaço do combate, o *show* predominará, é o MMA como espetáculo. Nas práticas de treinamento, tem-se o reduto da saúde e seus controles. Por fim, na contratação de lutadores, nas apostas, na precificação dos combates, tem-se o MMA no contexto da economia. Ou seja, assim distribuídas, as diferentes versões podem coexistir sem ser contraditórias, sem dar a ideia de que se trata de uma modalidade distinta. Sem ser totalmente fragmentado.

Outro modo de coordenação, de acordo com Annemarie Mol (2002), é a *adição*. Aqui as versões são unidas como se fosse uma colcha de *patchwork*, ou seja, uma unidade formada por uma série de elementos com padrões distintos que, agrupados, formam um todo (CORDEIRO, 2012). Cumpre dizer que a *adição*, não sugere que esse todo seja o equivalente à soma de suas partes. Afinal, como afirmam Mariana Cordeiro e Mary Jane Spink (2012, p. 297), “uma colcha de *patchwork* não é um mero agrupamento de retalhos; mas é algo que cobre camas, decora quartos, evoca lembranças e aquece corpos”. Com isso, pensamos que o MMA não se limita à soma das versões aqui apresentadas. Ele recruta atores, cria outras práticas a partir dele, influencia pessoas, legislações e desperta paixões e acaloradas discussões.

A *adição* aponta também para a formação de vários “es” que se agrupam. O MMA é um esporte *e* possui regras; é um espetáculo *e* se envolve com a indústria do entretenimento; é um investimento *e* pode ser rentável *e* gerar emprego. O dia do combate é uma prática em que podemos examinar os “es” em ação. Embora seja o dia em que certos detalhes do espetáculo estejam em evidência, não é possível desconsiderar a sobreposição de versões existentes. Nesse dia estão as regras, as práticas de saúde e seus profissionais em ação. Lá estão os investidores e toda a lógica que faz aquele momento ser ou não ser rentável. Lá também há, evidentemente, as ações que transformam aquele momento em um dia de “magia”, o espetáculo em ação. Na *adição*, as diferentes práticas e locais de atuação são alinhados e somados de tal modo que passam a se referir a um objeto único (CORDEIRO, 2012)

Outro modo de coordenar concerne à *inclusão* das versões. Ou ainda, um “A” que inclui “B”, e um “B” que inclui “A”. A questão aqui não reside no elemento maior que, por seu tamanho e importância, inclui o menor, como potes de plástico que ficam um dentro do outro. A ideia é de *ecobags* dobráveis (CORDEIRO; SPINK, 2014), onde uma sacolinha menor inclui a maior e vice-versa. Não se trata de dar destaque a um elemento, ou a um objeto. Assim, a inclusão nos poupa ter que definir qual versão de MMA predomina ou qual é mais “importante”.

Com isso, o MMA não se reduz às definições postas pelas Confederações, pelas revistas, pelas academias ou pelas legislações em tramitação. Ao tentar conceitualizar o MMA, tenta-se criar algo singular, estável, definido, desconsiderando as diferentes versões. A inclusão nos ajuda a discutir que não faz sentido a tentativa de criar hierarquias ou colocar os holofotes em determinadas versões.

Há modos diversos de ordenar as versões de MMA e me coube aqui a tentativa de discutir alguns deles, sem ter a pretensão de ter explorado todas as formas possíveis.

## Capítulo 4 - Sobre as Academias de MMA pesquisadas e as versões de lutadores

Para que seja possível entender as práticas nas quais os lutadores de MMA estavam inseridos, serão apresentadas neste capítulo as duas academias de MMA pesquisadas, sua organização e seu cotidiano. Nessa discussão serão considerados os espaços físicos, as histórias, seus trabalhadores e seus proprietários. O objetivo será descrever a rede heterogênea de atores presentes nesses espaços. Será preservado o sigilo da identificação da academia e dos participantes e, por isso, em algumas circunstâncias, haverá concisão em algumas informações.

### 4.1 Academia A

Quando iniciei a pesquisa na Academia A, ela estava funcionando fazia oito meses desde sua reinauguração. Antes disso, atuava com os mesmos proprietários e funcionários em outro espaço que, segundo seus frequentadores, “era bem mais simples”.

Foi idealizada por um lutador profissional de MMA, Victor, e sua esposa, Daniela, que, em sociedade, projetaram o espaço. Daniela também trabalhava com publicidade, o que parecia contribuir na gestão da Academia A.

A visão empresarial era “ser um espaço voltado para atletas e não atletas (...)”, o que endossava a heterogeneidade do seu público frequentador. Havia muitos lutadores, assim como usuários de musculação, *fitness* e aulas de lutas para definição muscular, emagrecimento ou defesa pessoal. Atendia adultos, adolescentes e crianças. Era também uma academia que atraía curiosos que buscavam conhecer um centro de treinamento de lutadores do “UFC” (e não de MMA).

Oferecia aulas de MMA, Jiu-Jitsu, Muay Thai, Boxe, Submission (Jiu-Jitsu sem o uso de quimono), Funcional e Musculação. As aulas para o público em geral, normalmente, eram ministradas pelos atletas de MMA vinculados à academia. Já as aulas para os atletas ficavam sob a responsabilidade de professores especialistas. A grade de aulas compreendia atividades que iam desde as seis horas da manhã até às 23h30.

Para os alunos que não eram lutadores a academia oferecia pacotes e promoções, sendo eles: a) pacote trimestral, semestral, anual, com redução progressiva do valor; b) “indique um amigo que feche um contrato no mínimo trimestral e ganhe um mês de academia”; c) valor reduzido para quem utiliza a academia em “horário promocional”.

Os lutadores normalmente pagavam a academia com suas “bolsas”, ou remuneração, após a participação em algum combate. Esse valor variava de atleta para atleta e era dividido entre a academia e o *Head Coach*. Estava localizada em São Paulo, em uma área próxima a residências, colégios, *shopping* e com fácil acesso à zona central da cidade. Sua fachada dava a impressão de ser uma academia convencional de ginástica, embora suas cores fossem o tradicional preto e vermelho que caracterizam o MMA.

Na entrada havia uma recepção espaçosa, uma lanchonete e uma loja de venda de produtos diversos, cujo atendimento era feito por Fabiana e Jaul que se revezavam. Nesta loja, vendiam-se protetores bucais, coquilhas, roupas diversas para a prática do MMA ou de outra arte marcial específica, roupas para ginástica, agasalhos de moletom e diversos tipos de suplementos alimentares. Na entrada da academia, havia dois vestiários, masculino e feminino. Especificamente no vestiário feminino, havia quatro banheiros, duas duchas, diversos espelhos (para o rosto, sobre as pias, e um para visualização do corpo, próximo à ducha) que, durante nossas visitas, estavam impecavelmente limpos. Por fim, havia ainda uma sala de reuniões para uso particular dos proprietários.

A recepção era equipada com dois computadores com acesso à internet, telefone e materiais de divulgação da academia. Fabiana, a responsável pelo atendimento, tinha vasta experiência profissional no atendimento ao público, já que havia trabalhado por muitos anos em uma grande organização como gerente de atendimento. Sempre com cortesia, recebia os clientes, apresentava a academia e ofertava o pacote que melhor se adaptava às necessidades dos interessados.

De acordo com Fabiana, durante a pesquisa lá realizada, o movimento de clientes era “bom”, sobretudo porque o proprietário da academia possuía luta

agendada e estava em intenso treinamento. Para ela, este fato atraía novos lutadores e clientes de modo geral.

A lanchonete era atendida normalmente por algum familiar do proprietário, normalmente a mãe ou irmã dele. Lá se vendiam salgados, lanches naturais, sucos, açaí, suplementos alimentares já preparados, além de água e refrigerantes. Havia duas mesas com cadeiras, além de banquetas altas para que o consumidor sentasse próximo ao balcão. Em um canto superior a uma das mesas havia uma televisão tela plana, ligada frequentemente ao canal *pay-per-view* Combate e, por vezes, em uma reprise de novela.

Na parte interna, havia uma sala de bicicletas ergométricas, uma sala de musculação e um tatame amplo com um Octógono em tamanho oficial de competições. No piso inferior, estava a sala de musculação e uma pequena sala sem janelas, a qual foi usada por mim para conversar com alguns lutadores. O espaço de musculação tinha poucos frequentadores e sempre contava com um professor de plantão para orientar os alunos. Contudo, em três ocasiões, o flagrei cochilando sobre um computador (usado para digitar o treinamento recomendado ao aluno). Segundo Fabiana, tal fato era frequentemente discutido em reuniões na academia, assim como o uso constante de celulares conectados nas redes sociais.

Alguns atletas, quando em *camp*, costumavam dormir sobre o tatame da academia, economizando as despesas de deslocamento ou estadia. A religião predominante nesse local era evangélica, sobretudo vinculada às igrejas neopentecostais. Era comum os lutadores possuírem tatuagens com mensagens religiosas.

As opiniões acerca de temas como a redução da maioria penal, pena de morte, aborto, imigração de nordestinos e nortistas, defesa das minorias ou crimes contra homossexuais, despertavam acaloradas discussões, assumindo posicionamentos conservadores. Nos discursos circulantes, mobilizados pelas eleições presidenciais de 2014, havia conteúdos homofóbicos (*gay* não é gente, se apanhar talvez vire “homem”), machistas (“homem é muito melhor do que a mulher”; “mulheres que usam roupas curtas estão provocando os homens”) e, ainda que houvesse atletas nordestinos, havia xenofobia (“esses nordestinos

burros é que afundam o país. Tem que separar o país”). Mencionavam a pena de morte (“olho por olho, dente por dente. Se fez algo errado, manda matar mesmo”) e o aborto (“quem mandou engravidar? Agora que assuma o filho”). Havia também a valorização de pessoas como Jair Bonsonaro (militar da reserva, Deputado Federal), Rachel Sheherazade (jornalista), Danilo Gentili (jornalista) e Silas Malafaia (pastor pentecostal, psicólogo). Em linhas gerais, havia uma defesa da “família tradicional” (pai, mãe e filhos<sup>60</sup>).

#### 4.1.1 Os atores da Academia A

Falarei aqui dos atores: patrocinadores, da auxiliar de limpeza, das fotos e acessórios de Victor, dos diversos atletas de MMA, da esposa-sócia do lutador, da balança para pesagem, das músicas que lá tocavam, das namoradas e esposas dos lutadores, dos possíveis alunos, da sauna, fãs, treinadores, jornalistas, recepcionista, do lutador principal, dos anabolizantes, dos acessórios para treinamento e dos possíveis alunos.

Daniela, esposa e sócia do lutador principal da Academia, esteve presente em muitas de minhas visitas. Ela, sempre muito cuidadosa com a aparência, por vezes, no banheiro e com a ajuda de sua recepcionista, fazia tratamentos nos cabelos. Usava constantemente roupas de *fitness* que marcavam seu corpo e musculatura definida. Interagia pouco com os demais lutadores, alunos, possíveis alunos, profissionais e demais pessoas que circularam naquele espaço. Não raro, tentei conversar com ela, mas quase sempre sem sucesso. Foram poucas às vezes em que a vi sorrir durante o tempo em que permaneci na academia. Era comum vê-la de cenho fechado, tecendo críticas aos trabalhadores ou acompanhando os movimentos de Victor. Em sua presença, sentia-me desconfortável, como se estivesse ali como fã de algum lutador ou como se estivesse incomodando as rotinas do local. Daniela, segundo Fabiana, se desdobrava para conseguir dinheiro a fim de subsidiar o treinamento de Victor e, em algumas ocasiões, contraía dívidas significativas esperando sua vitória. Também tinha que lidar com as inúmeras fãs do marido, o que não lhe parecia ser algo fácil. Costumava

---

<sup>60</sup> As pessoas citadas são defensoras de ideais do que se chama de “direita”: defesa dos interesses do empresariado, heteronormativo, com valores religiosos tradicionais, monogâmico e branco.

comparecer em diferentes eventos com Victor, em que também dava autógrafos e chamava atenção por sua beleza entre os fãs e mídia presente.

Fabiana, a recepcionista e esposa do lutador Jaul, foi uma das principais colaboradoras do estudo na Academia A. Loira, alta, e também com um corpo muscularmente definido, atendia aos clientes sempre com cortesia e um largo sorriso. Ao início das interações Fabiana aparentava certa desconfiança comigo e com a pesquisa, mas, quando conheceu meu marido e filho, como citado anteriormente, passou a contribuir com informações preciosas sobre o MMA e sobre a academia. Não tentava vender planos aos alunos sem estudar a necessidade deles, demonstrando preocupação com todos. Fabiana vivia o sonho de ver seu marido ganhar destaque no MMA e, para isso, não media esforços: aceitava a imprevisibilidade financeira, mesmo tendo três filhos; aceitava as ordens bruscas de Daniela para ficar próxima ao marido; aceitava as críticas familiares; apoiava os treinamentos intensos do marido; apoiava o uso de substâncias ilegais para potencializar-lhe o rendimento e o acolhia nas derrotas. Fabiana lutava com Jaul todos os dias.

Outra trabalhadora que chamava atenção na Academia A era a Dona Josefa. Auxiliar de Limpeza, com cerca de 60 anos, era aficionada por MMA. Dizia ser graduada em capoeira e ter começado recentemente a praticar Muay Thai. Gostava de comentar as lutas e a fragilidade de certos lutadores. Para ela, muitos ficavam com desculpas para não dar “o máximo” nos treinamentos e nos combates. Sempre que podia ia até o tatame acompanhar e comentar os treinamentos.

Quanto aos fãs, buscavam principalmente contato com o lutador Victor. Quando estudamos essa academia, tinha em sua agenda uma luta no UFC no Brasil, o que atraía interessados em acompanhar seu treinamento. Victor carregava marcas do MMA no corpo, orelha “couve-flor”, tatuagens e alterações no nariz, e era considerado pela mídia e fãs como um dos lutadores mais bonitos do Brasil.

O treinador principal, Mestre Franco Vieira, que foi o responsável por esta pesquisa no local, era especialista em Muay Thai. Ele coordenava os treinamentos

principais e a estratégia que os atletas deveriam adotar na luta. Costumava chegar atrasado, falar palavras de baixo calão e usar as redes sociais do celular durante os treinamentos, o que gerava incomodo aos integrantes do grupo. Mesmo desconfortáveis com a postura de Franco, os atletas não ousavam questioná-lo. Quando algum lutador tinha uma importante luta agendada, ele programava treinamentos intensos, como colocar no Octógono dois atletas ao mesmo tempo para simular uma luta, o que os expunha a riscos de lesões. Franco era o *Head Coach* de Victor havia muitos anos.

Havia também treinadores especialistas em outras artes marciais, especialmente no Jiu-Jitsu, com os quais não convivi muito. Com o treinador de Jiu-Jitsu, ou *sensei*, como é chamado um professor de uma arte marcial oriental, tive pouco contato pessoal. Pude acompanhar os treinamentos dos alunos que vestiam quimonos e reuniam um grupo grande de atletas, não necessariamente de MMA. O professor de Boxe, além das aulas para Victor, dava aulas particulares aos atletas de MMA interessados, cobrando quase sempre valores simbólicos.

Os possíveis alunos interessados em frequentar a academia vinham inspirados pela carreira de Victor e demais lutadores. Homens, mulheres, idosos, adolescentes e crianças, todos pareciam buscar a força, o talento ou a dose de “magia” que envolvia aqueles homens. Como eles conseguiam suportar tantos golpes? Inspirados principalmente por esse ideal buscavam a academia. O grupo de alunos ali presentes costumava acompanhar os lutadores nos treinamentos e eventos. Entre eles, havia um clima bairrista: “nós somos a Academia A”; “a Academia A é a melhor”; “somos os mais casca-grossa”.

Os jornalistas apareciam principalmente para gravar documentários e reportagens sobre o cotidiano dos lutadores ou sobre a preparação para uma luta. Pude presenciar uma gravação em que o lutador escolhido era incentivado a falar coisas sensacionalistas e a dar golpes “incríveis” para dar um tom mais apelativo e atrativo ao programa/reportagem. Em geral, os atletas gostavam de participar desses programas/reportagens, já que era uma oportunidade para mostrar o trabalho desenvolvido e tentar captar outros patrocinadores.

A academia detinha importantes patrocínios, o que ajudava a manter o espaço e as despesas de treinamento específicas de Victor e de alguns outros lutadores, mas não teve nenhuma interação com os responsáveis pelas marcas ali presentes. De modo similar, o grupo parecia se relacionar com o patrocinador apenas por meio do dinheiro fornecido, com a logomarca e com as camisetas e bonés que deveriam ser usados em determinadas situações.

Para os patrocinadores era essencial também vender uma imagem comercialmente atrativa, endossar as vitórias, divulgá-las e dar um tom “heroico” aos feitos dos atletas. Por essa razão, fotos e acessórios de Victor estavam distribuídos por toda a academia, assim como um cartaz de divulgação de seu próximo combate e até a camiseta de uma luta, emoldurada. Compunham o espaço troféus e medalhas. Quem passasse por ali ia conhecê-lo e entender ao menos parte dos seus feitos.

O estilo musical que frequentemente tocava na academia era o Rock, antes, durante e depois dos treinamentos de MMA. Especificamente nos treinamentos, era comum também ouvir as músicas que inspiravam o lutador “Rocky Balboa” nos filmes que levavam o seu nome. Dentro do tatame havia muitos sacos de areia para treinamento de socos e chutes, além de dois pneus de trator (para treinamento de força e resistência). A referida academia contava também com uma sauna especialmente usada pelos lutadores para o processo de desidratação antes de um combate. Quando era necessário perder muito peso para um combate era comum a realização de atividades aeróbicas dentro da sauna (como pedalar em uma bicicleta ergométrica ou lutar alguns *rounds*) utilizando roupas de plástico. Nesse sentido, a balança era um poderoso ator. Ela é quem ditava quem devia ou não se submeter a práticas mais intensas para perder peso.

Nessa academia era frequente o uso de substâncias ilegais para potencializar o rendimento, principalmente os anabolizantes, os diuréticos e os estimulantes. Os atletas que não usavam diziam não “ter dinheiro para comprar”, mas que, se tivessem, usariam. Não deveria existir receio no uso dessas substâncias, aliás, eles eram “cascas-grossas” e não deveriam ficar com “melindres”. Tal prática era reforçada pelo Mestre Franco Vieira que, em muitas ocasiões, aplicava as substâncias injetáveis nos atletas.

Tais práticas eram ainda reforçadas pelo temor de perder um combate e ter uma derrota marcada em seu *sherdog*. Aliás, em muitos momentos, os atletas eram reduzidos aos números registrados em seu *sherdog* (chamado também de cartel): “fulano é duro! Tem 12-1” (12 vitórias e 1 derrota); “fulano vai ter uma luta boa, porque o adversário é 4-3 (4 vitórias e 3 derrotas); “aquele lutador é inexperiente, tem 0-1 (nenhuma vitória e 1 derrota)”. Era inadmissível perder para alguém com um *sherdog* considerado ruim.

#### 4.1.2 Um dia na Academia A

Escolhi um dia típico de rotinas na Academia A para apresentar como o lutador ídolo era performado.

##### **Fevereiro de 2014 – Acompanhamento de treinamento de MMA**

Novamente estava a caminho da Academia A, levando meu diário de pesquisa e com mil pensamentos me fazendo companhia. Que encontraria naquele dia? Victor ainda não havia lutado - este que era o evento mais importante da Academia – e as atenções todas se voltavam para ele. Havia sempre um clima de imprevisibilidade no ar e não conseguia saber ao certo como me portar.

Entro na academia e cumprimento Fernanda. Ela, sempre simpática, me saúda com um largo sorriso, demonstrando naquele dia estar agitada e um pouco mais atarefada do que habitualmente. Havia lutadores na recepção, gesticulando, dando opiniões e risadas eufóricas. O tema era o mesmo: “o *show* que o mestre ia dar no importante combate que se aproximava”. Uns ressaltavam seus feitos passados, outros apontavam sua evolução, e outros ainda, o modo displicente com que ele treinava e, ainda assim, conseguia “ser o atleta que era”.

Naquele dia, a mãe e a irmã de Victor também estavam na Academia. Olhos brilhando mesclavam a admiração por Victor filho/irmão, e Victor atleta do UFC. Contavam histórias passadas e suas peraltices, sempre com um tom adocicado. Nesse momento, sinto-me autorizada a entrar na conversa:

**Juliana:** Pelo que vocês estão falando, Victor era muito agitado e inteligente. Como ele escolheu o MMA?

**Mãe de Victor:** Acho que é porque não fui uma boa mãe. Não dizem por aí que quem escolhe esse tipo de luta é porque teve pais ruins? Vai ver foi culpa minha. (risos)

**Irmã de Victor:** Olha, eu acho que o Victor sempre teve o dom. Sempre gostou de competir e sempre se deu bem. Ele realmente é especial e vai em breve “chegar lá”.

**Mãe de Victor:** Isso é verdade. Ele sempre foi muito inteligente e sempre se deu bem em tudo que fazia.

Academia A., Diário de Campo, fevereiro de 2014.

Victor tinha o “dom”, era inteligente, sempre se dava bem e era alguém especial. Na fala dessas familiares, sua história anterior ao MMA entra em ação para endossar que ele tinha algo diferenciado para oferecer à modalidade. O mesmo acontecia com os companheiros de treino ao lado. Não havia dúvidas. Ele seria uma estrela muito em breve e teria o cinturão do UFC. Daniela também estava presente na Academia e estava igualmente eufórica. Falava o tempo todo com os funcionários, e ao telefone, e não se envolvia em nenhuma conversa com os presentes. Impecavelmente vestida e bem maquiada despertava a atenção dos presentes, ainda que fosse uma atenção discreta. A ética do grupo certamente não assentiria olhares mais maliciosos direcionados à esposa do principal ídolo.

Com um atraso de 40 minutos, o mestre Franco Vieira chega à Academia. Com cara de poucos amigos, cumprimenta os presentes e vai direto para o tatame. Mestre Franco também tinha ares de *superstar*, pois já havia sido um atleta de destaque e treinador de importantes lutadores no cenário internacional. Era comum identificar o orgulho dos atletas em treinar com alguém de tanta expressão no MMA, razão pela qual talvez seus atrasos e inconsistências fossem tolerados. Os atletas vão até o tatame e iniciam o treinamento, com os demais presentes assistindo do lado externo. Tocavam-se músicas consagradas no boxe. Chegam alunos e alguns fãs para assistir (2 meninos e 2 homens). Acabam os *puffs* e as pessoas começam a disputar os melhores lugares.

O treinamento foi intenso. Chutes, socos, quedas, continuamente. Treinavam entre si, com a ajuda dos sacos, do pneu de trator, com as cordas de pular. Como era verão, a temperatura ajudava na desidratação de Victor que, inclusive, treinava com uma camiseta de manga comprida para potencializar essa perda.

Mestre Franco Vieira e alguns presentes tiravam fotos e filmavam. Quando um lutador notava que estava sendo filmado ou fotografado, parecia cuidar ainda

mais dos movimentos e de sua postura. Nesses momentos, alguns golpes mais arriscados eram praticados (chutes rodados, quedas mais plásticas, socos inesperados).

Os comentários da “plateia” eram entusiasmados: “nossa, você viu aquilo?”; “o ‘mestrão’ está um monstro”; “não vejo a hora dessa luta acontecer”; “vou dar um jeito de ir nessa luta”. Final do treino, sorriso coletivo no rosto demonstrando a certeza de que haviam feito um bom treino. Quase que imediatamente são postados vídeos e fotos nas redes sociais. Os “likes” ou “curtir” do Facebook são contados: “nossa, acabei de postar e já tem 20 likes”, disse um lutador. Daniela se aproxima do local do treinamento e chama Victor. Dá-lhe um intenso beijo na boca e o abraça. Fala algo em seu ouvido e sai.

Os presentes se dispersam. Alguns procuram Victor para falar, outros vão embora. A mãe e a irmã de Victor voltam para a lanchonete. Lutadores vão tomar banho, enquanto outros partem. Mais um treino termina com o sentimento de missão cumprida no ar.

Ao finalizar minha participação naquele dia, tento estabelecer relações com a minha ansiedade antes do acompanhamento. Noto que talvez ela não tenha sido algo “interno”, produzido pelo meu “psiquismo”, mas sim, relacionada com o clima de *show* contido na própria academia. Nesse sentido, tal ansiedade pode ser exatamente o que as práticas ali presentes pretendiam gerar: imprevisibilidade, personagens famosos, rituais estereotipados. Aliás, eu estava diante de personagens famosos ou que viriam a ser, um dia.

#### 4.1.3 As práticas da Academia A e a versão de lutador ídolo

As práticas que envolvem um lutador-ídolo trazem a ideia de que estes são “mais que humanos”, já que podem suportar dores intensas sem melindres, executar golpes espetaculares, ganhar combates indefinidamente, além de possuir mulheres, poder, *status* e dinheiro. Os praticantes seriam aqueles que se identificam com a ideia de possuir superpoderes, de conseguir, por meio da luta, expressar a força e vigor que uma pessoa “convencional” não poderia ter, ainda que treinasse muito. Nesse sentido, o MMA seria uma modalidade

predominantemente vinculada com o espetáculo e direcionada para aqueles que, de algum modo, eram privilegiados em sua força e vigor.

**Visitante:** O MMA não é para qualquer um. Olhe para esses lutadores. Você acha mesmo que não são loucos (demonstrando intenso orgulho no olhar)? O cara tem que treinar duro e melhorar todos os dias, mas eles têm um dom e esse dom não se aprende. O cara já nasce assim, casca-grossa!

Academia A - Diário de Campo, janeiro de 2014.

O visitante em questão era um homem aparentando 40 anos, que havia sido lutador de Jiu-Jitsu e que estava proibido de lutar por recomendação médica. Às vezes visitava a Academia A para ver seu mestre Victor treinar. Gesticulava, vibrava, falava mal de alguém. Às vezes, dava-me a sensação de estar em um campeonato de futebol. Victor, que era o principal lutador e ídolo, parecia estar habituado com aquele tipo de assédio. Ouvia o que os visitantes tinham a dizer, consentia e, por vezes, emitia alguma opinião, sempre de modo desinteressado.

Victor não demonstrava se importar em chegar no horário correto dos treinamentos ou divulgar com antecedência sua agenda de preparação (que era feita por ele). Ele é quem decidia se iria ou não a algum treinamento. Ninguém o questionava, nem o treinador principal. Antes dos treinamentos pairava certa tensão no ar: “será que o mestre virá treinar hoje”? Victor parecia não se importar com isso. Certa vez, disse-me que sentia muito sono à tarde e que não se importava muito em passar do horário, pois apenas assim conseguiria treinar bem.

Quem é o humano que luta aqui? Temos nessa prática uma questão de agência que está sendo feita e distribuída (LAW; LIEN, 2013). Victor atuava nessas práticas e sua agência alcançava e inspirava outros atores (lutadores e fãs). Se Victor tinha essa liberdade de treinamento e de escolher sua agenda e se possuía, supostamente, fama, dinheiro e uma linda companheira, então, ajudava a inspirar o lutador como ídolo. Tal versão era feita, sustentada e refeita constantemente por diversos atores em outras práticas que se somavam entre si.

**Lutador Iury:** Sinto-me forte e poderoso quando estou aqui, quando luto. Vejo o olhar de admiração das pessoas e, não vou mentir, gosto disso. Quero ser lutador do UFC, ganhar dinheiro e fama. E por que não?

Academia A. - Diário de Campo, março de 2014.

Os demais lutadores que lá treinavam buscavam se envolver com outras práticas que possibilitassem ganhar fama, dinheiro, poder e *status* social. Iury era um jovem lutador que sonhava com o dia em que estaria nos Estados Unidos, lutando em um grande evento e ganhando muito dinheiro. Sempre se olhava no espelho demonstrando preocupação com a aparência. Não chegava atrasado e se mostrava impaciente com os atrasos da equipe, sobretudo do mestre Franco Vieira, que, em sua concepção, deveria “dar o exemplo”. Iury endossava ainda a vontade de não “perder tempo”, pois desejava muito ser um lutador de renome no MMA.

Em certa visita, Mestre Franco Vieira pediu, de modo inesperado e perante os lutadores, para eu conversar com os seus “meninos”, pois, segundo ele, estes andavam muito ansiosos. Não havia preparado nada e tampouco estudado o que poderia fazer ou falar. Reuni o grupo em um círculo para ouvir o que era essa “ansiedade” e, naquele momento, fui surpreendida por um lutador:

**Lutador:** Com todo respeito... Não quero ouvir nada. Jesus é o todo poderoso e sabe de tudo. Não preciso de psicólogo. Vou vencer. Vou ganhar. Jesus me dá essa certeza. Um dia estarei lá, brilhando e vou levar Jesus comigo! Me dá licença, por favor.

Academia A - Diário de Campo, abril de 2014.

A crença que se percebe no discurso desse lutador, assim como a certeza de que um dia ele estaria “lá brilhando” remeteram à versão de um lutador que deseja ser ídolo, e que, como uma estrela, brilhará. Interessante pensar que, quando o lutador “estiver lá”, levará Jesus consigo e não o contrário (Jesus, em um local privilegiado esperando pelo fiel que luta e se dedica). Tem-se aqui o lutador como centro das ações, ativo, servindo-se de Deus para conseguir suas vitórias e glória, e não servindo a Deus e se submetendo às Suas vontades. A fala aponta para uma passividade de Deus “ao aceitar” o comando do lutador.

A troca de conhecimento sobre a ansiedade, assim como o reconhecimento dos sentimentos e angústias, pareceu figurar como uma possível “fraqueza” do lutador. Ora, se ele é forte e “tem” Jesus, para que uma psicóloga? Tal crença estava no cotidiano desses lutadores, seja no discurso, ou nas inúmeras tatuagens que refletiam essa concepção.

Os treinamentos eram intensos e frequentemente acompanhados de gravações, em pequenos vídeos, para posterior publicação nas redes sociais.

- 1) Aqui só tem monstro!
- 2) Mais um treino de guerreiros!!!
- 3) Este treino foi digno de verdade e foi para os fortes! Esse vídeo ilustra nosso treino para nossos seguidores. Foi sinistro. Treino dos fortes para os fortes.
- 4) A dor passa, a glória fica.

Academia A. Extraído de postagens de atletas e treinadores no Facebook.

Fevereiro a maio de 2014.

Ser monstro, guerreiro e forte. Suportar a dor em treinamentos sinistros. Desde que direcione o lutador para a “glória”, todos os enfrentamentos de situações dolorosas ou adversas podem ser algo bom. A coreografia de um lutador-ídolo precisa ser sustentada, com esforço, disciplina e continuamente. Nesse sentido, as câmeras, as filmadoras e as redes sociais tornavam-se poderosos atores na distribuição e endosso dessa versão. Mas havia intensa dificuldade para sustentar essas versões, pois um ator performado não está no controle, e os resultados de suas ações são muitas vezes inesperados (MOL, 2002).

Quantos “curtir” no Facebook determinado vídeo havia conseguido? Será que o lutador ia atingir o peso exigido para o combate? E, se perdesse, como ficaria sua imagem? A imprevisibilidade dos efeitos dessas ações (postagem de fotos e vídeos) criava mais e mais atuações intensas para serem filmadas e fotografadas. E ainda assim não era possível obter qualquer controle.

O homem que luta é muito mais do que um atleta. Ele é parte de um grupo, de um coletivo de outros homens que desejam se aproximar da “glória”. Quando estão machucados, cansados e continuam a lutar, ajudam a sustentar a versão de lutador-ídolo, que tudo suporta. E quem eram os principais lutadores com quem convivi?

- a) Victor. Nasceu no interior de São Paulo e viveu em condição socioeconômica média. Cresceu ao lado da família. Iniciou nas artes marciais ainda na infância, pelo Jiu-Jitsu. Competiu muitas vezes e foi vencedor nesta arte marcial em diversos campeonatos. Começou a praticar MMA e passou a se dedicar também a esta modalidade.

Cursou por dois anos uma carreira universitária, mas, como não conseguia se dedicar e se manter atento às aulas, decidiu trancar a matrícula na faculdade e dedicar-se exclusivamente ao MMA.

- b) Iury. Filho de pais separados morava com o pai, avós paternos e irmãos em São Paulo, desde sua infância, em uma família de classe média-baixa. A mãe vivia em outra cidade e, periodicamente, vinha visitá-los. Iury havia sido militar concursado, mas decidira abandonar a carreira ainda jovem em busca do sonho de ser um lutador de MMA. Dizia gostar da vida militar e se orgulhar dela, assim como seus avós. Entretanto, ele queria mais. Sonhava em ser um ídolo de MMA e estava ansioso para que sua carreira deslanchasse.
- c) Marcelo Doido. Havia sido criado pela mãe junto com seus irmãos. Na academia era quem mais inspirava outros lutadores a criarem golpes, a arriscarem ações diferentes para dar “show” ao público, como gostava de dizer. Havia trancado a matrícula num curso universitário na área de exatas por desejar se dedicar exclusivamente ao MMA. Também era músico e tocava piano.
- d) Jaul. Tive pouco acesso a elementos de sua história de vida. Era casado com Fabiana com quem tivera 3 filhos. Completou o Ensino Médio e, desde muito cedo, se dedicava às artes marciais.

Esta é outra teia de relações: a história de vida dos atletas e suas realidades fora da academia pesquisada. É um importante ponto de articulação, pois a prática não necessariamente diz respeito apenas às coisas que estão presentes fisicamente em determinados momentos e locais. Outras coisas estavam lá, como a história de vida dos lutadores, que acabam por se conectar com outras práticas locais. Não se refere aqui a homens que escolheram lutar como uma das únicas possibilidades de viver e de se sustentar. Que não tiveram acesso à educação formal ou que viveram em situação de vulnerabilidade social. Eles não chegaram até ao MMA de modo passivo. Eles decidiram seguir e se dedicar a essa modalidade e, inspirados pela vontade de ganhar fama, dinheiro, poder e *status*, encontraram na Academia A práticas condizentes com suas buscas.

Outro relevante ator eram as substâncias ilegais, como os esteroides anabolizantes, cujo uso era entendido como algo que deveria ajudar o atleta em sua vitória e ação. Havia também uma valorização do corpo com os efeitos quase que imediatos e “milagrosos” que tais substâncias poderiam proporcionar. Todos pareciam usar e contar com o consentimento e aprovação do Mestre Franco Vieira.

Os profissionais de saúde, quando apareciam para atender a algum atleta (nutricionista, fisioterapeuta, médico), normalmente o faziam sem cobrar honorários. Eles trocavam favores com os atletas que os divulgavam nos torneios e nas redes sociais. Esses profissionais também endossavam o uso de substâncias ilegais, pois trabalhavam, sobretudo, pela vitória no curto espaço de tempo. Demonstravam pouca preocupação com os efeitos colaterais, apoiando o posicionamento do Mestre Franco Vieira.

**Lutador X<sup>61</sup>:** É normal se dopar, todo mundo usa. Quando subo para lutar sei que meu adversário também usou. Ele sabe que também estou usando. É assim.

**Juliana:** Mas e os exames *antidoping*? Não pegam?

**Lutador X:** Há dois tipos de exames. A maioria das ligas de MMA no Brasil apenas pede que você faça o exame em um laboratório e leve o resultado. Daí, pegamos o xixi de alguém que está “limpo” e colocamos para fazer o exame. Outras ligas são mais rigorosas, daí o Doutor passa a recomendação direitinho. Tomamos por um período e paramos por outro, daí desaparece no sangue. Ou o Doutor dá outra droga para uma anular o efeito da outra.

Academia A - Diário de Campo, abril de 2014.

Posicionado como um ídolo, um lutador tem que pagar o seu preço. Os laboratórios, os exames e as ligas são atores fundamentais nessa prática. Eles determinam se um atleta deverá usar mais alguma droga para camuflar os resultados ou se precisará pedir a urina de alguém que não tenha usado qualquer substância ilegal, para realizar o exame. E tudo isso tem um valor envolvido ou o preço de ter solicitado um favor a alguém. Pacto de silêncio. Esse é um assunto delicado sobre o qual muitos não se atrevem a falar.

As mulheres (namoradas e esposas) pareciam também pouco se importar com o uso de tais substâncias, desde que elas ajudassem o atleta em suas ações e

---

<sup>61</sup> Coloco como Lutador X para evitar a possibilidade de sua identificação.

os aproximassem das vitórias, além de obter os contratos com as principais ligas de MMA. Não que elas não se preocupassem com a saúde do companheiro, mas não conseguiam enxergar os malefícios decorrentes de seu uso. Os efeitos colaterais, ou ser pego no exame *antidoping*, pareciam estar distantes das suas realidades.

Os patrocinadores, por sua vez, tinham um posicionamento duplo: ou simplesmente não se preocupavam com o uso (ou não uso), ou endossavam e ajudavam a comprar as substâncias. Tudo parecia depender do tipo de patrocínio e do modo como o atleta se apresentava para divulgar a marca. Se se tratava de uma marca na qual o corpo do atleta deveria ser exibido, então, os músculos salientes e definidos eram exigidos, sendo, algumas vezes mais importantes, ou em patamar semelhante, do que as vitórias.

**Lutador Iury:** É impossível ter um corpo sarado, capa de revista, sem usar nada. Quem falar isso está mentindo! Eu treino oito horas todos os dias, treino duro, a senhora vê. E olha esse “pneu” aqui (mostrando a pele de seu abdômen).

Academia A - Diário de Campo, março de 2014.

Para outros patrocinadores pouco importava o corpo ou o rendimento do atleta, desde que sua marca estivesse em evidência e circulando em diferentes mídias. É evidente que, em caso de derrotas, o patrocinador podia oferecer o patrocínio para outro atleta que estivesse vencendo. E isso apavorava os lutadores. Ficar sem patrocinador significava ficar com menos dinheiro, como também sem o *status* de carregar a marca de alguém.

Mediante essas práticas, como fugir do uso das substâncias anabólicas? Os atletas que não as usavam, procuravam justificar, com um tom de pedido de desculpas, que não o faziam, porque não tinham dinheiro para comprar. Essa era uma prática em que o medo dos efeitos colaterais, do uso do anabolizante, não era permitido. Nesse sentido, treinador, patrocinadores, mulheres e profissionais de saúde, precisavam que os atletas colaborassem. Eles deveriam tomar o que fosse recomendado sem questionar. Deveriam ser dóceis. Um atleta-ídolo, “mais que humano”, não podia demonstrar dor ou melindres; ele suporta. Isso mudava a forma como os atletas eram performados nessa prática.

## 4.2 Academia B

A Academia B foi idealizada por um advogado criminalista e funcionava havia uns quatro anos, quando a conheci. Estava situada próxima a uma estação do metrô e era de fácil acesso à zona central de São Paulo. Quando iniciei as interações nesta academia, ela recebia atletas da academia A para determinados treinamentos, mas a colaboração foi interrompida após o desligamento do Mestre Franco Vieira da academia B.

Ela ocupava um andar em um prédio comercial. Na porta de entrada, não havia um letreiro que chamasse a atenção, apenas um adesivo contendo o nome da academia e um discreto direcionamento para que os alunos e visitantes apertassem a campainha correta para a abertura da pesada porta de ferro. Além do andar direcionado para a prática esportiva, havia parte de um andar que era a moradia de alguns atletas, chamada carinhosamente por eles de “mansão”.

A recepção era discreta e pequena. Nela, havia apenas um telefone, alguns panfletos, um pequeno *kit* de primeiros socorros e a imagem de uma santa católica. Em um mesmo espaço estava distribuído o Octógono, o tatame, os equipamentos de musculação, as bicicletas ergométricas, os banheiros e uma sala para uso do proprietário quando havia reuniões.

A academia era direcionada para atletas de alto rendimento em artes marciais, sobretudo o MMA. Não presenciei nenhuma aluna ou aluno voltado para atividades *fitness* ou procurando por este tipo de serviço. Na grade horária de aulas havia MMA, Muay Thai, Jiu-Jitsu, Boxe e Muay Thai feminino. Iniciava suas atividades às sete horas da manhã e encerrava por volta das 23h30. Não havia visitantes frequentes ou fãs interessados em se aproximar dos lutadores.

Os usuários da academia B professavam diversas religiões: evangélica, católica e espírita. Havia um convívio pacífico entre eles. Incentivados pelos líderes da academia, como será explicado a seguir, a Academia B lutava em favor das minorias.

#### 4.2.1 Os atores da academia B

Aqui versarei sobre os atores: patrocinadores, atletas visitantes, a “mansão”, as músicas que lá eram tocadas, os atletas que representavam a academia, o proprietário Hugo, a balança para pesagem, as namoradas e esposas dos lutadores, os acessórios para treinamento, a rede multiprofissional, o *Head Coach* Antonio, jornalistas, tatame, alunos da academia, o principal atleta Marcelo e anabolizantes.

Hugo, advogado criminalista com vasta experiência profissional, era chamado por todos de “Doutor”. O título social era utilizado como forma de respeito e gratidão por tudo o que ele fizera e continuava fazendo. Dr. Hugo acolhia atletas dedicados e talentosos que não tinham residência, família ou outra fonte de renda. Dizia que sabia ganhar dinheiro, mas que acabava gastando tudo, principalmente na Academia B, que era um dos seus *hobbies*. Sonhava em transformar a academia em uma referência em MMA no Brasil, poder ajudar mais pessoas a se dedicarem ao esporte e também custear sua vida com ela. Entre seus planos, estava o desejo de desenvolver não só ótimos atletas, mas também ótimas pessoas. Procurava criar na academia uma escola em que os lutadores pudessem complementar sua formação de base (já que a maioria não completara o Ensino Médio completo, sendo alguns analfabetos funcionais), aprender outro ofício e até estudar outro idioma. Por esta razão, buscava profissionais que tivessem uma ideologia semelhante para trabalhar ali. Era um apaixonado militante social que defendia as minorias oprimidas: lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT), pessoas com deficiência, mulheres, negros, migrantes e imigrantes. Oferecia aos lutadores que quisessem, espontaneamente, ajudá-lo na militância contra a homofobia, protetores bucais com as cores da bandeira LGBT.

**Figura 23.** Academia B e sua luta contra a homofobia



Fonte: Foto feita por Dr. Hugo

A foto da Figura 23 foi feita pelo próprio Dr. Hugo, atendendo ao meu pedido, para divulgação de sua militância nesta tese. Além dele, outros três atletas usavam o protetor. Sua inspiração e posicionamentos decorriam, segundo ele, de sua história de vida, já que havia passado pelos horrores da ditadura, além de ter casado pela terceira vez com a filha de um amigo (cerca de 20 anos mais jovem) e ter um filho homossexual (que ele temia sofrer agressões homofóbicas na Avenida Paulista). Morava próximo da academia, o que facilitava a gestão administrativa e a prática nos treinamentos de Jiu-Jitsu.

O *Head Coach* Antonio, também chamado de “Professor”, compartilhava dos ideais do Dr. Hugo. Cuidava dos atletas como se fossem seus filhos. Chamava-lhes duramente a atenção, quando algo não estava de acordo com a proposta da academia ou quando um atleta não seguia suas instruções de treinamento. Na mesma intensidade protegia seus liderados e era extremamente empático, sobretudo quando alguém precisava de ajuda. Como gostava de dizer, nas primeiras interações pessoais, fazia questão de ser bastante duro e “chato”, para assim, manter contato apenas com pessoas que realmente fossem “boas” e gostassem dele “do jeito que realmente era”. Era também visível sua obstinação e amor pelo trabalho. Certa vez, narrou que estava tão preocupado com uma estratégia para uma luta que acordou sua esposa no meio da madrugada para que

ela o ajudasse a simular a sequencia de golpes para um atleta em *camp*. E sua esposa o ajudou.

As namoradas e esposas circulavam pouco na academia durante os treinamentos. A exceção ficava com discreta Nina, esposa do Dr. Hugo que frequentemente fazia aulas de Muay Thai e preparação física antes ou depois dos treinamentos de MMA. Contudo, elas não costumavam assistir aos treinamentos e eram, de certo modo, desincentivadas a isso. Marcelo sempre me dizia: “aqui nós trabalhamos, Doutora, e precisamos ficar à vontade para isso. O que um bando de namoradas ia fazer assistindo aos treinamentos?”.

Nessa academia, dificilmente circulavam fãs ou curiosos de um modo geral. Havia um clima de seriedade no ar. Quando alguém ali chegava, normalmente vinha recomendado por algum atleta, profissional ou conhecido. Se, por algum motivo, Dr. Hugo, Antonio ou Marcelo entendesse que tal visitante não aderiria aos valores da Academia B, este não era incentivado a voltar. Os alunos não atletas dificilmente eram vistos assistindo aos treinamentos

Marcelo, junto com o Dr. Hugo, foi um dos fundadores da Academia B. Frisava todo o tempo que o MMA era seu trabalho e que fazia o possível para executá-lo corretamente. Por essa razão, não aceitava a falta de compromissos de sua equipe. Quando isso acontecia, se reunia com o Dr. Hugo e com o *Head Coach* para tomar decisões sobre os fatos, sobre os profissionais ou atletas. Era o principal lutador da academia, todavia se portava como se estivesse treinando pela primeira vez e dizia detestar bajulação. Sempre reiterava: “aqui todo mundo é igual”!

O clima de trabalho e foco levados a sério nas ações, por vezes dificultava quando algum jornalista solicitava uma reportagem. Mesmo reconhecendo que a exposição na mídia era importante para captar patrocínios e convites para lutas, para a maioria dos atletas, isso desviava o foco, criava uma ilusão e os fazia perder o tempo dos treinamentos.

Os atletas da Academia B podem ser categorizados em dois grupos. No primeiro, estavam aqueles que recebiam auxílio financeiro do Dr. Hugo, e, no outro, aqueles que conseguiam seu sustento por outros meios (dando aulas, em

combates ou em algum negócio próprio). Os que recebiam auxílio do Dr. Hugo, normalmente viviam em estado de vulnerabilidade social (sem residência, sem família e sem renda). Em troca, deveriam se dedicar aos treinamentos e fazer algo pela academia (limpar, atender alunos, cozinhar). Havia também a possibilidade de eles darem aulas para alunos não atletas, recebendo, assim, um valor maior de auxílio. Não raro, os lutadores que não recebiam auxílio do Dr. Hugo se sentiam melindrados e preteridos. Nesses casos, Antonio quase sempre intervinha em longas conversas, ora explicando os motivos, ora de modo duro (quando entendia ser uma indisciplina).

Normalmente, os atletas procuravam a academia de duas maneiras. Alguns vinham por indicação de algum professor, mestre ou *sensei* que, conhecendo o trabalho da academia B, entendia que lá era um bom local para o desenvolvimento de seu aluno. Neste caso, o professor, mestre ou *sensei*, entrava em contato com um dos líderes da academia (Antonio, Marcelo ou Dr. Hugo) e intercedia em favor do lutador indicado. Recebendo a aprovação, o atleta ia para a academia e iniciava seu treinamento. Em outros casos, era o atleta quem procurava pela academia, ou por meio do contato com outros lutadores do local, ou diretamente com os líderes. Nesse período, eles eram avaliados em termos técnicos (a luta em si) e, principalmente, em termos comportamentais (se ele se encaixaria nos princípios do grupo). O período para aceitação poderia ser longo (cerca de um ano), mas sua reprovação poderia ser rápida. No caso de reprovação por comportamentos inadequados (por exemplo: furtos, drogas, bebidas e mulheres na “Mansão”), a reprovação poderia se assemelhar a uma “expulsão”, obrigando o lutador a sair rapidamente da academia e sendo proibido de voltar.

Havia também atletas visitantes, que defendiam outras academias de MMA e que eventualmente treinavam na Academia B, com o objetivo de lutar com pessoas com quem não estavam habituados. Essas visitas eram autorizadas, pois contribuía igualmente para os lutadores internos. No entanto, também dependiam da aprovação dos líderes da academia, já que apenas aqueles que inspiravam confiança poderiam lá atuar.

A equipe multiprofissional era composta por profissionais de uma clínica de nutrição, e outra, de fisioterapia. Diferente de parte significativa das academias

de MMA no Brasil, onde os atletas procuram individualmente por esses tipos de atendimento, a Academia B procurava estabelecer parcerias para todos os atletas de alto rendimento, sem custos para eles. Com as duas parcerias, a academia se comprometia em divulgar os espaços e seu trabalho e, em contrapartida, as clínicas atendiam os atletas sem custo.

A “Mansão” era um anexo da academia no piso inferior e era a moradia transitória de alguns atletas (que voltavam para suas casas no final de semana) e permanente para outros. Ela contava com beliches, uma sala-cozinha com uma televisão tela plana (na qual os lutadores jogavam vídeo *game* e assistiam às lutas). Nessa sala havia também um sofá, uma mesa e acessórios de cozinha, uma pequena lavanderia e um banheiro.

O tatame possuía sacos de areia para treinamento de socos e chutes, dois pneus de trator e cordas (para treinamento de resistência). Na academia B não havia sauna, então, quando algum lutador precisava desidratar, era necessário se deslocar para outros espaços. Seguindo a organização da Academia A, a balança também era um ator temido, mas diferente do que lá acontecia, na Academia B, a balança era usada de modo frequente, independente de o atleta ter uma luta agendada ou estar em processo de desidratação.

O estilo musical predominante era o *Rap* nacional. As letras das músicas, que tinham como preocupação denunciar a vida dos jovens negros e pobres das periferias de São Paulo, como resultado do racismo que sustentava a violência e o crime, inspiravam os atletas. Racionais MC’s era o grupo mais ouvido no local.

Nessa academia, as substâncias ilegais também circulavam, ainda que de modo discreto e um tanto quanto temeroso. O desconhecimento dos efeitos das substâncias no corpo ao longo do tempo e o temor de ser pego nos exames *antidoping* eram os principais motivos apontados pelos lutadores para evitar o consumo. Ainda assim, o *Sherdog* estava lá para apontar os que estariam elegíveis a obter sucesso na carreira e, contando com o temor das derrotas, parte dos atletas acabava consumindo essas substâncias.

No momento da pesquisa, a Academia B estava buscando patrocinadores que aportassem capital (e não apenas parceiros, como as clínicas anteriormente

citadas). Marcelo e o Dr. Hugo se angustiavam com essa busca e tentavam abrir constantemente novas negociações.

#### 4.2.2 Um dia na Academia B

##### **Maio de 2014 – Acompanhamento de treinamento de MMA**

Como ocorria na Academia A, havia dias na semana previamente estipulados para o acompanhamento das rotinas. Havia dois meses que estava frequentando este local, por ocasião do que aqui será descrito. Ainda assim, foi curioso notar que sempre estava tranquila antes das interações, pois era como se já fizesse parte do local há tempos.

Como era usual, toco a campainha para que alguém destrave a pesada porta de ferro. Subo os dois andares de escada e cruzo com dois lutadores que me cumprimentam com a reverência tradicional das artes marciais de origem oriental: inclinação do tronco e, na fala, a expressão “Oss<sup>62</sup>”. Devolvo a reverência e vou até o segundo piso, onde está localizado o tatame.

Lá, os demais atletas me cumprimentam de modos diversos. Não há mulheres no espaço, e os lutadores falam de assuntos variados, enquanto se preparam para o treinamento. Marcelo estava entre eles, arrumando sua luva e caneleira. Ele estava próximo de uma luta fundamental para sua carreira e precisava vencer para poder ser contratado pelo UFC. Todos na academia sabiam disso e tentavam ajudá-lo de algum modo.

Sento-me dentro do tatame para acompanhar o treinamento, pois já havia recebido o consentimento da equipe para tal. Para isso, tiro os sapatos, deixo-os ao lado de um banco junto à minha bolsa e caminho discretamente pelo tatame. Levo apenas meu diário de pesquisa e uma caneta. Sento-me em um espaço que me parecia incomodar menos e estar mais protegido dos golpes. Durante o treinamento, alguns me olhavam discretamente, não como uma “Maria-Tatame”

---

<sup>62</sup> **Oss** (押忍) é uma expressão fonética polissêmica. O primeiro caractere "osu" significa "pressionar", e o segundo "shinobu" significa "suportar". A expressão significa, de modo geral, "perseverança sob pressão". Um bom praticante é aquele que cultiva o "sentido de *oss*". É também usada para expressões do dia a dia, como "sim", "por favor", "obrigado", "entendi", "desculpe-me" ou para cumprimentar alguém (LOWRY, 2011).

ou como uma jornalista, mas como alguém que poderia reforçá-los no treinamento.

A música ao fundo, o *rap* nacional, inspirava os atletas e dava ao local ar ainda mais sério. O *Head Coach* Antonio estava atento aos movimentos do grupo, e parecia não perder de vista os golpes incorretos ou posturas desatentas. Ele chamava a atenção do grupo com vigor. Naquele momento, Marcelo era o único que tinha luta agendada e, apesar de receber os cuidados do grupo, não era o único a receber instruções para melhoria de seus movimentos.

“É mais um dia de trabalho”, eles costumavam dizer. Talvez por isso, o pequeno espelho presente na sala não era muito consultado. Os celulares, máquinas fotográficas não eram usados. Eles estavam muito ocupados e preocupados com a assimilação do treinamento e com vontade de serem admitidos em uma liga importante de MMA. Frequentemente, se ouvia um “pofff”, que apontava que alguém havia derrubando o adversário no chão. Ou ainda o barulho dos corpos sendo pressionados pelas grades.

Apesar do clima ameno de maio, a umidade do ar estava baixa e dava a sensação de sufocamento, o que fazia com que o suor dos atletas fosse abundante. Por esse motivo, talvez, é que um lutador tenha excedido sua capacidade física, começado a sentir náuseas e a vomitar no tatame. Tal fato não parece ter surpreendido os demais que terminaram seus treinamentos, para só depois o atleta limpar o local.

Havia um ritual no encerramento do treino. Todos com os braços para cima caminhavam em forma circular e se cumprimentavam. Os braços para cima simbolizavam que eram vencedores e que as tarefas haviam sido cumpridas com êxito. Rostos felizes, risadas e algumas palmas sinalizaram que o treinamento havia acabado e que era hora de começar a “resenha”.

A resenha era o momento em que alguns lutadores sentavam ao fundo do tatame e começavam a conversar sobre os mais variados temas. Falavam de lutas, mulheres, política, eventos curiosos, redes sociais, entre outros. E, como era o momento deles, sempre preferia deixá-los à vontade, saindo do local. Quando me

despedia, tentava ser bastante discreta, acenava com as mãos, às vezes falava um “oss” e combinava minha próxima visita.

Por vezes, Marcelo vinha conversar comigo pós-treinamento. Falava de sua vida pessoal, dilemas e conquistas. Demonstrava poucos sinais do combatente intenso de minutos antes, durante o treinamento. Ele ia do sorriso farto ao choro intenso em instantes e me mostrava que, mesmo estando diante de uma liga importante de MMA, suas dificuldades e angústias eram semelhantes às dos demais lutadores. Nessas conversas, às vezes, eu comentava algo sobre algum golpe, tirava dúvidas ou pedia sugestões para a tese. Ele respondia minhas questões com detalhes, mas parecia gostar bem mais de conversar sobre temas fora do “mundo da luta”, como dizia.

#### 4.2.3 As práticas da Academia B e a versão do trabalhador que é atleta

As práticas da Academia B performavam o lutador, primordialmente, como um trabalhador, que ganhava a vida como atleta. Um trabalhador deveria cumprir suas tarefas, chegar no horário, ter foco em suas ações, ser eticamente correto com os demais atletas e com a equipe técnica. Deveria se orgulhar de sua equipe, levando o nome da academia aos eventos esportivos. Como trabalhador, estava suscetível a adoecimentos e necessitava de descanso e afastamentos, desde que comunicasse à equipe. Tratava-se de um trabalhador que esperava ganhar seu sustento e o de sua família com seu esforço e dedicação.

**Lutador Aurélio:** Estou aqui para trabalhar, Doutora. Aqui é meu ganha-pão. Os meninos, assim como eu, não estão aqui para brincar. Não tenho faculdade e nem vou ter, mas aqui eu aprendo na faculdade da vida. Sou feliz com meu trabalho. Não saberia viver sem isso. Além daqui, eu tenho um projetinho social que (sic) eu ensino luta. Tenho orgulho deles. Sinto que faço a diferença como profissional. Por isso, eu não atraso, faço tudo o que o Professor manda. Tento me superar todos os dias. Já tenho 30 anos e não posso perder tempo.

Academia B - Diário de Campo, outubro de 2014.

Tal visão é a do MMA no contexto da economia, pois, como se nota, os atletas eram trabalhadores.

**Guto:** Quando um atleta vai competir, antes de entrar no Octógono, não falamos boa luta, ou boa sorte, falamos “bom trabalho”. Aqui evitamos chamá-los de lutadores, preferimos chamá-los de atletas.

Academia B - Diário de Campo, dezembro de 2014.

Guto, irmão de Hugo, era um dos gestores da academia. Trouxe-nos nessa fala a versão do atleta como trabalhador, relatando o modo como a equipe os posicionava antes do combate. Não havia espaço para ideias como: “destrua seu adversário”; “você é mais homem que ele” ou; “lute até a morte”. O MMA era um trabalho. E o atleta, um profissional.

O MMA dessa academia também estava inserido no MMA como esporte, na medida em que reforçava que o atleta deveria manter o corpo treinado e a disciplina tanto na vida pessoal quanto na social. Ao posicionar o lutador como um atleta, tentava-se inculcar o controle contínuo das suas vidas, não apenas quando havia algum combate agendado.

**Hugo:** Se quer ser atleta tem que se doar por completo. Não dá para querer ser atleta e ir para a balada ou ficar bebendo. Não dá para ficar comendo batata frita e depois tentar como um louco perder peso.

Academia B - Diário de Campo, julho de 2014.

Em contrapartida ao engajamento exigido do atleta, a academia evitava agendar lutas nas ligas de MMA que apresentassem gestão duvidosa (lutas supostamente compradas, espetacularização excessiva, falta de pagamento posterior ao atleta, falta de qualquer controle de *doping* ou regras pouco claras). A equipe técnica deveria ter embasamento e experiência profissional para oferecer um trabalho coerente, ético e com qualidade aos atletas. A vitória era um indicador de qualidade do trabalho de toda a equipe, e a derrota, um indicador de que algo podia ser melhorado.

Um lutador performado como atleta necessitava de cuidados, atenção e estudos. O Professor Antônio endossava tal versão, dedicando-se intensamente quando alguém agendava uma luta. Ele estudava o adversário, criava estratégias e as colocava em ação nos treinamentos.

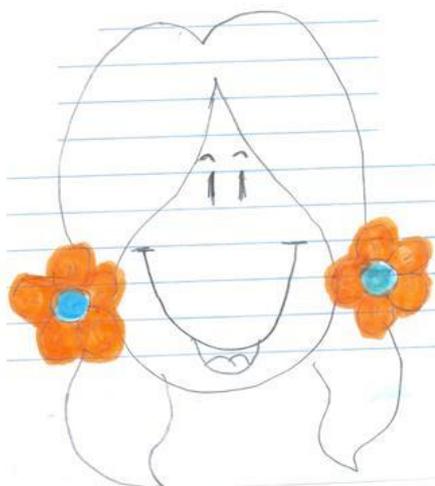
**Professor Antonio:** Antes de confirmar uma luta, sentamos o Dr. Hugo, Marcelo e eu para checarmos se é uma luta boa para nosso atleta. Se for, vamos estudar o adversário,

olhar seus pontos fortes e fracos e traçar uma estratégia para simular nos treinamentos. Sei que os meninos confiam em mim e me sinto responsável por eles.

Academia B - Diário de Campo, outubro de 2014.

Em uma fase de preparação de três atletas para lutar, fui solicitada a falar com eles sobre a ansiedade pré-luta. Reuni o grupo em círculo dentro do Octógono, depois de um intenso treino de Jiu-Jitsu no período da manhã, momentos antes do almoço. Nenhum atraso. Nenhuma brincadeira deslocada do assunto em questão. Olhos vidrados em mim queriam entender o que era a ansiedade e como controlá-la. Distribuí papéis, lápis de diversas cores e pedi que escrevessem o que era a ansiedade para eles, já que entendia que esta poderia ser diferente de atleta para atleta, de situação para situação. Enquanto falamos em grupo sobre isso, recebi um desenho como presente de um atleta.

**Figura 24.** Desenho feito por Alan durante a conversa em grupo



Alan tinha 20 anos e era um atleta morador da Academia. Sua mãe se prostituía para viver e o pai era um cliente frequente de seu trabalho. Alan nasceu prematuro, talvez porque a mãe, durante o período de gestação, não tenha conseguido abandonar o trabalho ou fazer uma vista ao médico. Viveu com a mãe até os dois anos de idade, quando ela teve um surto psicótico e foi levada a um manicômio, onde passou a morar. A partir desse momento, viveu com familiares diversos. Segundo ele, ninguém quis assumir sua guarda definitiva. Desde uns seis anos, passou a ser mão de obra na família, sendo responsável pela limpeza da casa, pela cozinha, trabalhando na roça e carregando caminhões. Foi campeão de

uma Olimpíada de matemática na escola pública em que estudava, sendo convidado para concorrer em outro concurso fora de seu estado. Em ocasião anterior a esta atividade de grupo, entre choro e soluços, dissera-me que aquele tinha sido um dos momentos mais tristes da vida, pois, durante a premiação, todos os demais alunos contavam com o estímulo e presença de familiares, menos ele. Abandonou a matemática e também a vontade de estudar, passando a se dedicar às artes marciais de origem oriental.

Na adolescência, começou a competir em eventos de artes marciais e, em seguida, começou a praticar MMA, por meio do qual conheceu a Academia B, pediu abrigo e acesso aos treinamentos. Fazia um ano que lá vivia e recebia o acolhimento do Dr. Hugo, amigos e a possibilidade de sonhar com uma profissão:

**Alan:** Eu quero ser um atleta profissional de MMA. É daqui que quero tirar meu dinheiro para conseguir ter uma casa, ter uma família e, principalmente...(choro). Quero sustentar minha mãe, Doutora. Quero tirá-la do manicômio. Isso aqui é meu trabalho, de onde tiro meu sustento e, se Deus quiser, vou conseguir vencer. Vejo uns meninos querendo fama, dinheiro, poder e mulheres. Eu quero poder ajudar minha mãe. Quero dar orgulho para ela. A senhora me ajuda, Doutora? Preciso muito estar com a cabeça boa para isso.

Academia B - Diário de Campo, agosto de 2014.

O desenho de Alan talvez endossasse seu pedido de ajuda. Era uma forma de retribuir minha escuta e meu interesse por sua história de vida. Chamou-me também atenção a colocação de Alan sobre outros atletas que buscam fama, dinheiro, poder e mulheres. Então, pergunto:

**Juliana:** Os meninos a que você se refere são atletas daqui? Que querem fama, dinheiro, poder e mulheres?

**Alan:** Daqui? Não! É o que a gente vê na TV e em outras academias que passei. Se alguém pensar assim aqui, o professor corta rapidinho. Não que os meninos não queiram ser famosos, ter carro, ter mulheres, mas é que isso não é o mais importante, sabe? Todo mundo tem uma história triste para contar, tem um motivo para lutar. Somos uma família aqui. Aqui é minha família.

Academia B - Diário de Campo, agosto de 2014.

Logo após essa conversa Alan competiu e ganhou a segunda luta de sua carreira. E quem eram os “meninos” aos quais Alan se referiu? Quem eram os trabalhadores-atletas?

- a) Marcelo: tinha pai, mãe e irmãos. Sua infância foi marcada por constantes agressões vindas do pai, o que gerou intensos conflitos entre eles em sua adolescência. Nessa fase, seus amigos estavam vinculados à criminalidade e, principalmente, ao tráfico de drogas. Começou a usar drogas e a colaborar com o crime. Em determinada ocasião, quando estava drogado, visitou um local de lutas e, gradativamente, começou a se envolver com o esporte e a se distanciar das drogas e da criminalidade. Ganhou destaque nas lutas e fez do MMA sua profissão. Era rigoroso com os demais atletas e não tolerava indisciplinas na Academia B, da qual era o atleta principal.
- b) Fernando: tinha pai, mãe e irmãos. Dois de seus irmãos estiveram envolvidos com o crime, e uma irmã continuava presa na ocasião desta pesquisa. Relacionou-se também com o tráfico e foi usuário de drogas. Desde cedo se considerava talentoso no esporte, tanto é que foi no MMA que conseguiu se distanciar da criminalidade. Sonhava em conseguir um contrato em uma liga de MMA de expressividade para conseguir se casar com sua noiva.
- c) Ogro: era filho de pais separados e tinha um irmão mais velho. Sua mãe vivia em uma comunidade de São Paulo, mas possuía transtornos psiquiátricos. Morava com o pai e a madrasta que, segundo ele, tentava sempre coagi-lo e colocá-lo contra o pai. Havia perdido, há cerca de dois anos, o irmão mais velho, vítima de câncer. Logo após esse fato, o pai descobriu também um câncer e estava em tratamento. Dedicava-se ao MMA com afinco. Dizia ser um “sobrevivente” e que não se via fazendo outra coisa. Para ele, o MMA era seu trabalho, e a Academia B, sua família.
- d) Aurélio: descobriu na adolescência não ser filho do marido de sua mãe. Sua mãe engravidou do amante e suportou viver com o marido por culpa e vergonha, segundo ele. Seu pai biológico e o seu pai de criação o renegavam, o que o entristecia e o fazia se sentir “inferior” a qualquer pessoa. Era divorciado e tinha um filho. Vivia com inúmeras dificuldades

financeiras e frustrava-se por não conseguir prover melhores condições ao filho. Lutava para continuar no MMA, pois já havia passado dos 30 anos e tinha dificuldade para agendar lutas. No entanto, recusava-se a seguir outra profissão, pois nutria um profundo orgulho de ser um profissional de MMA. Era disciplinado nos treinamentos, ajudava o grupo e demonstrava profunda admiração pelo professor.

Mais uma vez aqui explicitamos que as histórias de vida compõem as práticas presentes na academia. Elas não estão lá fisicamente e no mesmo tempo, mas estão vivas e atuando junto quando, por exemplo, um lutador esforça-se além de suas possibilidades, porque é por ali que precisa “vencer na vida”. Porque é ali que se reconhece como trabalhador, tem a possibilidade de sustentar sua família e se distanciar das drogas e do crime.

Um lutador é parte de um grupo que se articula em torno da possibilidade de vencer na vida, por meio do esporte. Vencer na vida não significa ser um ídolo ou milionário, mas garantir o seu sustento e o de sua família. Por isso, ser um atleta vinculado a uma liga importante de MMA é algo esperado e desejado, mas não o único caminho a seguir.

**Dr. Hugo:** É lógico que gostaria que cada atleta aqui se tornasse um profissional de êxito, mas eu sei que nem todos vão conseguir. Por isso, aqui eles têm a oportunidade de dar aula também. Meu sonho é colocar meu projeto completo da academia em andamento. Sonho em ter uma escola aqui, ensinando idiomas e coisas básicas, como português e matemática. Que eles possam também aprender outros ofícios. Gostaria de ajudar a muitos outros como o Alan.

Academia B - Diário de Campo, setembro de 2014.

Dr. Hugo partia do pressuposto de que alguns se tornariam atletas de alto rendimento, e outros, não. Inquietava-se assim com o que poderia fazer com os que não conseguissem. Aquele era seu grupo. E isso envolvia complexas relações de cuidado. No entanto, tal como postulado por Jonh Law e Annemarie Mol (2008), o cuidado nem sempre é sentimental e pode ser duro demais. Assim, as indisciplinas, os “estrelismos” (como era comum no linguajar local) ou comportamentos considerados fora da ética do grupo eram severamente punidos. Se alguma falta grave fosse constatada, normalmente culminava com a expulsão do atleta do grupo.

As intensas relações de cuidado estabelecidas entre todo o coletivo presente na Academia B refletiam também quando algum atleta estava em *camp*. Para que o competidor conseguisse perder o peso, outros seguiam parte da rotina de desidratação, como os duros exercícios realizados na sauna. Era frequente também a presença de todos no dia do evento, vestindo camisetas que carregavam o símbolo e nome da Academia B.

Eis o que os atletas dizem com relação ao envolvimento dos atores com a mídia:

**Marcelo:** Ontem um canal de televisão veio aqui na academia para gravar uma matéria. Chato prá caramba. Atrapalha o treinamento, tem que ficar pensando no que vai falar.

Academia B - Diário de Campo, setembro de 2014.

**Professor Antonio:** Vieram uns jornalistas aqui na semana passada (se referindo a uma reportagem diferente da citada acima). Ah, é importante para a academia mostrar seu nome e nosso trabalho, mas é muito chato. Eu não gosto e não me sinto à vontade.

Academia B - Diário de Campo, novembro de 2014.

Aqui, há um ponto crucial. Se, por um lado, é importante a presença de jornalistas e a exposição nas mídias, por outro, ela pode atrapalhar o foco principal: o aperfeiçoamento do atleta e o trabalho de todos os envolvidos. Quando outros atores entrarem em jogo, poderão trazer instabilidades, mudar as práticas que ali ocorrem e, conseqüentemente, as versões presentes.

#### 4.3 O ídolo e o trabalhador

Distanciamentos ideológicos refletidos no modo de posicionar os atletas, a mídia, as mulheres e o esporte. Seus espaços físicos e determinados elementos não humanos, como o protetor bucal LGBT (academia B) e a exibição de acessórios e imagens de Victor (academia A) também acentuavam as diferenças.

Uma academia de MMA não existe por si só e nem age sozinha. Suas ações se movem como um fluido em que a *performance* conta com imprevisibilidades, indeterminações e complexidades. Como nos dizem Jonh Law e Annemarie Mol (2008), coisas boas e más acontecem, estão misturadas e são ambivalentes.

Academia A e B interligavam treinamentos, balança, desidratação, substâncias ilegais, músicas e acessórios para os treinamentos, visando aproximar os competidores das vitórias, criando, assim, um “cartel” atrativo no *Sherdog*. Mas esse processo não visava apenas ao sucesso individual do atleta. Uma vitória contribuía para a exposição do nome da academia e alimentava todos os atores ali presentes. A vitória, assim como a derrota, poderia recrutar novos atores à academia, ou ainda, fazer abrir mão de alguns outros. Atletas, treinadores, patrocinadores, proprietários possuíam interdependência, ainda que tal associação ocorresse com doses de tensão.

Cada academia tinha seu funcionamento peculiar, seus atores, seus movimentos e sociabilidades. As versões ali presentes apontam diferenças, mas é importante salientar que não há uma hierarquia entre elas, uma melhor do que a outra. Essas versões só puderam ser conhecidas por meio da compreensão exaustiva das práticas que os fizeram serem ora “ídolo” ora “atleta”. Contudo, é fundamental dizer que esse exame de práticas sempre será parcial, pois não é possível examinar toda a complexidade presente nas ações. Como apontam Jonh Law e Annemarie Mol (2008): a realidade de um ator nunca é totalmente examinada, pois é como um objeto fractal, se você ampliar um fragmento notará uma imagem tão complexa como a primeira.

## Capítulo 5 – Os lutadores das fases de um *camp*

Acompanharemos aqui a preparação para uma luta agendada (treinamentos), a pré-luta que ocorre uma semana antes do evento, o dia do evento com as ações que envolveram o combate e o pós-luta. Serão expostas aqui as experiências que envolveram o lutador Marcelo, da Academia B, já que ele nos abriu as portas para que tal proximidade fosse possível.

### 5.1 A preparação. Os trabalhadores precarizados

**Marcelo:** Cada dia é uma luta. Cada dia sei que tenho que dar o meu melhor, porque isso aqui é meu trabalho. É daqui que tiro o sustento da minha família. Sei que, se bobear, o UFC não terá pena de mim. Olha quantos já foram demitidos. Por isso, não vacilo. Todo dia é dia de guerra.

**Juliana:** Pensei que você não fosse treinar hoje. Você havia me falado que estava com muita dor na mão.

**Marcelo:** E estou, Dra. Olha aqui (me mostra a mão inchada). Mas, se eu não treinar, sei que meu adversário está lá treinando e melhorando. No MMA não dá para ficar doente. Tem que treinar. Tem que trabalhar duro.

Academia B - Diário de Campo, outubro de 2014.

Como suportar o que não é suportável? Como tolerar um trabalho que implica o uso do corpo no limite da lesão, pelo medo da derrota ou pelo medo de ser demitido? Mas atletas são trabalhadores? Pierre Bourdieu (1983) e Lóïc Wacquant (WACQUANT, 2000, 2002) avançaram nessa problemática ao relacionarem a atividade esportiva com a geração de valor econômico e a exploração do trabalho, como em outras categorias profissionais.

No fim das contas, o boxe não passa de um “negócio capitalista” como qualquer outro e os empresários, como quaisquer bons empresários, estão só fazendo o seu trabalho quando ganham dinheiro a partir da labuta e do suor dos outros (WACQUANT, 2000, p. 140).

Tomando por base sua experiência de pesquisa com o boxe, Wacquant denuncia, dentre outras coisas, a invisibilidade desses trabalhadores perante diferentes atores, incluindo eles mesmos, o que os levam a consentirem em sua própria comercialização de modo degradante.

Para Christophe Dejours (2006), a degradação do trabalho, a precarização das relações, o medo de perder o emprego e o conseqüente risco da exclusão não clama necessariamente ação política. Um trabalhador invisibilizado não suscita a

indignação, cólera ou ação coletiva. Isso só poderá ocorrer quando “se estabelece uma associação entre a percepção de sofrimento alheio e a convicção que este sofrimento resulta em uma injustiça (DEJOURS, 2006, p. 19)”.

Ainda que Marcelo se reconheça como um trabalhador, assim como os demais lutadores da academia B, não conseguia militar contra a comercialização do seu corpo e sua vida. Sendo iniciante em uma organização poderosa, sua força e vigor deslocavam-se para suas ações. Reivindicar o *status* de trabalhador e suas benesses poderia fazê-lo perder o seu contrato, já que seu chefe não tolerava “indisciplinas” (AWI, 2012).

Como visibilizar o trabalho e o sofrimento desses atletas? Como mostrar para o público que eles não são tão cascas-grossas assim? Que eles são humanos que lutam, sentem dor e medo como um humano “normal”? Como desconstruir o mito do herói a que se refere Kátia Rúbio (2001), se isso é fundamental para que se vendam produtos esportivos (BOURDIEU, 1983)? Dilema posto.

Ainda assim, Marcelo trouxe uma fala reivindicatória. Ele era um trabalhador e se reconhecia como tal, trazendo sua força política também para as práticas da academia B. A versão de atleta como trabalhador era constantemente verbalizada por eles.

Essa fala de Marcelo foi recortada oito semanas antes de seu combate, quando ele havia conseguido um tempo considerado “ótimo” para seu treinamento. Aquele fora apenas mais um dia de trabalho para Marcelo. Mais um dia que ele conviveria com o medo da derrota, com o desejo da vitória, com as inúmeras dores no corpo, com as preocupações financeiras e com a contradição de que, em breve, entraria em um mundo de luxo e *glamour* na semana do combate.

Cumpre, ainda, mostrar aqui as práticas que performaram o lutador como trabalhador, e que circularam no *camp* de Marcelo.

#### Ato 1 – a “mansão”: o alojamento do trabalhador

Faltam oito semanas para o combate.

A “mansão”, como já explicado, era o local onde os lutadores moravam, se alimentavam e se socializavam. Era lá que Marcelo morava. Dormia em um pequeno quarto no qual havia apenas uma cama, uma cadeira de plástico, um ventilador e uma cortina para tampar o Sol pela manhã. A cortina era seu luxo, como gostava de dizer, já que odiava a claridade pela manhã. E lá habitava, com sua mala e algumas roupas.

A mansão ganhava ares de alojamento, semelhante a outras categorias profissionais que necessitam de estadia, por morarem distante de suas residências ou por precisarem permanecer próximo ao trabalho. Certamente não havia conforto nas instalações sanitárias, vestiários e refeitórios, como exige a Norma Regulamentadora 24 (BRASIL, 1993), mas isso parecia contar pouco. O que valia era estar próximo ao trabalho, concentrado e com foco para a luta.

Marcelo examina os vídeos de luta de seu adversário na sala da mansão. Chama Antônio, seu *Head Coach*, para discutir a estratégia da luta. Rapidamente outros lutadores entram na conversa e começam a colaborar com o que estão vendo. Parece uma reunião de trabalho. Uma sala, uma televisão ligada com um vídeo do adversário, planejamento estratégico do combate e dos treinamentos futuros. O clima é de seriedade. Uma recomendação equivocada poderia afetar a vitória de Marcelo e da academia B. As recomendações extrapolam as palavras, e alguns começam a simular ali mesmo golpes possíveis, quando alguém se dá conta de que já era hora do treinamento.

### Ato 2 – a lógica do rendimento e a produtividade no treinamento

No local do treinamento, as músicas dos Racionais MC’s, grupo de *rap* nacional, inspiravam os atletas. Dentre elas, compõe o ambiente a música “Periferia é periferia” que retrata a vida dos trabalhadores que são explorados:

(...) Porque o chefe da casa trabalha e nunca está  
 Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar  
 O trabalho ocupa todo o seu tempo  
 Hora extra é necessário pro alimento  
 Uns reais a mais no salário  
 Esmola de um patrão, cuzão milionário!  
 Ser escravo do dinheiro é isso, fulano  
 360 dias por ano, sem plano  
 Se a escravidão acabar pra você  
 Vai viver de quem? Vai viver de quê?

O sistema manipula sem ninguém saber  
 A lavagem cerebral te fez esquecer  
 Que andar com as próprias pernas não é difícil  
 Mais fácil se entregar, se omitir  
 Nas ruas áridas da selva  
 Eu já vi lágrimas demais, o bastante pra um filme de guerra (...)

“Marcelo faça isso, Marcelo faça aquilo”. “Já treinou a sequência de golpes X”? “Como se pode melhorar Y”? “Vamos Marcelo, você consegue”!

Marcelo obedecia a uma vida regrada e cerceada. “Pode isso, não pode aquilo”. As dúvidas eram esclarecidas com os especialistas (treinadores, médico, fisioterapeuta, nutricionista). Era ainda uma fase em que podia se permitir pequenas subversões, dentre elas, comer doce e pizza. Porém, baixar cerca de 20 quilos até o combate era uma das principais lutas para ele.

O treinamento revelava suas feições de dor, ao mesmo tempo em que tentava bancar que estava tudo certo, que era “apenas” uma lesão “normal”, que poderia ser domada. Ele precisava lutar. Apenas a partir da luta conseguiria ganhar um prêmio maior em dinheiro e custear sua vida. Como recém-contratado pelo UFC ele ganhava um valor mensal simbólico, equivalente a de um estagiário de uma corporação<sup>63</sup>.

“Marcelo é um cara muito comprometido. Seu treino rende muito, porque ele é muito focado” - disse-me o Dr. Hugo, a seis semanas do combate. Foco, disciplina, rendimento e comprometimento. Elementos que compõem o cotidiano de diversos outros trabalhadores.

A avaliação do desempenho também estava presente nos treinamentos, sobretudo quando o combate estava se aproximando. Quantos golpes foram deferidos em “X” intervalo de tempo, a melhoria na execução de um movimento e até se os olhos demonstravam vigor. “Veja, Doutora, ele nem pisca. Está focado!”- disse-me Antonio, a duas semanas da luta.

Após o treinamento, a avaliação se complexifica. Eles vão para um canto do tatame e trocam impressões sobre o rendimento. É o momento do *feedback*,

---

<sup>63</sup> Não detalharei o valor para garantia de sigilo.

que vai propor uma série de fatores que podem ajudar no combate. Entram no cenário novamente os vídeos. Nada parece ser suficiente. Sempre se pode fazer mais, mais, mais. Se a dor aparece, o fisioterapeuta *tem que* resolver. É um combate-trabalho e ninguém quer sair derrotado. Ninguém quer receber o rótulo de incompetente.

O peso começa a incomodar ainda mais. “Preciso perder peso e está muito difícil. Estou retendo líquidos”. A duas semanas do combate, Marcelo precisava perder cerca de 13 quilos. Será que dava? A balança estava lá, implacável, medindo as gramas “a mais”. Ela era uma juíza e ditava o que deveria ou não deveria ser feito.

A coreografia estava posta. Treino, pesagem. Mais treino e nova pesagem. Alimentação regrada, nova pesagem. Se havia suspeita de retenção de líquido, nova pesagem. O atleta-trabalhador precisava estar absolutamente de acordo com o exigido. Com os requisitos de sua função, nem mais, nem menos (que poderia gerar desvantagem).

Por isso, a alimentação era cuidada e seguia uma prescrição rigorosa, estipulada pelo nutricionista. As refeições eram feitas na mansão, no mesmo local que abrigava a sala, o vídeo, o sofá, a pia, o fogão e a geladeira. Era um refeitório/sala. Assim, Marcelo não precisava sair para se alimentar, poderia ficar ali para não perder a concentração, para que pudesse produzir mais nos treinamentos. Era necessário “respirar luta”, como gostavam de dizer.

### Ato 3 – O atleta-trabalhador envolvido por compromissos e reuniões

**Marcelo:** Receber a imprensa faz parte do trabalho, mas eu não gosto. Ficar dando sorrisinho, acho bobagem. Mas, se eu não fizer isso, meu chefe me mata.

Academia B - Diário de Campo, novembro de 2014.

Faz parte do trabalho, mas desvia a atenção, o foco, o treinamento. Ele precisa receber a imprensa, se posicionar, falar o que vem fazendo para se preparar. Para além do espetáculo, há aqui uma obrigatoriedade, um compromisso a ser cumprido. Os atletas tentam entender o papel da imprensa e promotores como um compromisso profissional que precisa ser bem executado. Contudo, os

atores presentes na Academia B entendem que é apenas uma pequena parte do trabalho de todos e que está evidenciado em Marcelo naquele momento.

O pessoal da imprensa chega à Academia com sua parafernália tecnológica. Cliques de fotos com poses, cumprimentos entusiasmados, sorrisos, cadernos com anotações do que seria perguntado. Todos esses elementos mesclados e um treinamento cancelado. Marcelo, Antonio e profissionais da imprensa entram no Octógono para gravar a entrevista. Os demais lutadores ficam ao lado, observando. Há um misto de curiosidade, admiração por Marcelo e impaciência, em virtude do cancelamento do treino.

A entrevista dura cerca de quarenta minutos, entre gravações, interrupções, risos, dúvidas sobre o que falar e consultas ao relógio.

A versão de ídolo fica em evidência com a presença da imprensa e, ainda que seja concebida pelos atores como parte das tarefas de um atleta, entra em choque com a versão do lutador como trabalhador. Talvez por isso, quando os elementos da imprensa deixam a Academia, quase que imediatamente os atores se organizam para começar o treinamento.

A presença de jornalistas e repórteres é um prenúncio de que o evento está se aproximando, e que a preparação estava chegando ao fim. Agora era hora do trabalhador se “transformar” em ídolo e de demonstrar seus “super- poderes”.

## 5.2 A semana da luta. Luz, câmera e ação, o **lutador-ídolo** vai atuar

A semana da luta é um momento muito especial. Paira um clima de tensão, de êxtase e dúvida. Fotos, vídeos, abraços apertados, elogios a todo instante. Havia também um cerceamento da vida do atleta: “nada de comer isso ou aquilo”, “já tomou o suplemento?”, “como está o peso?”, “está dormindo bem?”, “evite as mulheres nesse período, hein?”. Todos os que participaram de algum modo do *camp* pareciam contribuir com essas recomendações.

### Ato 1 – conexões com o ídolo

“Lá vem ele, lá vem ele!” - disse uma fã na recepção, ao ver um lutador que estava em evidência no UFC, que o chamaremos de Elias. Olhos vidrados,

jeito eufórico, transpirava admiração. “Como é a sua vida? É muito difícil ser um lutador de MMA?”. Ela insistia em perguntas e mais perguntas. Ele, embevecido, respondia à curiosidade da fã perante sua “condição de humano”. Mas ela não estava sozinha, vinha acompanhada de uma criança aparentando oito anos e uma senhora aparentando cinquenta. Todos extasiados com a presença daquele homem. Elas vieram do interior de SP, cerca de sete horas de viagem, para ver o ídolo.

**Criança:** Por que você não está no jogo de videogame do UFC? Você tinha que estar porque eu queria “jogar” com você.

**Elias** (ri e faz um carinho na cabeça da criança): Eu também gostaria de estar no jogo, mas não sei por que a organização não me escolheu. Quem sabe em uma próxima vez?

Recepção do hotel X - Diário de Campo, dezembro de 2014.

A criança, aparentando conforto com a resposta, desloca a conversa para outros temas.

Havia muitos seguranças na recepção, tanto os do hotel, quanto os do UFC, protegendo os hóspedes, os lutadores, a comissão técnica e a imprensa. Mas não parecia ser apenas essa a função dos seguranças. Eles davam *status*, *glamour* e endossavam a importância daquele local, quase que “sagrado”.

Fiquei na recepção por cerca de vinte minutos observando essa cena, até encontrar Marcelo e sua comissão técnica. Ao se aproximarem de mim, Marcelo foi interceptado por um homem jovem, pedindo para que desse um autógrafo em uma camiseta. Gentilmente, Marcelo autografou, tirou fotos, brincou com algum assunto trivial e se despediu do fã. Veio em minha direção, me cumprimentou e, quando ia começar a falar algo, uma promotora o interrompeu sem cerimônias, informando que ele deveria seguir a agenda programada. Marcelo teria uma série de compromissos e deveria cumprir todos, seguindo rigorosamente o roteiro.

Nesse momento, um jornalista invade a cena. Precisa que Marcelo dê uma entrevista. A câmera é ligada, o jornalista olha a aparência do lutador no espelho e pergunta a Marcelo se ele está pronto. O atleta-ídolo brinca com sua nova condição e fala que é feio e que não teria tempo de ficar bonito e deu o “ok” para começar. A entrevista foi curta, durou cerca de dez minutos, o “tempo suficiente”, disse o jornalista.

Enquanto essas cenas transcorriam, noto que os fãs que tiravam fotos e assediavam o lutador, de que falamos no início deste tópico, cumpriam o mesmo roteiro e êxtase com outro lutador que, igualmente, permitia que o assédio se desenrolasse.

### Ato 2 – a autoridade do ídolo

Durante a entrevista de Marcelo, Antonio se deslocou para a recepção do hotel para pedir uma cama extra no quarto, pois era necessário que o mesmo fosse triplo ao invés de duplo. A recepcionista anota os dados e diz que tal informação foi enviada pela organização do evento e que já não havia espaço ou camas disponíveis no local. Um impasse foi criado, já que o quarto deveria hospedar o lutador, seu *Head Coach* (Antonio) e seu técnico auxiliar (que era um profissional de outra academia). Ambos os técnicos moravam distante do evento e acompanhariam intensamente a semana de preparação final de Marcelo.

Terminada a entrevista com Marcelo, fui convidada para subir ao quarto com eles. Apesar da tensão e timidez, a naturalidade do convite aliada à confiança que estabelecemos fez tal visita ser mais amena. No ambiente, havia duas camas, uma com os objetos de Marcelo, e outra na qual estava dormindo o treinador externo (Sidnei). Antonio, então, informa a Marcelo que não conseguiu a cama extra. Imediatamente, Marcelo liga para o celular da organizadora do evento e faz a solicitação e, em menos de dez minutos, chega ao quarto a cama extra. Marcelo era o ator principal o que fazia com que sua fala tivesse muito mais autoridade do que a de Antonio. Seu pedido deveria ser acatado.

Eles dão risada da situação que acabava de acontecer. Para Antonio o hotel estava lotado, para Marcelo bastou uma ligação telefônica e esperar dez minutos. Eles brincam dizendo que é para o atleta pedir mais coisas, mais mimos, mais provas de sua condição de ídolo.

Com o barulho da instalação da cama, Sidnei acorda reclamando do ruído. Nesse momento, sou apresentada a ele, que me responde com um “oi” e diz que psicólogos são bons para receitar medicação “tarja preta”. Tento explicar a diferença entre psicologia e psiquiatria, mas ele prefere mudar de assunto e começa a falar das suas vitórias, conquistas, de como o MMA é fora do Brasil e

do assédio dos fãs. Sidnei parecia gostar de ocupar o lugar de alguém famoso e importante, já que ele era mundialmente reconhecido no mundo do MMA.

Marcelo organiza sua mochila e nos convida para seu treinamento, em um andar reservado no hotel para este fim.

### Ato 3 – o treinamento no hotel e o embate entre pesquisadora e promotora

Havia quatro salas de treinamento nas quais cerca de seis atletas não adversários poderiam treinar com suas equipes. A ideia era que eles se sentissem confortáveis para treinar e que não se cruzassem.

A sala era equipada com um tatame, uma balança, garrafas de água e muitas toalhas. Sentei-me no tatame e passei a observar o treinamento de Marcelo, procurando deixar a atenção livre para que fosse possível entender um pouco mais sobre aquelas práticas. Periodicamente, Marcelo e Antonio vinham em minha direção, faziam algum tipo de brincadeira e voltavam ao treinamento. Sidnei não falava comigo, preferia tomar água e descansar.

Entra na sala um atleta estrangeiro com seu treinador. Eles cumprimentam discretamente Marcelo, Antonio e Sidnei, passam diante de mim. Tento cumprimentá-los, mas eles não respondem. Marcelo, Antonio e Sidnei continuaram o treinamento sem se importar com a nova dupla presente. Continuam brincando, falando sério e falando comigo. Nesse momento, uma promotora do evento entra na sala, uma jovem com traços de modelo, branca, magra, cabelos loiros e jovem. Ela pergunta para Marcelo se o treinamento ainda demoraria, porque ele precisaria autografar alguns *banners*. Quem responde é Antonio, dizendo que precisariam de mais 30 minutos. Ela diz apenas “ok”, olha para mim com uma fisionomia séria e sai da sala. Cerca de cinco minutos depois desse primeiro contato, ela volta a entrar na sala, dessa vez com outro lutador e dois membros de sua comissão técnica. Ela olha para mim e diz com severidade: “você pode se retirar da sala”. Ruborizo-me, com a sensação de ter invadido o espaço. Como estava com a bolsa aberta, com o Diário aberto e algumas canetas destampadas, demorei alguns segundos para me organizar.

Marcelo percebe o ocorrido, interrompe seu treinamento e diz com firmeza: “aonde a senhora vai?”. Respondo: “vou aguardar lá no saguão, porque esta moça disse que não posso ficar aqui”. Ele olha para ela, com visível descontentamento e diz: “por que ela não pode ficar aqui? Ela é da minha equipe! Vai ficar aqui, sim”. Com certo embaraço, ela diz que alguns homens poderiam ficar nus ali e que não era “adequado para uma mulher”. Marcelo a ignora e diz que ninguém tinha de ficar pelado ali, pois se tratava de um espaço de treinamento. E reafirma que eu não sairia da sala, que era da sua equipe. A promotora diz, então, que não sabia que eu era da equipe técnica e que “tudo bem que eu ficasse ali, desde que não se importasse com os homens nus que ali aparecessem”. Quando a promotora deixou a sala, Sidnei retruca: “os organizadores são assim mesmo. Com certeza estão achando que você está “pegando alguém aqui”.

Sento-me novamente no tatame sem saber muito como agir e limito-me a anotar tudo o que havia acontecido no Diário de pesquisa. Marcelo volta a treinar e o incidente parece ter sido esquecido. Passados cerca de cinco minutos a promotora entra na sala com outro atleta estrangeiro que utilizaria a balança para checar o peso e que, segundo ela, poderia ficar nu. Pergunta-me então se eu não ficaria mais à vontade fora da sala e, com dose de ironia, “a não ser que você não se importe...” Falo que não veria problema em ficar, pois sendo integrante da equipe de MMA B há algum tempo, já havia vivido situações similares. Disse ainda que eu estava observando o treinamento de Marcelo e lembrei a ela que a balança estava localizada atrás de mim, ou seja, eu precisaria me virar para olhar. Ela concorda e eles vão para a balança. Como o grupo não conseguiu usar a balança, a promotora pediu a ajuda de Marcelo. Olho para o fundo da sala e noto que o atleta que supostamente ficaria nu estava usando um *short de lycra*, maior do que o que Marcelo usava no treinamento.

Estar sentada “docilmente” no tatame não foi suficiente para assegurar-me um lugar no treinamento. Possivelmente, fui posicionada como uma “Maria-tatame” ou como alguém que possuía um relacionamento amoroso com algum ator presente, como sugeriu Sidnei. Foi necessário o poder do atleta-ídolo ali presente para proteger e oferecer tutela. Novamente, o posicionamento e o desejo de Marcelo foram atendidos.

Após essa última interrupção, Antonio e Marcelo decidem encerrar o treinamento.

#### Ato 4 – os compromissos com a organização do evento

Acompanhamos dois compromissos do atleta com a organização do evento: os autógrafos nos cartazes e a filmagem do *highlights*.

Após o treinamento, fomos a uma sala para que Marcelo autografasse cento e trinta cartazes promocionais do evento. Nesse cartaz, todos os lutadores do *card* deveriam colocar suas assinaturas. Na sala, estavam três homens que trabalhavam animando o público e organizando o evento durante a pesagem e a luta, duas promotoras (dentre elas a que pediu que saísse da sala de treinamento), alguns membros de comissões técnicas e dois lutadores. O idioma predominante era o inglês.

Quando chegamos ao local, um atleta estava terminando de autografar, quando uma promotora disse a Marcelo:

**Promotora:** Nossa, ainda bem que você já veio. Agora vou ter que “caçar” os outros. É um saco ficar procurando por vocês! Mas eu já avisei a todos, se não assinar até hoje à tarde, vão ter que se entender com o chefe.

**Marcelo:** Eu sou legal, né? Já estou aqui! (brincando)

Sala de apoio do hotel X - Diário de Campo, dezembro de 2014.

Antes de começar a assinar, os cartazes foram “analisados” por Marcelo e Antônio: “Olha essa assinatura, professor!”; “Que rabisco é esse?”; “Olha esse aqui, ocupou um espaço enorme no cartaz. Quer ficar em evidência”.

Algumas fotos enquanto autografava. Sorrisos e “cliques”. Postagens no Facebook comentadas quase que instantaneamente. Assim foram autografados os cartazes, um a um.

Fiz também o acompanhamento da gravação dos *highlights*. Estas são gravações curtas que são exibidas na TV, entre uma luta e outra. Antes de o lutador entrar no Octógono para a luta, mostra-se um vídeo simulando um combate (fazendo sombra), normalmente com fisionomia séria e focada. Logo depois, exhibe-se o vídeo do adversário para que, em seguida, ele também entre no local na luta.

Chegamos pontualmente na sala do hotel destinada à gravação. Havia uma escala previamente estabelecida, indicando quem deveria gravar em determinado. Quase que imediatamente, ao entrar nesse espaço, um assistente tirou as medidas do corpo de Marcelo: altura, envergadura, cintura.

Enquanto Marcelo tirava as medidas e trocava de roupa, noto que Elias estava sendo filmado naquele momento. Havia quatro trabalhadores cuidando da filmagem: dois câmeras, um assistente e um responsável por cuidar da aparência do atleta. Um câmera solicita que o lutador faça mais “cara de mau” e se empolgue mais na filmagem. Para ele, a gravação estava sem “energia”. Eles repetem a gravação, com aparente contragosto de Elias. Novamente o assistente entra em cena, joga água no corpo do atleta para dar a impressão de suor. Novo pedido de empolgação. Elias não parecia estar satisfeito com aquilo.

Eles finalizam a filmagem e Marcelo entra em cena. O assistente também joga água no corpo de Marcelo, que devolve com um sorriso e aproveita para falar que aparecerá muito “mau” na filmagem. Ele brinca com a situação, fala que não passará maquiagem e que sairá “muito bonito”. Marcelo segue as recomendações e a gravação dura cerca de dez minutos. Ele recebe elogios da equipe.

Terminada a filmagem, descemos novamente à recepção do hotel, pois Antonio e Marcelo iriam a uma sauna para intensificar a desidratação. Vemos que lá estava Elias junto aos fãs. Feliz, brincava, dava autógrafa e entrevistas.

**Antônio:** Olha que estranho, Doutora! Aqui ele está feliz! Lá na filmagem fazendo corpo mole... Lá era trabalho, né? Deixa ele curtindo aí, na luta não dará para fugir!

Recepção do hotel X - Diário de Campo, dezembro de 2014.

### 5.3 Os **sobreviventes** da preparação. A pesagem

As lutas estavam se aproximando e os lutadores estavam visivelmente exaustos. O cerceamento chegava ao limite do suportável e muitos demonstravam já não aguentar perder mais peso, ouvir recomendações ou seguir uma rotina mais do que rigorosa. Por isso, muitos deles preferiam ficar longe de suas famílias nesse momento, já que o “mau humor” era a tônica. Marcelo estava visivelmente abatido, olhos fundos lhe davam a aparência de doente. Já não sorria e, quando

brincava, o fazia de modo forçado. Já era mais de meio-dia e fazia mais de doze horas que ele não se alimentava ou ingeria líquidos. O relógio com seu “tique-taque” se tornava insuportável. Ainda faltavam cerca de quatro horas para a pesagem. Na recepção do hotel, o movimento de jornalistas, fãs e trabalhadores do evento era intenso, mas os lutadores, em sua maioria, estavam refugiados nos seus quartos ou ainda tentando tirar ainda mais os líquidos do corpo para atingir determinado peso.

De acordo com Antonio, Marcelo havia feito sua “lição de casa” e já estava no peso correto da categoria, precisava agora apenas aguentar até a pesagem. Para que isso fosse possível, Marcelo vinha, ao longo de seu *camp*, perdendo gradativamente peso e seguindo sua dieta. Na semana da luta, já no hotel, fazia treinamentos aeróbicos intensos, vestido com pesadas capas de chuva e ingerindo o mínimo possível de líquidos.

Na sauna, do mesmo modo. Na fala de Antonio, Marcelo havia simulado cinco *rounds* de cinco minutos cada, vestido com uma capa de chuva para conseguir extrair os líquidos do corpo. Para evitar que o líquido voltasse pelos seus poros, seu *Head Coach* raspava sua pele com um cartão magnético. Havia um entra e sai da sauna. Treina, sua, raspa. Muitos passam mal, vomitam, têm tonturas, desmaiam. Marcelo havia conseguido mais uma vez suportar esse processo.

### Ato 1 – os fãs

Lá estavam eles novamente: os fãs. Podia vê-los no hotel e seus arredores, no local do evento e suas imediações, assim como dentro do ginásio, desde que os portões haviam sido abertos.

No hotel, a segurança havia sido reforçada. Os profissionais acompanhavam os lutadores e suas equipes até o ônibus que levaria os astros até o local da pesagem.

Os fãs estavam em êxtase. Eram homens, mulheres, crianças e idosos. Um “clique, clique” das máquinas fotográficas sem parar. *Selfies*, braços levantados para simular músculos ou um golpe de boxe compunham as poses mais comuns.

Havia também gritos de êxtase; “Lindo, lindo”; “já ganhou”; “arrebenta a cara dele!”; “passa por cima”, eram os mais comuns.

Os lutadores passavam por eles sem demonstrar tanta empolgação. Queriam mesmo pesar, comer e tomar água.

Os arredores do local da luta estavam repletos de cartazes e placas indicativas de trânsito. Vendedores ambulantes comercializavam variados objetos: garrafas de água, camisetas, faixas, bonés e comida.

### Ato 2 - o espetáculo da pesagem

Na plateia, no dia da pesagem, os fãs se misturavam aos membros das academias de MMA que apresentariam seus lutadores no evento. Em geral, eram homens e mulheres jovens, mas também compunham a cena crianças e idosos. O palco onde se daria a pesagem possuía um telão, a temida balança, as *ring girls*, os animadores (que conhecemos durante os autógrafos nos cartazes) e seguranças. Muitos seguranças.

O evento foi iniciado com uma apresentadora famosa no MMA entrevistando dois lutadores em evidência no UFC, um atleta nacional, e outro, estrangeiro. A plateia poderia lhes fazer perguntas, o que fez com que uma fila se formasse rapidamente em torno do microfone fixo para esse fim.

Algumas perguntas estavam repletas de admiração e emoção. Outras mais técnicas, sobre determinado golpe ou situação de combate. Havia também a curiosidade para saber o valor da remuneração (bolsas) que os lutadores recebiam. Duas perguntas apelaram para a rivalidade que a organização criou em torno de dois atletas, o que os fãs pareciam fomentar com suas questões. Alguém perguntou sobre o que chamou de “rotina de sacrifícios”, que o lutador respondeu com detalhes de seu “sacrifício diário”. Nesse momento, algo distrai a plateia: um ícone do MMA estava dando autógrafos e quase metade dos presentes desceu da arquibancada para tentar uma foto e conseguir uma assinatura do ídolo.

Parecia tudo pensado para aumentar a adrenalina do evento. As entrevistas se encerraram e alguns vídeos com cenas emocionantes foram exibidos no telão.

O locutor, com uma voz grave e rouca, abriu o início da pesagem de modo impactante. Sua voz invadiu o ambiente e os corpos ali presentes, fazendo o coração bater mais forte. A adrenalina estava ali!

A plateia mantinha os olhos vidrados, parecendo a final de um importante campeonato. Eram gritos, suspiros (incluindo de homens), assobios e palmas. Tudo o que pudesse fazer barulho.

O locutor chama os atletas da primeira luta. Eles sobem no espaço, um a um, tiram suas roupas e ficam de sunga/calção. Fazem pose quando sobem na balança e tiram muitas fotos. A hora da “encarada” é ansiosamente esperada. Os atletas se olham levantando os braços na altura do rosto em uma posição chamada de “guarda” e tentam intimidar o adversário. Depois de alguns instantes nessa posição, eles são separados por um responsável do evento. Imediatamente buscam seus treinadores para se reidratarem. Estão sedentos, exaustos e eufóricos.

E assim segue a pesagem, com os atletas passando pelo mesmo ritual. Um deles não atinge o peso necessário para sua categoria; ele é advertido e precisará, em uma hora, perder mais 450g. A organização é implacável, e a fisionomia de desânimo do atleta é evidente.

Marcelo cumpriu seu protocolo. Atingiu o peso, fez a encarada, tirou fotos e bebeu sedento o líquido oferecido por Antonio. Estava irreconhecível. Magro, abatido, com os olhos fundos, seu corpo denunciava os maus-tratos dos últimos meses e, sobretudo, da última semana.

### Ato 3 – a reidratação

Eles voltam imediatamente para os seus quartos do hotel para se reidratarem e comerem. Vão passar longas horas tomando soro na veia, que pode chegar até dois litros. Quem punciona a veia pode ser um profissional de enfermagem solicitado diretamente pela academia, ou qualquer outra pessoa sem uma qualificação técnica, que se disponha a fazê-lo.

A coreografia da reidratação está orquestrada. “Já ganhei a primeira luta”, disse-me Marcelo ao apontar sua sobrevivência, o que entendi ser um processo mais penoso do que lutar. Agora ele repousaria no hotel, receberia a reidratação

intravenosa e poderia se alimentar à vontade. Valia tudo, de guloseimas a massas. O importante era se recuperar do estresse da pesagem e se concentrar para a luta.

No quarto de Marcelo, compunha a cena alguns familiares e lutadores da Academia B, além da comissão técnica. Apesar de aparentemente mais disposto, Marcelo trazia estampado no rosto o cansaço. Embora os mimos recebidos pelos presentes fossem importantes, ele parecia querer ficar só, dormir e comer. Mas ele precisava suportar um pouco mais; aliás, as pessoas estavam ali para lhe dar “forças”.

#### 5.4 “Hoje é dia de guerra”. O **casca-grossa** e o combate

A espera chega ao fim. Hoje será o dia em que se separarão os “homens dos meninos”, como diz Rhoades Lima, principal narrador de MMA daquele momento. A derrota significa fraqueza, infantilidade, incompetência e o ser “menos homem” do que o adversário. O oposto do casca-grossa é aquele que se submete, passivo, que tem medo, que se desespera. Por isso, o dia da luta é o momento de mostrar toda a masculinidade possível. Não há espaço para a dor e o receio. A vitória, a força e a necessidade de “lutar até a morte” estavam no discurso de todos os atores.

Como não foi possível acompanhar o evento da plateia ou dos bastidores, assisti o combate pela TV, via Canal Combate (*pay-per-view*) e também conectada às redes sociais. Recebi algumas mensagens do professor Antonio sobre as situações que estavam enfrentando nos bastidores, mensagens que se conectavam em torno do mesmo tema: a ansiedade.

##### Ato 1 – o aquecimento

Os preparatórios para a luta são documentários, reportagens, programas envolvendo comentaristas esportivos. Neste último, falava-se que o evento do dia seria o “principal do ano”. Chamou atenção também uma reportagem feita com um fã que estava na fila para entrada no evento. O entrevistado era um homem jovem, franzino, que usava óculos. Quando a repórter perguntou sobre o que esperava para aquele *card*, o homem se transformou. Fez uma careta de monstro, mostrou a língua, virou os olhos, fez força para demonstrar seus ínfimos músculos

e disse apenas um “yéééé!”. Os comentaristas deram fartas risadas endossando que aquele evento seria apenas para os cascas-grossas.

Os comerciais que são exibidos reforçam a versão do atleta como casca-grossa. Eles apresentam a força, o vigor, o poder. Não há espaço para a ansiedade e o receio. Dentre esses comerciais, um em particular nos chamou atenção. Tratava-se de uma vinheta de divulgação para a luta que marcaria o retorno do lutador Anderson Silva, em que havia a doçura de uma voz feminina infantil, cantando a música “Dona Aranha”. Aranha era o apelido deste lutador, que estava programando sua luta de retorno após uma fratura exposta severa que havia acontecido em um combate pelo UFC. A primeira parte da música mostra a lesão e o sofrimento do atleta em câmera lenta. A segunda parte, seu retorno.

A dona aranha  
Subiu pela parede  
Veio a chuva forte  
E a derrubou

Já passou a chuva  
O sol já vem surgindo  
E a dona aranha  
Continua a subir<sup>64</sup>

Algumas imagens nesse comercial sugerem um vínculo indireto com o filme de terror “O chamado”, demonstrando que a Aranha (o lutador Anderson Silva) estava voltando e que, certamente, seria o pesadelo do adversário.

Mostra-se, na sequência, a chegada dos lutadores e suas equipes ao evento. Não há mulheres na comissão técnica, apenas organizadoras do UFC. Os atletas para uma sala em que é possível trocar de roupa, colocar as bandanas nas mãos, iniciar o alongamento e aquecimento. Há duas salas, uma para quem ficará no corner azul, e outra, para quem ficará no corner vermelho. Nesse espaço, há também uma televisão, para que eles possam acompanhar as lutas anteriores. Alguns lutadores estão sérios e concentrados, outros escutam músicas e demonstram descontração.

---

<sup>64</sup> Trata-se de uma cantiga infantil tradicional em língua inglesa, que possui diferentes versões.

Há fotógrafos, profissionais de filmagem, seguranças, médicos, *cutman*, fiscais.

### Ato 2 – e as luta começam

Como na pesagem, o *card* parece ser pensado cuidadosamente para aumentar a adrenalina de todos. Há intenso jogo de luzes e músicas.

A primeira luta é anunciada. O *highlight* do lutador é exibido e, logo após, a música escolhida por ele começa a tocar. Atleta e comissão técnica entram por uma passarela, com os torcedores ao redor. Há gritos, alguns de xingamentos e outros, de incentivo. Muitos tentam tocar o atleta, pegar seu boné ou algum objeto que esteja portando. Ele chega até o *cutman*, recebe vaselina no rosto e é fiscalizado para que não tenha óleo sobre o corpo, esteja com a coquilha e protetor bucal. O atleta se abraça à equipe, sobe no Octógono e faz algum gesto supersticioso. Nessa mesma sequência, entra o adversário. O juiz do combate é anunciado pelo apresentador. Ele reúne os atletas, pergunta se eles conhecem as regras e se estão prontos. Pede para tocar as luvas em sinal de “jogo limpo” e dá início ao combate.

O agitado *round* não tem um vencedor claro, apesar de a luta ter sido bastante movimentada e com muitos golpes. O som de “gongo” marca o início do intervalo técnico. A comissão técnica de cada atleta entra no Octógono, levando um banquinho para que ele possa se sentar, além de água para a hidratação e gelo para as lesões. Os treinadores fazem massagem no lutador, dão o *feedback* do *round* e as instruções para o próximo tempo.

A cena se repete por três *rounds*, com os atletas mostrando progressivas lesões e sangue pelo corpo. Eles não podem titubear; lutaram muito para chegar até aquele momento e precisam demonstrar força e vigor. Durante o combate, em determinados momentos, um lutador parece que será nocauteado; em outros, que seu oponente será finalizado. E eles vão assim, trocando golpes contundentes até o gongo final.

Ambos levantam as mãos como se fossem os vencedores da luta, abraçam suas equipes e aguardam a decisão dos jurados. O atleta que tem sua mão

levantada em sinal de vitória cai no chão, chora copiosamente e se abraça à comissão técnica. Um repórter sobe ao Octógono para entrevistar o vencedor. O lutador responde duas perguntas tentando dar a impressão de que ele está bem e forte (mesmo estando com inúmeros hematomas e sangue pelo corpo). Ele é um casca-grossa vencedor!

As lutas vão transcorrendo desse modo. Umás terminam rapidamente, enquanto outras se estendem até o final do terceiro *round*. Algumas levam o público ao êxtase, outras recebem vaias por estarem demasiadamente técnicas.

Marcelo entra no Octógono ao som de um *rap* nacional, parecendo estar hipnotizado pelo momento. Ele segue todo o ritual do combate: entrada, fiscalização do corpo, abraços na equipe, entrada no Octógono, oração. Seu adversário faz o mesmo. E logo a luta começa.

Foram trinta segundos estudando os golpes do adversário, trinta segundos em ataques iniciais e, em mais trinta segundos, lá estava seu oponente... Com o corpo estendido e nocauteado no chão. Nenhuma lesão, nenhum sangue pelo corpo.

A torcida o ovacionou. “Monstro”; “Atropelou o cara”; “Casca-grossa”, foram apenas alguns dos adjetivos.

O locutor do Canal Combate igualmente correspondeu aos gritos da torcida, afirmando que Marcelo tinha um futuro brilhante no UFC. Que era “um cara duro”, “focado” e que não “baixava a cabeça para oponente nenhum”.

### 5.5 O pós-luta. O “humano” pede passagem

A luta chega ao fim com o sabor doce da vitória. É hora de voltar para casa. “Trabalho cumprido. Obrigado por tudo, Doutora.” Foi assim que Marcelo se comunicou comigo, por Whatsapp, horas depois de sua vitória.

#### Ato 1 – a volta para casa

As primeiras comemorações foram feitas no Octógono e depois nos bastidores, com a equipe e com os inúmeros jornalistas e trabalhadores que por ali

transitavam. O corpo exausto marcava o fim de um ciclo exitoso e abria caminho para outras lutas e oportunidades (patrocínios, entrevistas). Lágrimas e uma respiração aliviada e profunda. Mas, depois das práticas que o performaram como um trabalhador precarizado, como um astro que inspirava pessoas e se tornava um super-herói para fãs e mídia, ou ainda o casca-grossa que tudo deveria suportar durante o combate, “restou” à volta a sua condição de humano comum.

Depois do combate, Marcelo, exausto pelos meses intensos vividos, voltou para sua casa no interior de São Paulo. Ele pediu permissão à organização do evento, deu mais algumas entrevistas, e foi autorizado a voltar para casa. Foi até o estacionamento, pegou o carro e voltou dirigindo sozinho. Nenhum pedido de autógrafo, nenhuma câmera ligada, nenhuma foto. Apenas ele, seu carro, a rua e o sentimento de “missão cumprida”. Fora dos limites do espetáculo, ou distante dos fãs e admiradores de MMA, o atleta voltava a ser um “humano comum”.

### Ato 2 – o churrasco de confraternização

Professores, lutadores, patrocinadores, familiares estavam no churrasco de confraternização, organizado pelo Professor Antonio. O evento foi realizado em sua chácara no interior paulista e transcorria em um clima de amizade e descontração.

Lá havia pouca oferta de bebidas alcoólicas, e as poucas que havia eram consumidas apenas por não atletas. Brincadeiras, expectativas e sonhos estavam ali presentes. “Em 2015 vou fazer X e Y”; “Quem será que vai casar?”; “Quem vai conseguir um contrato melhor?”; “Acho que o fulano vai começar finalmente a namorar?”; A Academia B será uma referência em MMA!”

Enquanto muitos comiam e papeavam, outros jogavam cartas, pebolim, vídeo-game ou passeavam pelo local. Os assuntos em torno do MMA cediam espaço para as trivialidades do cotidiano. Os lutadores performados nessa prática eram pessoas. Com todas as contradições, coerências e incoerências que humanos possam ter e ser.

Havia uma expectativa no ar com a chegada de Marcelo. Muitos ali presentes não tinham tido a oportunidade de conversar com ele após a luta. Eles

queriam vê-lo e saber como foram suas percepções do combate. Ele chega fazendo bagunça, vestido com um calção e uma camiseta sem qualquer caracterização de MMA. Há olhares admirados e são feitas algumas perguntas sobre a luta. Ele desvia o foco da conversa e reivindica poder descansar, falar bobagem e ser “apenas ele”.

**Marcelo:** Galera, galera, sou apenas eu, o Marcelo! Eu não mudei, só ganhei uma luta. Aliás, nós ganhamos. Vamos comer e falar besteira que hoje é dia de folga!

Churrasco de confraternização. Chácara no Interior de SP. Dezembro de 2014.

Ele era outro nesse churrasco. Não se assemelhava ao lutador de dias atrás em um espetáculo de combate. Ele era agora um “humano comum”, falando para outros “humanos” sobre trivialidades do dia a dia. E eles ficaram lá conversando, brincando e falando “bobagens” por toda a tarde e noite.

### 5.6 O lutador múltiplo

Este capítulo apresentou diferentes práticas que me foram autorizadas a conhecer e delas participar, nas quais se localizaram algumas versões de lutadores de MMA: os trabalhadores precarizados (na prática do treinamento), os sobreviventes (na prática da pesagem), o casca-grossa (no dia da luta) e os “humanos-comuns” (no pós-luta). São diferentes versões de lutadores, mas, tal como explorado no capítulo 3, ao se falar sobre o MMA, essas versões podem se alinhar, colaborar e se chocarem. Foram apresentados aqui lutadores múltiplos, mais do que um e menos do que muitos.

Neste estudo, também se pode encontrar a “caixanegrização” com a tentativa de união das versões, transformando a multiplicidade em algo estabilizado e singular. A lógica nesses casos é transformar a multiplicidade em singularidade e redução, trazendo apenas uma ou outra versão possível (e normalmente hegemônica) de lutadores, normalmente as que os posicionam como “casca-grossa” e “super-macho”. Alinhado à “caixanegrização”, o rótulo, ser um “lutador de MMA”, também pode estabilizar a multiplicidade de versões, transformando-as em algo aparentemente coerente, singular e ordenado, já que une todos aqueles que praticam a modalidade.

E como versões distintas, que se reúnem em torno do mesmo nome (lutador de MMA), podem coexistir? Novamente aqui abordarei sobre a distribuição, inclusão e adição para tratar dessa complexidade.

A distribuição nos mostra que a circulação das versões ocorre em locais específicos e momentos determinados, dando ares de “pacificação” entre as versões, desde que uma não tente ocupar o lugar da outra. Assim, temos o lutador performado no treinamento como trabalhador precarizado, como “ídolo” que recebe tratamento *glamoroso* e é assediado pelos fãs e mídia, como sobrevivente que, após passar por intenso processo de treinamento e de desidratação, beira os limites da vida, como o “casca-grossa” que precisa superar os medos e dores para lutar, e como “humano-comum”, que pode falar assuntos despreziosos, ficar distante dos *flashes* e se alimentar com uma comida não controlada pelo nutricionista.

Uma versão pode colidir com outra se, no local onde deveria ser principalmente distribuída como “casca-grossa” ficasse evidente o “humano-comum”, entendido aqui como aquele que sente medo e vacila. Se, em um determinado combate, houver o receio e tentativa de desistência, provavelmente esta versão será posteriormente vendida como uma potencialização do “casca-grossa”, seguindo a lógica de: “nossa, como ele é duro! Passou por cima do medo e seguiu adiante. É um monstro!”. Nesse sentido, o vacilo poderá potencializar a versão do casca-grossa.

É importante situar também que foram expostas aqui versões inseridas em um ano específico, 2014, quando foi desenvolvida esta pesquisa. Se estivesse descrevendo as versões dos primeiros lutadores de MMA que se vinculavam ao antigo “Vale-Tudo” ou ao *Pankration*, certamente haveria outras versões. Igualmente falei de práticas que estiveram vinculadas ao UFC que foi realizado no Brasil, em um momento em que o MMA ganhava mais e mais adeptos, admiradores e investimento. Talvez se tais práticas estivessem vinculadas ao UFC realizado no Japão ou nos Estados Unidos, eu pudesse descrever outras práticas e versões.

A adição, como já explicado, destaca que as diferentes versões reunidas formam um todo composto, neste caso, o lutador de MMA. Contudo, é importante retomar que, na adição, o todo não aponta apenas para a soma de partes. O produto final dessa adição, o lutador múltiplo, agencia-se com outros atores e práticas, despertando discussões e emoções diversas.

A adição nos traz também que os lutados *são* muitos. Ele é um trabalhador precarizado, invisibilizado pelas legislações trabalhistas, e que muitas vezes recebe bem menos do que o necessário para sua alimentação mensal. Ele é o ídolo que precisa se relacionar com os fãs e mídia para vender uma imagem atrativa e potente. Ele é um sobrevivente de um *camp* que tem rigores militares, que o faz viver muito próximo ao limite da vida. Ele é o casca-grossa que parece não sentir dor e medo no dia da luta. E ele é o cidadão comum com suas “normalidades” na alimentação, conversa ou volta para casa. Essas várias versões formam o lutador de MMA.

No momento da gravação dos *highlights*, foram observadas as diferentes versões em ação, ainda que a versão de ídolo estivesse em evidência. Nos *highlights*, o lutador será filmado como um *superstar*, mas, como um trabalhador que cumpre sua jornada de trabalho, ele precisa seguir um protocolo. Precisa colaborar com a filmagem, chegar no horário, demonstrar firmeza e engajamento com suas representações. Deve aceitar o *feedback* do câmera, intensificando golpes ou a fisionomia, se for necessário. Nessa prática, ele também é um sobrevivente, já que ainda não passou pela pesagem e está sedento de fome e sede. Seu humor também está bastante alterado pela escassez alimentar, mas, ainda assim, necessita representar seu papel. Ele também é um “humano-comum” já que, momento antes da filmagem, faz brincadeiras e distribui sorrisos despreziosos. Como consegue suportar todos essas versões? Está aqui o casca-grossa que parece tudo aguentar. Temos aqui versões distintas que, alinhadas, estão se referindo a um objeto único: o lutador de MMA.

Não há uma hierarquia entre as versões, isto é, uma mais potente que a outra. A inclusão nos ajuda a pensar que as versões se inserem mutuamente, embora possam, por vezes, parecer incompatíveis entre si. Não é uma questão de gradação. Recorrendo à prática da pesagem, temos os lutadores sedentos e levados

ao limite, ao mesmo tempo em que há a tentativa de intimidação do seu adversário e a imagem do ídolo sendo potencializada e divulgada. É possível decidir qual versão é mais importante do que a outra? Nesse caso, o que seria superior, a precarização do trabalhador? Ou seria o ídolo que está sendo exibido mundialmente pela TV e Internet? Para Annemarie Mol (2002), essas questões simplesmente não podem ser respondidas, porque sempre há interdependência e, com isso, interferência.

Na pesagem, na recepção do hotel, nas entrevistas e no combate há a tentativa de fragmentação do lutador em um objeto que transita entre o ídolo e o casca-grossa. Isso ocorre porque pode não ser nada atrativo para outras práticas ter uma versão de lutador precarizado sendo performada com o mesmo estatuto de outras versões comercialmente robustas. Conquanto haja a tentativa de fragmentação, lá estão as outras versões, juntas no mesmo objeto.

Um lutador é um todo e não a soma de suas partes. As versões de lutador estão lá, juntas, uma relacionada com a outra. Uma interferindo na outra.

### Considerações finais

Quem são os lutadores de MMA? Essa indagação e suas possíveis respostas causaram estranhamento e inúmeras dúvidas, razão pela qual fui instigada a conduzir esta pesquisa. Os rótulos atribuídos aos lutadores os posicionavam frequentemente como agressivos, desumanos, indisciplinados e cruéis. Inspirados por essas versões de atleta, procurei, durante um ano, conviver com os lutadores de MMA que atuaram profissionalmente no ano de 2014 em duas academias especializadas na cidade de São Paulo. Convivi com diversos atores e práticas das quais fui autorizada de algum modo participar. Essas versões de atletas foram produzidas e estabilizadas por práticas, que fizeram parte da presente discussão.

Nesta tese, o MMA está para além da “briga” e do “*show* de violência”. Este MMA é uma modalidade múltipla que agencia atores e está em constante e intensa mudança. É um esporte, é um espetáculo e é um evento de ordem econômica. Cada liga possui calendários próprios, atletas, premiações específicas, comissão técnica, estrutura física e de apoio em saúde, exames *antidoping*, patrocínios e mídia.

Como modalidade, o MMA cresceu vertiginosamente nos últimos dez anos em termos de investimento, praticantes, academias, profissionais de saúde especializados, fãs e espaço nas mídias. Apaixonados pela modalidade e sua mídia especializada o consideraram como segunda modalidade esportiva de preferência no Brasil, só perdendo para o futebol. É o sexto esporte mais televisionado no país, tendo sido classificado, em recente pesquisa de opinião, como o segundo esporte que mais vai crescer nos próximos anos (DELOITTE, 2011).

Por vezes, a modalidade ainda é confundida com a principal liga da atualidade: o UFC. Cabe aqui retomar que o UFC era, na ocasião desta pesquisa, propriedade de norte-americanos (irmãos Fertitta e presidida por Dana White), tendo sido criada por brasileiros (Família Gracie). Mesmo tendo sua matriz norte-americana, o UFC tinha inúmeros *cards* fora do país, e apenas 17 no Brasil (em 2014).

Para além do UFC há outras diversas ligas de MMA em âmbito mundial. No Brasil, esse crescimento tem sido intenso nos últimos anos, contanto com 144 novas ligas criadas e formalizadas no Sherdog, apenas em 2014. Todavia, há significativa descontinuidade das ligas criadas, já que muitas realizam apenas um ou dois eventos e encerram suas atividades. Tal fenômeno é, por vezes, associado à falta de profissionalização das ligas (falta de planejamento financeiro, de estrutura física e médica, além da falta de gestão de pessoas e processos). Agregam-se a isso inúmeras denúncias e suspeitas por parte da coletividade do MMA, envolvendo a falta de ética por parte dos dirigentes e patrocinadores.

Como telespectadora do MMA à distância, a oportunidade de convivência com os diferentes atores inquietou, assustou e instigou. Foram inúmeras as perguntas formuladas no início da pesquisa, dentre elas, como se vincular a uma academia de MMA profissional e como se aproximar do cotidiano dos lutadores. Essa aproximação foi facilitada por meu marido, que havia sido um reconhecido carateca nacional, ao apresentar-me para um lutador de MMA. A tutela oferecida abriu portas, criou oportunidades de aproximação e continuidade do estudo. No entanto, tal convivência não foi isenta de tensões. Ser mulher em um campo ocupado hegemonicamente por homens, incluindo os profissionais de saúde, criou inúmeros impasses. Quem eu era nesse campo? “Maria-tatame”? Fã? Espiã? Psicóloga que ia manipular mentes? Alguns dilemas começaram a se intensificar em uma das academias pesquisadas (academia A) e fizeram-me optar por continuar o estudo e aprofundar na compreensão das fases de um *camp* apenas na academia B.

Tentou-se aqui fugir do realismo das ciências, já que entendo que não existe uma realidade exterior que está em algum lugar para ser desvelada, descoberta, analisada. A realidade só é possível de ser compreendida *a posteriori* das práticas. Ela não existe por si só, independente das diferentes ações (LATOUR, 2012; LAW; LIEN, 2013; LAW; MOL, 2008; MOL, 2002; TIRANO SERRANO; DOMÈNECH I ARGEMÍ, 2005). Assim, o atleta aqui descrito só existe porque uma ação o *fez ser*.

Com isso, a concepção de verdade torna-se também movediça. Não há uma concepção única, com um aporte universalizante, que possa ser

compreendido em qualquer momento e situação. A verdade aqui explicitada é apenas uma das muitas possíveis. Não se pretende também perder de vista que, ao realizar escolhas na pesquisa, estava também tendo compromissos políticos que permitiam tornar arranjos mais fortes e reais que outros (CORDEIRO, 2012). Portanto, o texto que aqui apresenta os lutadores com quem convivi, tem agência para além da escrita aqui desenvolvida. Este texto nos traz também modos de coordenar as versões de lutadores e performará outras práticas. Um texto, se inserido em outras ações, é vivo e produzirá efeitos.

“Nós” fizemos também uma “bagunça empírica”, tal como proposto por Jonh Law (2007). A ideia é que nós estudamos algo em constante transformação e que não poderíamos “pedir” para que a realidade se adequasse aos nossos métodos e objetivos. Não poderíamos pedir para a realidade parar no tempo “só um pouquinho” para que tirássemos uma foto do que estava ocorrendo (até porque a foto também geraria outras realidades). Igualmente não poderíamos pedir para que os atores falassem o que queríamos ouvir para “facilitar” nossa compreensão e “potencializar” os resultados.

Lidei todo o tempo com uma realidade escorregadia, que mudava de forma e agenciava novos atores. Para essa realidade escorregadia não havia um único formulário padrão para “captar” respostas para o problema de pesquisa. A ideia é que tive de me inserir nas coreografias empíricas (LAW; LIEN, 2013). Por isso, segui a etnografia, na qual observei, conversei e registrei todo o tempo (não necessariamente nessa ordem).

A escrita do texto também seguiu uma lógica que se contrapôs a um realismo que objetiva uma ciência asséptica. O texto apontou fronteiras borradas entre pesquisadora e atores e apresentou-se aqui de modo parcial, já que não é possível esgotar a totalidade dos fenômenos pesquisados. É necessário fazer escolhas, incluir e excluir. Dentre essas opções, estão as histórias, as conversas, os sentimentos e as emoções vividas durante a pesquisa entre os atores que aqui se articularam.

Para que fosse possível descrever as práticas em que os lutadores de MMA estavam inseridos, foram apresentadas também a organização e o cotidiano das

duas academias de MMA pesquisadas. Distintos posicionamentos ideológicos foram notados no modo de compreender os atletas, a mídia, as mulheres e o esporte. Endossando esses posicionamentos se contrapunha na Academia A os inúmeros acessórios e imagens do principal lutador do local (Victor) expostos pelo ambiente; e, na Academia B, o protetor bucal LGBT que, com seu teor militante, era quem ganhava espaço perante os demais elementos ali presentes.

E quais foram as versões de lutadores evidenciadas nessas academias? Na academia A, as práticas apontaram para um lutador-ídolo, que pode suportar dores intensas sem melindres (porque ele é um “mais que humano”), executar golpes espetaculares, ganhar combates indefinidamente, além de possuir mulheres, poder, *status* e dinheiro. Os lutadores ali presentes pareciam se identificar com a ideia de possuir superpoderes, de conseguir, por meio da luta, expressar sua força e vigor que uma pessoa “convencional” não poderia ter, ainda que treinasse muito.

Já nas práticas da Academia B, o lutador era performado como alguém que ganhava a vida sendo atleta. Os lutadores eram trabalhadores e, como tal, deveriam cumprir inúmeras tarefas, chegar no horário, ter foco em suas ações, ser eticamente corretos com os demais. Sendo um trabalhador, estava suscetível a adoecimentos e poderia necessitar de descanso e afastamentos, desde que comunicasse adequadamente à sua equipe. O lutador era aquele que esperava conquistar seu sustento e o de sua família com seu esforço e dedicação.

Em ambas as academias havia intensos treinamentos, a balança para a pesagem, o processo de desidratação, substâncias ilegais, músicas para intensificar o clima do treinamento e acessórios de proteção, tudo entrando em jogo para tentar aproximar os atletas das vitórias. Notou-se também que a vitória não apontava apenas para o êxito individual do atleta, mas, igualmente, para a exposição do nome da academia e seu “sucesso”. A vitória poderia recrutar novos atores para a academia ou dar adeus a outros.

Ao pensar sobre as academias de MMA, entendo que elas não existem por si só e nem agiam sozinhas. Como Jonh Law e Annemarie Mol (2008) nos convidam a refletir, coisas boas e más acontecem, estão misturadas e são ambivalentes. As ações das academias se moveram como um fluido em que as

*performances* foram carregadas de imprevisibilidades, indeterminações e complexidades.

Dessa forma, ao falar que um lutador de MMA é agressivo ou um “louco” por praticar a modalidade, estamos produzindo uma versão de atleta singularizante, além de desconsiderar todas as outras versões possíveis desses lutadores. Esse modo de posicionar os atletas aponta para um perspectivismo ao qual se quer aqui contrapor. Por isso, fui buscar nas fases de um *camp* as versões de lutadores que estavam sendo produzidas naquelas práticas, nas quais acompanhei um atleta vinculado na Academia B, competidor do UFC. Nessas práticas, foi observada a produção de cinco versões de lutadores: a) na preparação da luta, os trabalhadores invisíveis e precarizados; b) na semana da luta, o ídolo; c) na pesagem, os sobreviventes; d) no dia da luta, o casca-grossa e; e) no pós-luta, o “humano-comum”.

A versão de trabalhador precarizado, que ficou evidente nos treinamentos e preparação para a luta, apontou para a relação de exploração a que os atletas vivenciavam. Eles precisam tolerar o intolerável, usar seus corpos ao limite da vida, se submeter ao medo da derrota e à conseqüente demissão da liga de MMA. Eram trabalhadores invisibilizados porque não suscitavam a indignação, cólera ou ação coletiva de outros atores. Embora no *camp* estudado houvesse um reconhecimento do trabalhador perante seu trabalho (Marcelo), o mesmo não estava autorizado a militar contra a comercialização do seu corpo e sua vida. Ele era um iniciante em uma organização mundialmente poderosa, e reivindicar o *status* de trabalhador e denunciar sua exploração poderia fazê-lo perder o seu contrato.

Quando a semana da luta chegou, com ela vieram as práticas do espetáculo e a versão de lutador-ídolo. As luzes, os *flashes*, as filmagens, as reportagens e os fãs. O cerceamento da vida do atleta estava ali presente para que ele se comportasse como um ídolo. Mas, nesta mesma semana da luta, do *glamour* e do espetáculo, estava também presente o lutador como um sobrevivente de um longo e exausto processo de treinamento, que culminava com a desidratação para que conseguisse atingir determinada categoria de peso. Atletas visivelmente abatidos que queriam pesar, comer, tomar água e tomar soro.

E o dia do combate chega e, com ele, toda a lógica do MMA como espetáculo. Nesse dia, a versão do atleta como casca-grossa está em evidência e ressalta que os lutadores devem mostrar toda a masculinidade possível. Lutar até morrer. Lutar para conseguir se manter na organização de MMA. Lutar para ser considerado “digno” da modalidade, custe o que custar. O dia da luta é o dia de esquecer a dor e o receio. Tenta-se fugir do oposto do casca-grossa: aquele que se submete, passivo, que tem medo, que se desespera.

Quando o combate chega ao fim, é possível voltar a ser um “humano”. É o momento do alívio, do respirar fundo, do se livrar das câmeras e fãs, do comer o que der vontade, de ficar livre dos controles dos especialistas sobre seu corpo.

Defendo aqui a tese de que o MMA é múltiplo, assim como o lutador também o é. São fractais, mais do que um e menos do que muitos, já que não são totalmente desconectados e independentes. Atletas são feitos em diferentes práticas, são distintos, ainda que de algum modo relacionados entre si. As versões se relacionam e uma interfere na outra. Desse modo, minha interrogação “quem é o atleta de MMA?” não tem uma resposta única e estabilizada. Se algo deixar de ser feito, nas diferentes práticas, uma versão de lutador também poderá deixar de existir. É importante considerar que os atletas geram efeitos. É essencial também dizer que não há uma hierarquia entre as versões, com uma mais potente que a outra, já que não se trata de uma questão de gradação.

Pretendo com este estudo abrir novas possibilidades de entendimento sobre os humanos que lutam MMA, tentando fazer alguma diferença para as práticas nas quais eles estão inseridos. Talvez aqui possa contribuir para as práticas da Psicologia do Esporte, trazendo novas reflexões e problematizações acerca desses atletas múltiplos, assim como novos modos de trabalhar com eles. Nesse sentido, também são defendidas novas possibilidades de atuação que, podem se chocar com as lógicas essencialistas que visam explicitamente explorar apenas uma versão de humanos que lutam. Com isso, faz-se, ainda, uma contraposição ao instituído pelas práticas com as quais convivi, e que se relacionam com um tipo de Psicologia do Esporte pouco preocupada com os humanos e mais preocupada com o rendimento. Explicitamente, nosso projeto político pleiteia o enfraquecimento de versões totalizadoras que endossam apenas

um tipo de lutador, desconsiderando todas as complexidades e modos que *o fazem* ser.

Por fim (almejando que seja apenas o começo), pretendo abrir novas problematizações na Psicologia Social, a fim de que o MMA, seus atores e suas práticas sejam considerados em pesquisas futuras.

## Referências

- ALCADIPANI, R.; TURETA, C. Teoria ator-rede e estudos críticos em administração: possibilidades de um diálogo. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 7, p. 405–418, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S167939512009000300003&script=sci\\_artt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S167939512009000300003&script=sci_artt)>. Acesso em: 15 mar. 2014.
- ALONSO, M.; NAGAO, S. *Do vale tudo ao MMA: 100 anos de luta*. Rio de Janeiro: Editora PVT, 2013.
- ALVAREZ, F. DE L. *A domesticação da violência: MMA (Artes Marciais Mistas) e processos comunicacionais na Rede Globo de televisão*. 168f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Bauru, 2013.
- ALVES, L.; MARIANO, A. *MMA: Mixed Martial Arts*. São Paulo: On Line Editora, 2012.
- ARVANITIS, J. *Pankration: the Traditional Greek Combat Sport and Modern Mixed Martial Art*. Colorado: Paladin Press, 2003.
- AWI, F. *Filho teu não foge à luta*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- BARBANTI, V. O que é esporte? Ponto de Vista. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, v. 11, n. 1, p. 54–58, 2012.
- BARONE, M. Lutadores enfrentam “frangos” para fazer cartel numeroso. *Tatame*, jan. 2014. Disponível em: <<http://www.tatame.com.br/tatame/tatame-215-lutadores-enfrentam-frangos-para-fazer-cartel-numeroso>>. Acesso em: 29 mar. 2014.
- BARREIRA, C. R. A. *Combate, uma arqueologia fenomenológica: da arte marcial ao MMA sob uma nova perspectiva em psicologia do esporte*. 294f. Tese (Livre Docência). Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, 2014.
- BARRETO, J. A. *Do Valetudo Brasileiro ao “Mixed Martial Arts”*. Rio de Janeiro: Tatame, 2013.
- BATAILLE, G. *Prehistoric Painting: Lascaux or the Birth of Art*. Alabama: Skira, 1955.
- BATISTA, N. C. S.; BERNARDES, J.; MENEGON, V. S. M. Conversas no Cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. In: *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 97–122.
- BLACKLOCK, D. *Pankration: the Ultimate Game*. Crows Nest. Albert Whitman & Company, 1997.

BOURDIEU, Pierre. "Como é possível ser esportivo?" In: BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-163.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 3.688 (1941)*. Decreto-Lei nº 3.688, de 9 de dezembro de 1941. Lei das Contravenções Penais. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9521.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9521.htm)>. Acesso em: 20/11/2014.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 9.215 (1946)*. Decreto-Lei nº 9.215, de 30 de abril de 1946. Proíbe a prática ou exploração de jogos de azar em todo o território nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del9215.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del9215.htm)>. Acesso em: 20/11/2014.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 204 (1967)*. Decreto-Lei nº 204, de 27 de fevereiro de 1967. Dispõe sobre a exploração de loterias e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1965-1988/Del0204.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0204.htm)>. Acesso em: 20/11/2014.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *NR 24 - Condições Sanitárias e de Conforto nos Locais de Trabalho*. Brasília: 1993. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/images/Documentos/SST/NR/NR24.pdf>>. Acesso em: 20/10/2015.

BRASIL, B.; PAZ, P. da. *Gladiadores Modernos. Impressão Digital.126*. Disponível em: <<http://imprensaodigital126.com.br/?p=3066>>. Acesso em: 28 set. 2015.

CAILLOIS, R. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Edições Cotovia, 1990.

CALLON, M. El proceso de construcción de la sociedad. El estudio de la tecnología como herramienta para el análisis sociológico. In: DOMÈNECH, M.; TIRADO, F. J. (Orgs.). *Sociologia Simétrica: ensaios sobre ciência, tecnologia e sociedade*. Barcelona: Gedisa, 1998.

CAMILLIS, P. DE; ANTONELLO, C. S. Da Translação para o Enactar: a possibilidade que a Teoria Ator-rede apresenta para pensar em termos de processos nas pesquisas em Administração. In: IV Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração. *Anais*. Florianópolis: 2014. Disponível em: <<http://coloquioepistemologia.com.br/site/wp-content/uploads/2014/03/ADE110.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2015.

CARDOSO, Claudionor. *O MMA e seus "gladiadores modernos"*. Disponível em: <<http://www.topmidianews.com.br/claudionor-cardoso/noticia/o-mma-e-seus-gladiadores-modernos->>. Acesso em: 28 set. 2015.

CASTILLO, E. Gladiadores y fieras en el Cliseo. História. *National Geographic*, v. 113, p. 54–65, 2013.

CEBRIÁN, J. A. Gladiadores, el macabro espectáculo de Roma. In: NOWTILUS (Ed.). *Breve História de los Gladiadores*. Madrid: 2004. p. iii–vi.

COLLI, E. *Universo olímpico: uma enciclopédia das Olimpíadas*. São Paulo: Conex, 2004.

CORDEIRO, M. P. *Psicologia Social no Brasil: multiplicidade, performatividade e controvérsias*. 187f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

CORDEIRO, M. P.; JANE, M.; Por uma Psicologia Social não perspectivista: contribuições de Annemarie Mol. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*; Rio de Janeiro, 65 (3): 338-356, 2013. Disponível em: <<http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/816>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

CORDEIRO, M. P.; SPINK, M. J. P. A multiplicidade da Psicologia Social Brasileira. *Athenea Digital*, v. 14, n. 1, p. 289–300, 2014. Disponível em: <[www.raco.cat/index.php/Athenea/article/download/291946/380453](http://www.raco.cat/index.php/Athenea/article/download/291946/380453)>. Acesso em: 4 ago. 2015.

CORNELL, T. J. On War and Games in the Ancient World. The Global Nexus Engaged. *Sixth International Symposium for Olympic Research*, p.29-40. Disponível em: <<http://library.la84.org/SportsLibrary/ISOR/ISOR2002e.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2015.

CORREIA, D. Uma invenção da família Gracie. *Veja.com*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/a-historia-do-ufc/imprimir>>. Acesso em: 4 ago. 2014.

CUNHA, A. G. DA. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CURADO, J. C.; SPINK, M. J. Multiplicidade de “Pobrezas” nas políticas públicas contemporâneas: contribuições do construcionismo social e da Teoria Ator-Rede (tar)! *Dialógo*, v. 27, p. 9–23, dez. 2014. Disponível em: <<http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/1815>>. Acesso em: 28 set. 2015.

DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

DELOITTE. *Muito além do futebol*. Estudo sobre esportes no Brasil. São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://fbf.org.br/ckfinder/userfiles/pdf/Pesquisa\\_Esportes\\_Deloitte\\_2011\\_-\\_Apresentacao\\_completa.pdf](http://fbf.org.br/ckfinder/userfiles/pdf/Pesquisa_Esportes_Deloitte_2011_-_Apresentacao_completa.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2014.

DOLORES, G.; MARTINS, M.; VILELA, R. M. Jogos de armar: narrativas como modo de articulação de múltiplas fontes no cotidiano da pesquisa. In: *A Produção*

*de informação na Pesquisa Social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 295–323.

DUNNING, E. *Sociologia do esporte e os processos civilizatórios*. São Paulo: Editora Annablume, 2014.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel ed. 1992.

ELLIOT, J. Gladiadores. La muerte como espectáculo. *Historia y vida*, v. 452, p. 64–73, 2005.

FABRI, L. Isaías “Pelé” lamenta embargo de edição do Nitrix e anuncia possível fim do evento. *PVT. Portal do Vale Tudo*. Disponível em: <<http://portaldovaletudo.uol.com.br/br/noticias/item/1403-isa%C3%ADas-el%C3%A9-lamenta-embargo-de-edi%C3%A7%C3%A3o-do-nitrix-e-anuncia-poss%C3%ADvelfim-do-evento.html>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

FERNANDES, M. Gracie X Gracie. *Revista Veja*. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/160699/p\\_122.html](http://veja.abril.com.br/160699/p_122.html)>. Acesso em: 29 jul. 2014.

FRANÇA, R. O sucesso da força: criticada no Brasil por atos de violência de alguns integrantes, a família Gracie nunca teve tanta fama no exterior. *Revista Veja*. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/011100/p\\_086.html](http://veja.abril.com.br/011100/p_086.html)>. Acesso em: 28 jul. 2014.

FRANCHINI, E.; BOSCOLO, F.; VECCHIO, D. Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, v. v.25, p. 67–81, 2011.

GARCIA, C. C. *Breve História do Feminismo*. 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Claridade, 2015.

GODOY, L. *Os jogos olímpicos na Grécia antiga: Olímpia antiga e os jogos olímpicos*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

GOMES, L. A luta que move milhões. *Istoé Comportamento*, ago. 2010. Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/reportagens/95191\\_A+LUTA+QUE+MOVE+MIL+HOE](http://www.istoe.com.br/reportagens/95191_A+LUTA+QUE+MOVE+MIL+HOE)> Acesso em: 28 jul. 2014.

GRACIE, R. *Carlos Gracie: o criador de uma dinastia*. São Paulo: Editora Record, 2008.

GUIDON, N. Parque Nacional Serra da Capivara: sítios rupestres e problemática. *FUMDHAMentos*, v. V, p. 77–108, 2007. Disponível em: <[http://www.fumdhm.org.br/fumdhamentos5/artigos/Niede\\_Guidon.pdf](http://www.fumdhm.org.br/fumdhamentos5/artigos/Niede_Guidon.pdf)>. Acesso em: 18 mar. 2015.

HIROSE, A.; PIH, K. K. Men Who Strike and Men Who Submit: Hegemonic and Marginalized Masculinities in Mixed Martial Arts. *Men and Masculinities*, v.13(2), p.190-209, 2010. Disponível em: <

<http://jmm.sagepub.com/content/early/2009/09/23/1097184X09344417>>. Acesso em: 08 set. 2015.

ISTOÉ. O golpe de mestre da UFC. *Istoé Dinheiro*, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/negocios/20130429/golpe-mestre-ufc/1731.shtml>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

LAMING-EMPERAIRE, A. *An Interpretation of Prehistoric Art*: Lascaux. “Luctor et emergo”, 1955.

LATOUR, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp, 2000.

LATOUR, B. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador - Bauru: EDUFBA, 2012.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *A vida de laboratório. A produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LAW, J. *Organizing modernity*. Oxford, UK: Blackwell, 1994.

LAW, J. *After Method: Mess in social science research*. Brand New: Book Condition, 2004.

LAW, J. Objects and Spaces. *Theory, Culturer, Society*, v. 19, p. 91–105, 2002.

LAW, J. *Making a mess with method*. In: CENTRE FOR SCIENCE STUDIES. Lancaster: University of Lancaster, 2003. Disponível em: <<http://www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers/law-making-a-mess-with-method.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

LAW, J.; LIEN, M. Slippery: Field Notes on Empirical Ontology. *Social Studies of Science*, p. 1- 16, 2013. Disponível em: <<http://www.sv.uio.no/sai/english/research/projects/newcomers/publications/working-papers-web/Slippery%20revised%202013%20WP%20version.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

LAW, J.; MOL, A. Notas sobre el materialismo. *Política y Sociedad*, v. 1, n. 14/15, p. 47-57, 1993/1994.

LAW, J.; MOL, A. The Actor-Enacted: Cumbrian Sheep in 2001. In: KNAPPETT, Carl; MALAFOURIS, Lambros. *Material Agency: Towards a Non-Anthropocentric Approach*. Springer, p. 57 – 78, 2008.

LAW, J.; MOL, A. Embodied Action, Enacted Bodies: the example of hypoglycaemia. *Body & Society*. v. 10 (2-3), p.43-62, 2004.

LAW, J.; URRY, J. Enacting the social. *Economy and Society*, v. 33, n. 2004, p. 390–410, 2010.

LE BRETON, D. *Passions du risque*. Paris: Editions Métailié, 2000.

LE BRETON, D. *Conduas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Campinas: Autores Associados, 2009.

LOWRY, D. *O Dojo e seus significados: um guia para os rituais e etiqueta das artes marciais japonesas*. São Paulo: Pensamento, 2011.

MANAIA, R. O que foi o Pride e o que é o UFC? Saiba mais sobre o maior evento da história do MMA. *MMA em Foco*. 2012. Disponível em: <<http://mmaemfoco.wordpress.com/2012/08/07/o-que-foi-o-pride-e-o-que-e-o-ufc-saiba-mais-sobre-o-maior-evento-da-historia-do-mma/>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

MANNIX, D. P. *Breve História de los Gladiadores*. Madrid: Nowtilus, 2004.

MOL, A. *The body multiple: ontology in medical practice*. London: Duke University Press, 2002.

MOL, A. *The logic of care: health and the problem of patient choice*. London; New York: Routledge, 2008.

MORAES, M. Modos de Ordenar Eficiência e Deficiência Visual: Breve Leitura de um Documento. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 6, n. 1, p. 53–61, 2001. Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revistalapip/volume6\\_n1/Mor aes.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revistalapip/volume6_n1/Mor aes.pdf)>. Acesso em: 18 jul. 2014.

MORAES, M.: A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 11, n. 2: p. 321-33, maio-ago. 2004.

MORELLO, I. *The Origins of Martial Arts: Pankration*. Lulu.com, 2012.

MOSCHELLA, A. A pancadaria lucrativa do UFC. *Estudo Exame*, p. 128–130, set. 2011. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/999/noticias/pancadaria-lucrativa>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

NASCIMENTO, A. R. A., VELOSO, F. G. C., ALMEIDA, A. C. C., MIRANDA, C. C. L. A., FERNANDES, J. & NUNES, K. C. (2011). Virilidade e competição: masculinidades em perfis de lutadores das Revistas Tatame e Gracie magazines. *Memorandum*, v. 21, p. 195–207, 2011.

NOVAES, J. V.; Um corpo que dói. Escutando lutadores de MMA. In: V Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XI Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, 2012, Fortaleza. *Anais do V Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XI Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, 2012.

NURSE, P. Pankration: the Boody, Brutal Art of Ancient Greece. *Black Belt Tae Kwon do Dilemma!* v. 25, n. 9, p. 54–56, 1987.

OLIVEIRA, L. Orelhas “couve-flor” atraem marias-tatame e salvam lutadores de bandidos. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/mma/ultimas-noticias/2014/04/18/orelhas-couve-flor-atraem-marias-tatame-e-salvam-lutadores-de-bandidos.htm>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

PAIVA, L. *Olhar clínico nas Lutas, Artes Marciais e Modalidades Combate*. Manaus: OMP Editora, 2015.

PESSIS, A. M. *Imagens da pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara*. 2o edição ed. São Paulo: Fundham, 2013.

R7. Grávida, namorada de Malvino Salvador aparece enxuta e fãs questionam: “Cadê a barriga”? Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/gravida-namorada-de-malvino-salvador-aparece-enxuta-e-fas-questionam-cade-a-barriga-24032014>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

RANGEL, V. M. Como se constrói um corpo múltiplo: a praxiografia de um cenário médico contemporâneo. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, v. 20, p. 325–328, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312010000100017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312010000100017)>. Acesso em: 10 set. 2014.

REDAÇÃO SUPER. Vale Tudo, os gladiadores modernos. *Superinteressante*, dez. 2001. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/vale-tudo-os-gladiadores-modernos>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

REVISTA VIP. *Cassino da Porrada*. Disponível em: <<http://vip.abril.com.br/cassino-da-porrada/>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

RUBIO, K. *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SENSEI COMBATE. *Entrevista com Rorion Gracie*. Brasil Globosat, 2012. Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/sportv/v/2432071>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

SERRÃO, L. Formar atletas campeões de MMA exige “exército” de profissionais. *Portal Acrítica*. 24 ago. 2014. Disponível em: <[http://acritica.uol.com.br/craque/Formacao-MMA-necessitam-exercito-profissionais\\_0\\_1199280083.html](http://acritica.uol.com.br/craque/Formacao-MMA-necessitam-exercito-profissionais_0_1199280083.html)>. Acesso em: 10 nov. 2014.

SETTI, R. Mulheres Lindas — Kyra Gracie, a gracinha do clã. *Revista Veja*. 21 jan. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tag/kyra-gracie/>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

SPINK, M. J. P. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SPINK, M. J. P. Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, n. 1, p. 7–14, 2007.

SPINK, M.; MEDRADO, B.; MELLO, R. Perigo, probabilidade e oportunidade: a linguagem dos riscos na mídia. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 15, n. 1, p. 151–164, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a17v15n1.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2014.

SPINK, P. K. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*, v. 15, n. 2, p. 18–42, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v15n2/a03v15n2.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2014.

TATAME. Fórum de MMA promete novidades. *Revista Tatame*. 20 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.tatame.com.br/tatame/forum-de-mma-promete-novidades>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

TEIXEIRA, A. C. E. M. *Esporte e violência no jiu-jitsu: o caso dos “pitboys”*. 160f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

TEIXEIRA, A. C. E. M. A Filosofia da Eficiência: Esporte e Violência no Gracie Jiu-jítsu. *Esporte e Sociedade*, v. 6, n. 18, p. 1–20, 2011.

TIRANO SERRANO, F.; DOMÈNECH I ARGEMÍ, M. Asociaciones heterogeneas y actantes: el giro post social de la Teoría del Actor-Red. AIBR. *Revista de Antropología Iberoamericana*, Núm Especial. Noviembre-Diciembre, p. 1–26, 2005.

VARNEY, Geoff. Fighting for Respect: MMA’s Struggle for Acceptance and How the Muhammad Ali Act Would Give it a Sporting Chance. *West Virginia Law Review*, v. 112, 2009.

VINICIUS, M. Políticos ganham popularidade trabalhando pelo MMA. *MMA Brazucas*. 2011. Disponível em: <<http://www.mmabrazucas.com/index.php/2012/02/21/forca-do-mma-motivou-deputados-a-elaborar-leis-em-prol-do-esporte/>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

WACQUANT, L. Putas, escravos e garanthões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais. *Mana*, v. 6, n. 2, p. 127–146, 2000.

WACQUANT, L. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WELLS, G. *Mixed Martial Arts: Ultimate Fighting Combinations*. Minneapolis: Lerner Publications Company, 2012.

WORLD ANTI-DOPING AGENCY (WADA). *Copenhagen Declaration of Anti-Doping in Sport*. 2003. 3 jan. 2003. Disponível em: <<https://wada-main->

prod.s3.amazonaws.com/resources/files/WADA\_Copenhagen\_Declaration\_EN.pdf  
f> Acesso em: 10 mar. 2015.

WORLD ANTI-DOPING AGENCY (WADA). *The World Anti-Doping Code. The 2015 Prohibited List International Standard*. 20 set. 2014. Disponível em: <<https://wada-main-prod.s3.amazonaws.com/resources/files/wada-2015-prohibited-list-en.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2015.

WORLD ANTI-DOPING AGENCY (WADA). *Anti-Doping: important facts and highlights from WADA's Athlete Guide*. 2015. Disponível em: <[https://filacrosse.com/wp-content/themes/sportedge/downloads/WADA\\_AAG\\_Anti-Doping\\_ENG\\_Web.pdf](https://filacrosse.com/wp-content/themes/sportedge/downloads/WADA_AAG_Anti-Doping_ENG_Web.pdf)> Acesso em: 20 abr. 2015.

ZUCAL, J. G. “Soy Macho porque me la aguanto”. Etnografía de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculino. In: PROMETEO (Ed.). *Hinchadas*. Buenos Aires: 2005. p. 39–57.

### Apêndice

Eventos de MMA realizados no Brasil	Eventos realizados e cadastrados no Sherdog até 2014
Acai do Japa Fight	2
Acari Challenger	1
Action Fight	1
Adrenalina Fight	3
Adrenalina Fighting Panambi	1
Alvorada Show Fight	2
Amazon Kombat	4
Americas Fighting Championship	4
Apocalypse Fighting Championship 3	3
Araguatins Fight Night MMA	1
Aranha Combat	3
Araucaria Combat	4
Arcadia Fight	1
Arena Fight Combat	20
Arena Fire Fight MMA	1
Arena Force	3
Arena Pesadelo	7
Aspera Fighting Championship	14
Association of Future Boxing Champions	1
Avare Open Fight	1
Baixada Top Fight	1
Balada Kombat	1
Barra Fighting Championship	3
Barracão da Luta	3
Barracão Fight Championship	3
Bem Estar Fight	2
Benevides Fight Championship	2
Best Kombat Conquista	1
BH Fight	5
Big Fighters MMA Extreme	2
Big Way Fight	5
Bitetti Combat	20
Blasius Combat	1
Blufight MMA	7
Bokum Fight Championship	3
Brasil Fight	8
Bravos Fight	1
Brazilian Confederation of MMA - CbMMA	3
Brazilian Fighting Championship	4
Brazilian King Fighter	4
Bujutsu Combat Championship	1

Cabedelo Fighting Championship	2
Cabo Fight Championship (Pernambuco)	4
Cabra Macho MMA Circuit	1
Cajazeiras Fight	3
Calcoene Fighting Championship	1
Capixaba Fight	1
Castro Fight	1
CDF MMA	1
Champions Night	14
Championship Ponta Grossa	2
Circuito Combate de MMA	1
Circuito de Lutas (São Paulo)	5
Circuito Superação de MMA	1
Coalizão Fight	5
Coliseu Extreme Fight	10
Coliseu Fight Championship	3
Collision Fight	7
Combat Guerreiros Thai	2
Confronto Fc	1
Contender Fight Championship	4
Copa BPT	3
Coronel Combat	6
Costa Combat	5
Cross Fight Combat	1
CTA Combat	2
Curitiba Fight Pro	2
CWB Party Fight	2
Desafio do Guerreiro	1
Destroyer	1
Diniz Optical Cup	1
Dirceu Fight	1
Dragon Fight (São Paulo)	3
Duelo de Titans (Rio Grande do Sul)	2
Elite Fighting Championship (Rio de Janeiro)	3
Elite MMA	1
Esquilo Brothers	1
Evoche Fight	1
Evolução MMA Fight	1
Evolution Fight	1
Evolution of Fighters	6
Explosion MMA	1
Expresso MMA	1
Extreme Combat (Rio de Janeiro)	1
Extreme Kombat	1
Extreme Marituba Combat	2

Face the Danger	7
Face to Face	9
Fatality Arena	9
Favela Kombat	9
Federal Fight	1
Felipao Fight	2
FEMMA - Rio Grande do Norte MMA Federation	1
Fenix Combat Mixed	3
Fight Center Academy	12
Fight Fire Champion	1
Fight Masters Combat	1
Fight Night Arena	1
Fight Night Bebedouro	1
Fight Night Corumba	1
Fight Team Junior Oliveira	3
Fighten MMA Championship	1
Fightnation	1
Floripa Fight	11
Forming Champions Fight	1
Frajola Fight	1
Full House Battle Home	9
Fusão de Artes Marciais	3
G1 MMA	23
Gandu Fight Night	1
Gaicho MMA Federation	4
Gfc - Garanhuns Fighting Championship	25
Gigante Fight	2
Gladiador Fight Combat	1
Gladiadores da Arena	1
Gladiadores MMA	10
Gladiator Combat Fight	10
Gladiators In Combat	1
Godoi Combat Ceres	1
Goiano Amateur MMA Championship	1
Golden Fight	8
Grand Prix Combat	1
Gringo Super Fight	11
Hawk Fight Championship	5
Heroes Fight Championship	3
Higen Fight Championship	2
Ibira Fight Championship	1
Ilha Comprida Fight	1
Imbituba MMA Fight	3
Impactotal Fight	4
Imperium MMA Pro	11

In Fight Beach	2
Inhumas Fight Championship	3
Instigacao Fight Combat	12
Inter Styles	1
Iron Fight Combat	8
Iron Girl Fight	1
Iron Man Vale Tudo	17
Itaguaí Combat	1
It's Time Combat	5
Izabelense MMA Circuit	2
Jaciara Radical Fight	1
Jason Fight Championship	1
Juiz de Fora Fight	11
Jungle Fight Championship	76
Jurunense Open Fight MMA	9
Jvt Championship	7
K1 Dinamite Combat	1
Kombat Goiano	1
Kratos Fight	1
Kumite Combate Championship	1
Lago da Pedra Fight	1
Lexo Fighting Championship	1
LF- Limo Fight	10
Lions Fighting Championship	4
Lutando Pela Paz	2
M – Combat	1
Maceió Fight Championship	8
Machine Fight Championship	9
Mamute Arena Fight	1
Marajo Fight	2
Maringá Fight	1
Maringa Top Fight	1
Maximum Impacto Fight	2
Maximum Midway Fight	5
Mega Fight	9
Megafighters	1
Memorial Fight	1
Merck Fight Combat	3
Meriti Fight Show	2
Metanoia Fight Combat	1
Mix Combat	4
Mixed Fighters Championship	1
MMA Fight Show	3
MMA Leones	1
MMA Maringa Combat	2

MMA Sanda Combat	1
MMA Super Heroes	8
Mona Vie Fight	1
Monster Combat	1
Mr Cage	16
Mr. Cage Championship	15
Mr. Fighter Combat	3
Mr. Prime Fighter Champion	1
Mt Fight Championship	1
Mutatis Combat MMA	3
Nakamura Fight Championship	8
Niterói Extreme Combat	1
Niterói Top Fight	4
Nitrix Champion Fight	27
North Extreme Cagefighting	16
Octagon Fighting Championship	11
Octtagon Fight Night	2
Oiapoque Fight Championship	5
Omega Fight Championship	4
One Vs. One Fight	4
Oros Fight Championship	2
Ox MMA	2
Parabellum Fight MMA	3
Paraná Vale Tudo	18
Parque de Combate MMA	1
Paulão Fight	7
Paulista MMA Federation	1
Pedreiras Fighter	1
Pentagon Combat	4
Pernambuco Fight Circuit - Tamandare Beach Fight	1
Piauí Fight MMA	4
Pinhais Nocauteando As Drogas	2
Pink Fight	3
Piumhi Fight Night	2
Planeta MMA	2
Poções Fight	2
Power Fight Championship	3
Power Fight Extreme	12
Power Lotus Team	1
Praera Extreme Fight	1
Precol Combat	13
Predador Fight Championship	26
Premium Fight Championship	4
Pretorianos Fight Show	1
Pro Fight MMA Brasil	13

PTF- Pinhao Top Fight 1	1
Puro Impacto Fight	2
Radical Fight Championship	1
Ratinho Fighting Championship	1
Real Fight	13
Red Mission Cup	1
Rei da Selva Combat	4
Revolution MMA	1
Ring of Fire (Brazil)	9
Rio Fight Championship	5
River Fight	1
Rock Extreme Fight	1
Rolim Fight Combat	2
Roraima Show Fight	1
Sama Fight Combat	3
Samurai Fight Combat	8
São Francisco Fight	4
São Jose Super Fight	5
São Jose Top Fight	1
Secutor MMA	2
Selva Combat	1
Shockwave Combate	6
Shooto Brasil	63
Show Combat MMA	2
Showtime Fights	3
Sidney Academy	1
Smash Fight	3
Sobral Extreme Fighter	7
Sombrio MMA	2
South American Fight	2
Spartacus Academy	2
Spartans Fight	1
Sport Nocaut MMA	2
Stand Up Fight	3
Stone MMA	1
Strike Fight Combat	2
Strike Fighting Championship (Brazil)	1
Strike Monster	1
Striker's House Cup	44
Strong Fight Combat	2
Struggle Fight Brasil	2
Super Bad Boy's Fight MMA	2
Super Norte Fight	1
Superação Fight	6
Talent MMA Circuit	15

Talento Uruara Fight	1
Team Nogueira São Paulo Zona Norte	1
Team Nogueira Campinas	1
Team Nogueira Porto Alegre	1
Team Nogueira	12
Terral Fight	2
The Elite Fighters	1
The Guardian Fight	1
The Hill Fighters	4
The King of MMA	3
Thunder Fight	2
Tiger Fight	1
Top Fight Brasil	2
Torneio Gladiador	4
Tour The Talent	2
Tremores Fight	1
Trocação	7
Tupa Fight Championship	2
Uba Fight	5
Ultimate Flores da Cunha	2
Ultimate Reborn Fight	3
University of Champions	2
Upper Fight	3
Upper Sport Combat	3
Vale Fight Club	4
Valente MMA	2
Velame Fight Combat	3
Vex Combat	3
Victory Iron Girls	1
Vip Fight	1
Voplata Mixed Fight	1
Vulcao Negro Fight	1
W1 Fight Party	1
War of Champions	2
Warrior Challenge	9
Watch Out Combat Show - Wocs	40
Win Combat Championship	11
Winner Combat MMA	1
X-Fest - Battle of Giants	5
X-Fighters	1
Xingu Fight	5
Xinguara Fight Combat	2
Xtreme Fight Linhares	2
Xtreme Fighting Championships - Xfc	8
Xtreme Fisiomaq Combat	3



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA  
SOCIAL**

**End.:** Rua Monte Alegre, 984. Perdizes. 05014-901 - São Paulo-SP - Brasil  
**Fone/fax:** (011) 3670 8520 **E-mail:** [pssocial@pucsp.br](mailto:pssocial@pucsp.br)

São Paulo,        de                                de 2014

Ao Ilmo. Sr.

Eu, Juliana Aparecida de Oliveira Camilo, aluna regular do curso de Doutorado em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, orientada pela Profª. Dra. Mary Jane P. Spink, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora, estou desenvolvendo o projeto de pesquisa intitulado “Entre a “casca-grossa” e a sobrevivência: a multiplicidade de versões de lutadores de Mixed Martial Arts)”. O estudo tem como objetivo geral entender os sentidos atribuídos ao risco pelos lutadores de MMA que atuam em ligam nacionais.

A pesquisa utilizará os procedimentos usuais da etnografia: observações, entrevistas e conversas, informações essas obtidas por meio da convivência com os usuários, profissionais e familiares. Focalizaremos o uso dos espaços institucionais ao longo de sua permanência na instituição, incluindo as rotinas e treinamentos dos atletas.

Será garantido o sigilo integral de qualquer informação que possa identificar a academia, atletas e/ou comissão técnica. Os resultados da pesquisa serão disponibilizados, através da instituição, para consulta dos atletas e comissão técnica.

Informamos ainda que o projeto está sendo encaminhado para homologação do Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Para fins de encaminhamento é necessário que a Instituição onde será realizada a pesquisa dê seu consentimento. Entendemos, obviamente, que tal consentimento só terá efeito perante a aprovação final do projeto por parte do Comitê de Ética da PUCSP. Agradecendo antecipadamente a sua colaboração, colocamo-nos à disposição para quaisquer outros esclarecimentos.

***Termo de autorização para a realização da pesquisa***

Eu, \_\_\_\_\_, responsável pela academia \_\_\_\_\_, ciente dos objetivos e procedimento previstos no Projeto de Pesquisa “Entre a “casca-grossa” e a sobrevivência: a multiplicidade de versões de lutadores de Mixed Martial Arts”, autorizo a realização da mesma nas dependências desta Instituição.

***São Paulo,    de                                de 2014***

Ass. \_\_\_\_\_